



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO

CLÁUDIA TAMMY DA CRUZ ABREU

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA:
o *ethos* mítico no discurso político**

São Luís

2021

CLÁUDIA TAMMY DA CRUZ ABREU

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA: o *ethos* mítico
no discurso político**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestra em Letras, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva.

Linha de Pesquisa: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas

SÃO LUÍS

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

ABREU, CLÁUDIA TAMMY DA CRUZ.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA: :
o ethos mítico no discurso político / CLÁUDIA TAMMY DA
CRUZ ABREU. - 2021.

108 f.

Orientador(a): ANA LÚCIA ROCHA SILVA.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS,
2021.

1. Discurso Político. 2. Ethos. 3. Ethos mítico. 4.
Mito. 5. Semiologia. I. SILVA, ANA LÚCIA ROCHA.
II. Título.

CLÁUDIA TAMMY DA CRUZ ABREU

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA:
O *ETHOS* MÍTICO NO DISCURSO POLÍTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestra em Letras, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Rocha Silva.

Linha de Pesquisa: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ana Lúcia Rocha Silva
Orientadora (UFMA)

Prof. Dr. João Benvindo de Moura
Membro externo (UFPI)

Prof^a Dr^a Marize Barros Rocha Aranha
Membro interno (UFMA)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por abençoar meus passos na estrada da vida e me conduzir à realização deste projeto.

À minha mãe, Cida Cruz, por sempre me apoiar e acreditar em meus sonhos. Te amo, mãe!

A minhas filhas, Alice e Bianca, por me desafiarem a me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

A meus companheiros da turma de mestrado, Maria Luiza Girão Ferreira, Thays Costa Lisboa de Sá, Leudson da Silva Coelho, Ivânia Oliveira Dias e Silva, Natyara Carvalho Araújo, Flávia Louise Nogueira da Cruz Silveira, Bruno da Silva Rodrigues, Dandara Mesquita Melo e Flávia Regina da Silva Correa, por viverem comigo as alegrias e as angústias desta jornada.

Aos professores do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Maranhão, por seu comprometimento com a missão de orientar a produção do conhecimento.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Ana Lúcia Rocha Silva, por partilhar seu conhecimento comigo, por me ajudar a me encontrar em meio a tantas teorias, por acreditar na concretização deste projeto e, principalmente, por todo o carinho e atenção dedicados à nossa pesquisa.

“A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem”
(*Patrick Charaudeau*)

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter interdisciplinar, apresenta um estudo sobre a manifestação do *ethos* mítico no discurso político. O principal objetivo é investigar as características predominantes do *ethos* mítico e os fatores, internos e externos ao discurso, que levam à sua consolidação, transformando um indivíduo com o *status* de cidadão comum em um mito político. O *corpus* é composto por quatro discursos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, extraídos de momentos distintos de sua carreira política (dividida, para fins de organização da pesquisa, em fase sindicalista, fase diplomática e fase mítica). Quanto à natureza, corresponde a uma pesquisa básica ou pura, visando gerar conhecimento novo para o avanço dos estudos da linguagem através da compreensão do fenômeno de projeção mítica no discurso, o *ethos* mítico. Quanto aos instrumentos, optamos pela observação não-estruturada. Buscamos, nos discursos de Lula selecionados para esta pesquisa, os fatores que causaram as transformações em sua imagem ao longo do tempo e a consequente consolidação do *ethos* mítico. Quanto aos objetivos, enquadra-se como uma pesquisa exploratória. Compreendendo que o tema escolhido está longe de ser esgotado, iremos nos ater à tarefa de proporcionar uma visão geral, aproximativa, acerca do fenômeno do *ethos* mítico, com o intuito de formular hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Quanto aos procedimentos, consiste em uma pesquisa *ex-post-facto*. Investigamos possíveis relações de causa e efeito entre os elementos que tiveram influência na construção da imagem política de Lula e o fenômeno da consolidação do *ethos* mítico. As categorias aplicadas em nossas análises foram as circunstâncias de discurso, o contrato de comunicação, as estratégias discursivas, a influência do *ethos* e do *pathos* e o *ethos* mítico. Adotamos a nomenclatura empregada por Charaudeau ao tratar dos elementos da cena enunciativa: enunciador e coenunciador, locutor e interlocutor, sujeito enunciador e sujeito interpretante. Quanto à abordagem e à exposição dos resultados, seguimos o modelo qualitativo. Destacamos dos quatro discursos elementos que evidenciam as características formativas da imagem política de Lula e buscamos, na observação do conjunto destas características, compreender a formação do *ethos* mítico. O aporte teórico funda-se na Semiologia de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau. As categorias de análise aplicadas foram os modos de organização do discurso, os imaginários sociodiscursivos, as circunstâncias de discurso, o contrato de comunicação, as estratégias discursivas e as características do *ethos* e do *pathos* em cada discurso. O embasamento teórico emprega as definições de *ethos* e *pathos* em Charaudeau (2007, 2016a, 2016b, 2018), mito em Barthes (2013) e mitologias políticas em Girardet (1987). Para compreender o processo da aceitação da imagem mítica por parte dos sujeitos interpretantes, sentimos a necessidade de trazer para nossas análises as noções de Identidade (HALL, 2003, 2005; BAUMAN, 2005) e de Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e Proteção da Face (GOFFMAN, 1967). O foco desta pesquisa recai sobre a imagem que os atores políticos são capazes de projetar em seus discursos, seus *ethé*, e não sobre suas características pessoais, suas identidades. Entretanto, essas autoimagens construídas dentro do discurso não serão críveis se não dialogarem ao menos em parte com as identidades daqueles que enunciam. E não serão aceitas se empregarem níveis de polidez incongruentes com as situações de comunicação nas quais se inserem. Percebemos que o *ethos* mítico transborda o próprio conceito de *ethos* e se converte em uma estratégia argumentativa múltipla, replicando características da face, ou mesmo da identidade social do sujeito enunciador. As análises apontam que o *ethos* mítico no discurso político é um tipo de autoimagem patêmica construída pelo sujeito interpretante no interior do ato interenunciativo, em um movimento psicossociolinguístico de resposta à imagem mítica projetada pelo sujeito enunciador.

Palavras-chave: *Ethos mítico. Mito. Ethos. Discurso Político. Semiologia.*

ABSTRACT

This interdisciplinary research presents a study on the manifestation of the mythical *ethos* in political discourse. The main objective is to investigate the predominant characteristics of the mythical *ethos* and the factors, internal and external to the discourse, that lead to its consolidation, transforming a person with the status of ordinary citizen into a political myth. The *corpus* consists of four speeches by former President Luiz Inácio Lula da Silva, extracted from different moments of his political career (divided, for the purpose of organizing of the research, in the syndicalist phase, diplomatic phase and mythical phase). About nature, it corresponds to a basic or pure research, new knowledge generated for the advancement of language studies through the understanding of the phenomenon of mythic projection in discourse, the mythical *ethos*. About instruments, we opted for unstructured observation. We searched Lula's speeches selected for this research for the factors that caused transformations in his image over time and consolidation of the consequent mythical *ethos*. About the objectives, it consists in an exploratory research. Understanding that the chosen theme is far from being exhausted, we will go on with the task of providing an approximate overview of the phenomenon of mythical *ethos*, with the aim of formulating searchable hypotheses for further studies. About the procedures, it consists of an ex-post-facto research. We investigate possible cause-and-effect relationships between the elements that influence the construction of Lula's political image and the phenomenon of consolidation of the mythical *ethos*. The categories applied in our analyzes were the circumstances of discourse, the communication contract, the discursive strategies, the influence of *ethos* and *pathos* and the mythical *ethos*. We adopted the nomenclature used by Charaudeau when dealing with the elements of the enunciative scene: enunciator and co-enunciator, speaker and interlocutor, enunciating subject and interpreting subject. About approaching and presentation of results, we followed the qualitative model. We highlighted from the four discourses elements that evidence the formative characteristics of Lula's political image and seek, in the observation of these characteristics themselves, to understand the formation of the mythical *ethos*. The theoretical reference is based on Semiolinguistics of Discourse Analysis, by Patrick Charaudeau. The categories of analysis applied were the modes of organization of the discourse, the socio-discursive imaginaries, the circumstances of discourse, the communication contract, the discursive strategies and the characteristics of *ethos* and *pathos* in each discourse. The theoretical basis employs the definitions of *ethos* and *pathos* in Charaudeau (2007, 2016a, 2016b, 2018), myth in Barthes (2013) and political mythologies in Girardet (1987). In order to understand the process of acceptance of the mythical image by interpreting subjects, we felt the necessity to bring to our analysis the notions of Identity (HALL, 2003, 2005; BAUMAN, 2005) and Politeness (BROWN; LEVINSON, 1987) and Face Protection (GOFFMAN, 1967). The focus of this research goes over the image that political actors can project in their speeches, their *ethé*, and not over their personal characteristics, their identities. However, these self-images constructed within the discourse will not be believable if they do not dialogue at least in part with the identities of those who enunciate. And they will not be accepted if they employ levels of politeness that are inconsistent with the communication situations where they are. We noticed that the mythical *ethos* overflows the concept of *ethos* itself and becomes a multiple argumentative strategy, replicating characteristics of the face, or even the social identity of the enunciating subject. The analysis indicates that the mythical *ethos* in political discourse is a type of pathemic self-image constructed by the interpreting subject inside the interenunciative act, in a psicosociolinguistic movement of response to the mythical image projected by the enunciating subject.

Key words: *Mythical Ethos. Myth. Ethos. Political Discourse. Semiolinguistics.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação do processo de semiotização do mundo.....	19
Figura 2: Representação do ato interenunciativo	21
Figura 3: Representação dos sujeitos na encenação da linguagem.....	22
Figura 4: O triângulo de Aristóteles.....	31
Figura 5: O processo de influência no <i>ethos</i> mítico	40
Figura 6: Discurso de Lula ao Sindicato dos Metalúrgicos em 1980	49
Figura 7: Foto oficial do segundo mandato de Lula	51
Figura 8: Lula entrega a faixa presidencial a Dilma Rousseff, janeiro de 2011.....	53
Figura 9: As fases do <i>ethos</i> de Luís Inácio Lula da Silva	67
Figura 10: Lula discursa momentos antes de sua prisão, 27 de abril de 2018	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: O raciocínio argumentativo.....	27
Quadro 2: Imagens dos atores políticos.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
METODOLOGIA.....	15
CAPÍTULO I: <i>Fundamentação teórica</i>	17
1 O <i>ETHOS</i> MÍTICO NO DISCURSO POLÍTICO: uma pesquisa interdisciplinar.....	17
1.1 A Teoria Semiolinguística de Charaudeau.....	17
1.1.1 O ato de linguagem como encenação.....	20
1.1.2 As circunstâncias de discurso.....	22
1.1.3 O contrato de comunicação e as estratégias discursivas.....	24
1.1.4 Os modos de organização do discurso	26
1.1.5 Discurso político: o jogo de máscaras.....	28
1.2 Mas, afinal, o que é <i>ethos</i> ?.....	30
1.2.1 <i>Ethos</i> , <i>pathos</i> e <i>logos</i> : os três elementos da persuasão.....	30
1.2.2 A movência do conceito de <i>ethos</i>	32
1.2.3 A noção de <i>ethos</i> segundo Charaudeau.....	33
1.2.4 <i>Ethos</i> : uma estratégia do discurso político.....	34
1.3 O <i>ethos</i> mítico.....	37
1.3.1 O poder argumentativo do mito.....	37
1.3.2 O conceito de mito para Roland Barthes.....	39
1.3.3 Uma amálgama entre <i>ethos</i> e <i>pathos</i> : as características do <i>ethos</i> mítico.....	39
1.3.4 Face, Polidez e Identidade na construção do <i>ethos</i> mítico.....	41
1.3.5 O <i>ethos</i> mítico no discurso político.....	43
CAPÍTULO II: <i>Dimensão histórica</i>	45
2 A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO TRABALHISTA NO BRASIL: um panorama histórico.....	45
2.1 O movimento trabalhista no Brasil até 1960.....	45
CAPÍTULO III: <i>Análise do Corpus</i>	48
3 A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> MÍTICO DE LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA.....	48
3.1 As circunstâncias de discurso.....	48
3.1.1 As circunstâncias de discurso na 1ª fase.....	48
3.1.2 As circunstâncias de discurso na 2ª fase.....	50
3.1.3 As circunstâncias de discurso na 3ª fase.....	52

3.2 Quanto aos modos de organização do discurso.....	54
3.2.1 Organização da lógica argumentativa no 1º discurso	54
3.2.2 Organização da lógica argumentativa no 2º discurso	55
3.2.3 Organização da lógica argumentativa no 3º e 4º discursos	56
3.3 Os imaginários sociodiscursivos.....	57
3.3.1 Imaginários sociodiscursivos na 1ª fase.....	57
3.3.2 Imaginários sociodiscursivos na 2ª fase.....	58
3.3.3 Imaginários sociodiscursivos na 3ª fase.....	59
3.4 O contrato de comunicação.....	59
3.4.1 O contrato de comunicação da 1ª fase.....	59
3.4.2 O contrato de comunicação da 2ª fase.....	60
3.4.3 O contrato de comunicação da 3ª fase.....	61
3.5 As estratégias discursivas.....	62
3.5.1 Estratégias discursivas empregadas na 1ª fase.....	62
3.5.2 Estratégias discursivas empregadas na 2ª fase.....	63
3.5.3 Estratégias discursivas empregadas na 3ª fase.....	63
3.6 As estratégias de Polidez e Proteção da Face.....	64
3.7 Manifestação do <i>pathos</i>	65
3.8 A construção do <i>ethos</i>.....	66
3.8.1 A imagem discursiva do Lula sindicalista.....	67
3.8.2 A imagem discursiva do Lula presidente.....	68
3.8.3 A imagem discursiva do Lula ex-presidente: o <i>ethos</i> mítico.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS.....	80

INTRODUÇÃO

Grandes movimentos sociais se fortalecem em torno da imagem de um líder, que representa a personificação de suas demandas. A sociedade brasileira transita por um momento de polarização política, que mescla questões religiosas, culturais e político-partidárias. Esta pesquisa se reveste de importância ao provocar uma reflexão acerca dos elementos centrais deste fenômeno de polarização: os mitos políticos, figuras sobre as quais nos debruçaremos com o intuito de desvendar as origens e as características do *ethos* mítico.

A escolha deste tema foi motivada pela necessidade de compreender o fenômeno dos mitos políticos, fruto de uma intensa curiosidade em relação às paixões que regem o partidarismo, a riqueza da construção argumentativa que é capaz de elevar um ator político a derrubar seus adversários, a gerar discussões acirradas sobre quem é o melhor candidato para determinado cargo.

Nesta pesquisa, propusemo-nos a investigar como surge uma manifestação do *ethos* mítico e quais seriam as suas principais características. Para responder às nossas questões norteadoras, debruçamo-nos sobre o *ethos* do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, compreendendo-o como a principal estratégia discursiva empregada em seus discursos e uma espécie de imagem mítica.

Depreendemos de nossas análises que a consolidação do *ethos* mítico está condicionada a alguns fatores internos e a outros externos ao discurso. A existência do *ethos* mítico se concretiza no âmbito da linguagem. É o mito transformado em uma imagem discursiva. Podemos apontar diversos mitos, heróis nacionais e internacionais, no esporte, na música, no cinema e em outras esferas, mas não podemos citá-los como exemplos de manifestação do *ethos* mítico. Esses indivíduos não proferiram discursos míticos. Então, não há a consolidação de uma imagem discursiva mítica.

Um mito político surge através de uma resposta do interlocutor à imagem projetada pelo sujeito enunciador, dentro de uma situação de comunicação que concretize as demandas de seus imaginários sociodiscursivos. Um mito não surge do nada. O indivíduo passa por fases de transformação em seu *ethos* para abandonar o *status* de cidadão comum e se transformar em um mito político. É necessário que haja elementos de conexão entre a origem, a maturação e a consolidação da imagem mítica, para que esta faça sentido para os interlocutores.

O termo *ethos* mítico, com o sentido aqui proposto, é de nossa autoria. A significação de *ethos* mítico moldada ao longo desta pesquisa nasce de um diálogo entre os conceitos de *ethos* e de *pathos* de Charaudeau, da noção de mito em Barthes e de mitos políticos em Girardet.

Constitui-se em uma categoria de análise empregada nesta pesquisa para denominar a máscara discursiva cujos argumentos alcançam adesão de uma numerosa quantidade de interlocutores, levando a um grande impacto na história de uma região ou, em maior proporção, da humanidade.

Charaudeau (2016a; 2007) define que o *ethos* é uma autoimagem produzida no interior do ato interenunciativo, pois as escolhas feitas durante processo de produção da fala contribuem para determinar como o locutor será percebido pelos seus interlocutores. *Pathos*, segundo o autor, é uma estratégia consciente de apelo à emoção, uma manifestação de “racionalidade subjetiva” que transforma um objeto imaginado em um real significante.

O mito é apresentado por Barthes (2013)¹ como uma manifestação persuasiva que associa língua e poder e cuja existência só é possível no plano da linguagem. Elemento central das proposições de Barthes, o mito se traduziria em uma mensagem com força capaz de influenciar ações, pensamentos e toda a vida em sociedade.

Segundo Girardet (1987) um mito político não nasce mito, mas pode se instituir como tal. Adverte ainda que mito político não é simplesmente um fenômeno, uma pessoa, um partido ou uma ideia, mas, sim, a representação que se faz de determinados fenômenos, pessoas ou ideias.

A união dessas correntes de pensamento leva-nos à hipótese de que o *ethos* mítico é um tipo de imagem mítica de si, que dialoga diretamente com a emoção, o *pathos*, ao tocar os imaginários sociodiscursivos dos sujeitos que se deseja convencer. Uma máscara discursiva de impressionante valor argumentativo, moldada para atingir o interlocutor e modificada pelos seus filtros construtores de sentido, que surge no discurso com um certo alcance para depois adquirir uma proporção infinitamente maior, sem o controle de nenhum dos parceiros da troca linguageira.

Tratamos aqui de *ethos* e não de identidade, visto que nosso foco recai sobre a imagem que esses atores são capazes de projetar em seus discursos, e não sobre suas características pessoais. Mas é importante destacar que essa autoimagem construída dentro do discurso, para ser crível, deve dialogar pelo menos em parte com a identidade daquele que enuncia. Sentimos a necessidade de trazer para nossas análises as noções de Identidade e de Polidez, ao percebermos que o *ethos* mítico transborda o próprio conceito de *ethos* e se converte em uma estratégia argumentativa múltipla, replicando características da face, ou mesmo da identidade social do sujeito enunciador.

¹ Original de 1957

O discurso político é apontado por Charaudeau (2018) como o lugar social do jogo de máscaras onde linguagem, ação, poder e verdade se entrelaçam. Trata-se de um campo no qual todos os seus subcampos (discurso de direita, de esquerda, fascista, totalitário, democrático, extremista etc.) seguem as mesmas condições de existência e estratégias-padrão. Este campo discursivo foi escolhido para a investigação do nosso objeto de pesquisa dada “a predominância do *ethos* e do *pathos* no discurso político” (2018, p. 309).

É possível identificar várias investigações científicas a respeito da imagem política do ex-presidente Lula, além de diversos trabalhos sobre a atuação do *ethos* no discurso político e sobre o fenômeno dos mitos políticos. Silva (2005) explora a construção da imagem pública de Lula pela revista *Veja* nas eleições de 1998 a 2002. Silva Júnior (2005) trata das mudanças do discurso de Lula nas eleições presidenciais de 1989, 1994, 1998 e 2002. Bezerra (2006, 2011) e Bezerra & Lima (2009) abordam Lula enquanto mito, seus discursos, sua atuação política e sua imagem no cenário midiático. Gomes (2006) discorre sobre a formação da imagem pública de Lula através do horário gratuito de propaganda eleitoral nas eleições de 1989, 1994, 1998 e 2002. Miguel (1998, 2000) aborda a relação entre mito e discurso político através da análise da campanha eleitoral de 1994. Tomaz & Gouvêa (2017) conduzem um estudo do *ethos* nos discursos não-oficiais de Lula.

Situada na linha de pesquisa Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas, este estudo tem como área de concentração a Argumentação no Discurso Político, por meio da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, abordagem teórico-metodológica criada por Patrick Charaudeau. Da Teoria Semiolinguística extrairemos as noções basilares da pesquisa (circunstância de discurso, contrato de comunicação, estratégias discursivas, *ethos* e *pathos*) além do modo de tratamento dos dados e os termos empregados para designar os parceiros do ato de linguagem (enunciador e sujeito interpretante).

Os discursos do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foram selecionados como *corpus* desta análise por serem, a nosso ver, um exemplo contemporâneo de manifestação do *ethos* mítico. Para realizar esta escolha, levamos em consideração o seguinte: não basta que o enunciador se autoproclame um mito, seu discurso deve carregar as nuances do que representa ser um mito. A autoimagem produzida dentro desse discurso deve invocar a imagem mítica idealizada pelo imaginário do grupo de indivíduos que se quer atingir.

O capítulo 1 traz as bases da Teoria Semiolinguística, posicionando nesse quadro as noções de sujeito, linguagem, discurso e os modos de organização, bem como os elementos da encenação argumentativa, as circunstâncias de discurso, o contrato de comunicação e as

estratégias do discurso político. Abordamos o *ethos* e o *pathos* como estratégias discursivas. Refletimos sobre os conceitos de mito e de *ethos* mítico e sua consolidação no discurso político.

O capítulo 2 versa sobre os aspectos históricos da pesquisa. Levantamos momentos preponderantes da vida de Lula, seu envolvimento com as lutas trabalhistas, a atuação junto ao sindicato dos metalúrgicos do ABC, sua carreira política, bem como os anos na presidência e pós-presidência, compreendendo que o *ethos* mítico tem uma parcela de seu surgimento no passado histórico do enunciador que o sustenta.

O capítulo 3 consiste na análise do *corpus*. Observamos as características predominantes do *ethos* nos discursos do ex-Presidente Lula em diferentes momentos de sua atuação no campo político, com o intuito de compreender de que modo se realiza a consolidação do *ethos* mítico.

É para nós motivo de orgulho e empolgação conduzir esta pesquisa. Trata-se de um estudo pioneiro no campo em que se propõe: o diálogo entre *ethos* e mito no campo do discurso político sob o viés da Teoria Semiolinguística. Até o momento da escrita deste texto, não foi encontrado nenhum outro trabalho que discorra sobre o *ethos* mítico, bem como nenhum trabalho empregando a terminologia *ethos* mítico da maneira como aqui propusemos-nos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa segue o modelo do Materialismo Histórico, visto que a interpretação do fenômeno em questão (o *ethos* mítico no discurso político) perpassa a dimensão histórica dos processos sociais, dos modos de produção e da superestrutura política. Para compreender o processo de construção do *ethos* mítico no discurso político, partimos da hipótese de que a imagem política do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva é uma manifestação do *ethos* mítico.

Nosso *corpus* é composto por quatro discursos do ex-Presidente Lula: o Discurso de Lula dirigindo-se aos sindicalistas, em 17 de abril de 1980; o Discurso de Lula enquanto Presidente da República, no Fórum Mundial de Davos, em 26 de janeiro de 2003; o discurso de Lula como ex-Presidente do Brasil, na sede do Sindicato dos Trabalhadores do ABC Paulista, momentos antes de sua prisão, dia 07 de abril de 2018; e o discurso do ex-Presidente na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, após a anulação das condenações da Operação Lava Jato e respectiva devolução de seus direitos políticos, em 10 de março de 2021. Esses discursos foram escolhidos como *corpus* por representarem momentos distintos de sua atuação política, com visível mudança nas circunstâncias discursivas, nos sujeitos destinatários e na intencionalidade comunicativa.

Para fins de análise, dividimos a carreira política de Luiz Inácio Lula da Silva em três momentos distintos que, a nosso ver, apresentam fases diferentes da construção de seu *ethos*, culminando com a consolidação do *ethos* mítico. As referidas fases foram delimitadas com base nas mudanças no contrato de comunicação, na escolha das estratégias argumentativas e no posicionamento do sujeito-enunciador diante do ato de linguagem. Cada um dos discursos que compõem nosso *corpus* corresponde a uma dessas três fases, sendo a fase mítica representada por dois discursos.

Quanto aos objetivos, enquadra-se como uma pesquisa exploratória. Compreendendo que o tema escolhido está longe de ser esgotado, iremos nos ater à tarefa de proporcionar uma visão geral, aproximativa, acerca do fenômeno do *ethos* mítico, com o intuito de formular hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Nosso raciocínio será guiado pelo método indutivo, “[...] parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares (GIL, 2014, p. 10)”.

Quanto aos instrumentos, optamos pela observação não-estruturada. Buscamos nos discursos de Lula selecionados para esta pesquisa os fatores que causaram as transformações em sua imagem ao longo do tempo e a consequente consolidação do *ethos* mítico.

Quanto à natureza, corresponde a uma pesquisa básica ou pura, visando gerar conhecimento novo para o avanço dos estudos da linguagem através da compreensão do fenômeno de projeção mítica no discurso, o *ethos* mítico.

Quanto aos procedimentos, consiste em uma pesquisa *ex-post-facto*. Investigamos possíveis relações de causa e efeito entre os elementos que tiveram influência na construção da imagem política de Lula e o fenômeno da consolidação do *ethos* mítico.

Quanto à abordagem e à exposição dos resultados, seguimos o modelo qualitativo. Destacamos dos quatro discursos elementos que evidenciem as características formativas da imagem política de Lula e buscamos, na observação do conjunto destas características, compreender a formação do *ethos* mítico.

De caráter interdisciplinar, esta pesquisa proporciona um interessante diálogo entre o conceito de mito de Roland Barthes (2013), de mitos políticos de Girardet (1987) e os estudos sobre a atuação do *ethos* e do *pathos* no discurso político de Patrick Charaudeau (2018). Apesar de não ser o foco desta pesquisa, empregamos as noções de identidade, de Hall (2003, 2005) e de Bauman (2005), o conceito de face de Goffman (1980) e de polidez de Brown e Levinson (1987) ao compreender o *ethos* mítico como um fenômeno que adquire força argumentativa ao se converter da formação de uma identidade social para uma identidade discursiva.

As categorias aplicadas em nossas análises foram: as circunstâncias de discurso, o contrato de comunicação, as estratégias discursivas, a influência do *ethos* e do *pathos* e o *ethos* mítico. Adotamos a nomenclatura empregada por Charaudeau ao tratar dos elementos da cena enunciativa: enunciador e coenunciador, locutor e interlocutor, sujeito enunciador e sujeito interpretante.

Sobre a questão do envolvimento, recorremos ao modelo clássico de pesquisa, que propõe o máximo distanciamento entre o pesquisador e o objeto, na busca por “[...] uma atitude absoluta de neutralidade em relação ao fenômeno pesquisado” (GIL, 2014, p. 29). É importante destacar que não temos filiação com nenhum partido ou ideologia política: nosso interesse no objeto desta pesquisa é fundamentalmente analítico.

CAPÍTULO I: *Fundamentação Teórica*

1 O *ETHOS* MÍTICO NO DISCURSO POLÍTICO: uma pesquisa interdisciplinar

Neste capítulo, explanaremos os pressupostos teóricos que serviram de base para a construção desta pesquisa. Para compor a definição de *ethos mítico* utilizada em nossas análises, recorremos a noções da Análise do Discurso, através da Teoria Semiociológica de Patrick Charaudeau (2007, 2016a, 2016b, 2018), abordagem interdisciplinar que sofre grande influência da Psicologia Social, e da Filosofia com Barthes (2013) e Girardet (1987). A seguir, detalharemos os conceitos empregados.

1.1 A Teoria Semiociológica de Patrick Charaudeau

A Teoria Semiociológica (doravante TS), abordagem teórico-metodológica criada por Charaudeau que trata dos fenômenos da linguagem levando em consideração o contexto social e os aspectos psicológicos dos sujeitos envolvidos no ato de linguagem, define que “A linguagem mantém uma estreita relação com o contexto psicossocial na qual ela se realiza (CORREIA-ROSADO, 2014, p.3)”. Consiste em uma vertente da Análise do Discurso que faz distinção entre sentido de língua e sentido de discurso e considera o sujeito em seus aspectos individuais e coletivos.

Charaudeau (2016a: p. 17) defende que a linguagem é um objeto não transparente, os sentidos transitam entre a palavra pronunciada e aquilo não emerge à superfície, já que “[...] o ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita”. Traço linguístico do ato de linguagem, “O explícito testemunha uma atividade estrutural da linguagem (REBELLO: 2017, p. 14)”. Esse explícito salta de seu próprio significado para dialogar com o contexto sócio-histórico, transformando o ato de linguagem em “[...] um objeto duplo, constituído de um Explícito (que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação) (REBELLO: 2017, p. 14)”.

Quanto à nomenclatura, no termo Semiociológica,

Sémio – vem de sémiosis – sinaliza que a construção do sentido e sua configuração se fazem por meio de uma relação forma-sentido; já o termo – linguística lembra que a forma de ação pretendida pelo sujeito-comunicante é, sobretudo, constituída por um material linguageiro oriundo das línguas naturais (CHARAUDEAU, 1995, p. 98).

A TS surge como uma teoria pluridisciplinar, englobando em suas análises o linguístico e o extralinguístico. Na consolidação dessas análises, “Uma tal abordagem do discurso tem múltiplas filiações: pragmática, psicossociológica, retórico-enunciativa, e mesmo socioideológica (CHARAUDEAU, 2005, p. 13)”. O ato de linguagem é moldado pelo fenômeno psicossocial no qual está inserido, prova de que “a linguagem não consiste somente em expressões linguísticas, mas tais expressões são interpretadas de formas não previstas (CAVALCANTE, 2019, p. 91)”.

Teoria e método são indissociáveis no campo de estudo criado por Charaudeau, “[...] pelo fato de que a teoria é determinada pelo método e que, ao mesmo tempo, o institui (CHARAUDEAU, 2016a, p. 17)”. Nas análises conduzidas pelos preceitos da TS, a maneira como se enxerga o objeto de estudo incide sobre a maneira de conduzir sua exploração.

Segundo o autor, a TS representa um ponto de intersecção entre dois tipos de práticas metodológicas: as *atividades de abstração*, nas quais os níveis de organização são criados pela observação de “diferenciações na manifestação languageira, pela quantidade de comparações, depois por transformações e/ ou por analogias-homologias (2016a, p. 17)”; e as *atividades de elucidação*, que se desenvolvem seguindo “[...] o percurso da manifestação languageira em função de um contexto (2016a, p. 18)”.

Em oposição à noção da linguagem como um objeto transparente, analisado tão somente por meio de atividades de abstração, classificado e tabelado em estruturas fixas (os universais da linguagem), “O método seguido deverá então ser duplo: elucidante do ponto de vista do *como* e abstratizante do ponto de vista do *do quê* (2016a, p. 21)”.

A problemática semiolinguística do estudo do discurso “[...] consiste em relacionar entre si determinados questionamentos que tratam do fenômeno da linguagem – sendo uns mais externos (lógica das ações e influência social), outros mais internos (construção do sentido e construção do texto) (2005, p. 13)”.

O campo semiolinguístico é constituído por atitudes antinômicas. Integra a visão de um sujeito, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Acolhe uma linguagem produzida pela concordância e pela discordância. Enxerga a criação dos signos a partir de uma escolha individual e das relações de entendimento que dela procedem, em “[...] um jogo de *agressão e de cumplicidade* jogado pelos atores da linguagem, na afirmação de uma *especificidade* e de um *consenso* que se interpelam (2016a, p. 20)”.

O fenômeno de semiotização do mundo consiste em um duplo processo: um processo de transformação e um processo de transação.

O processo de transformação é dado a partir de quatro tipos de operação:

- a - *Identificação*: processo que transforma os seres do mundo em identidades nominais.
- b - *Qualificação*: processo que transforma os seres do mundo em identidades descritivas.
- c - *Ação*: processo que transforma os seres do mundo em identidades narrativas.
- d - *Causação*: processo no qual os seres do mundo agem ou sofrem a ação que os inscrevem numa cadeia de causalidade.

Figura 1: Representação do processo de semiotização do mundo



Fonte: Charaudeau, p. 12, 2005

O processo de transação é guiado por quatro princípios:

- a - *Princípio de alteridade*: o ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros, em um lugar comum de referências e finalidades onde cada um desempenha um papel particular.
- b - *Princípio de pertinência*: os parceiros do ato de linguagem devem conhecer os universos de referência do objeto da transação linguageira, os saberes implicados no ato de linguagem em questão.
- c - *Princípio de influência*: o ato de linguagem visa atingir seu parceiro, modificando suas ações, sentimentos ou pensamentos.
- d - *Princípio de regulação*: ação contrária à influência.

Essa nova visão do estudo do fenômeno linguageiro é marcada pela importância dada tanto ao processo de transformação quanto ao processo de transação, tratando-os como dois fenômenos complementares. A TS considera que os significados são criados a partir das intervenções humanas, visto que “[...] o mundo não é dado a princípio, ele *se faz* por meio da estratégia humana de significação (2016a, p.20)”.

Veja este exemplo:

Maria encontra Laura na rua e diz:
 - Nossa! Você está diferente!
 Laura, contente, toca em sua blusa nova e responde:
 - Obrigada!

O exemplo acima evidencia o que Charaudeau denomina *expectativa múltipla* da troca linguageira. Temos o sujeito enunciador, Maria, que pode estar apontando (1) a roupa de Laura, ou (2) algo novo em seu jeito de andar, (3) sua postura, ou ainda (4) um estado de espírito diferente de seu habitual. A frase “*Você está diferente!*” pode ser um elogio ou uma crítica, a interjeição “*Nossa!*” pode figurar tanto um susto quanto uma boa surpresa. E temos o sujeito interpretante, Maria, que escolhe deduzir da frase “*Nossa! Você está diferente!*” o sentido “*Sua blusa é muito bonita*”.

Logo, a dupla dimensão do fenômeno linguageiro comporta dois aspectos: a *simbolização referencial* e a *significação*. A simbolização referencial corresponde ao explícito. Os enunciados fazem referência à realidade que nos cerca (atividade referencial), conceituando-a (atividade de simbolização). A significação corresponde ao implícito. Um enunciado pode trazer diversos significados, variando quanto à intencionalidade daquele que fala e quanto às circunstâncias de produção daquele enunciado.

1.1.1 O ato de linguagem como encenação

CHARAUDEAU declara que “[...] a linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo um ‘*savoir-faire*’ (2016a, p. 7)”. Vivemos em um mundo de máscaras e exercemos diversos papéis, sendo a encenação discursiva “[...] a condição *sine qua non* para poder comunicar (2016a, p. 8)”.

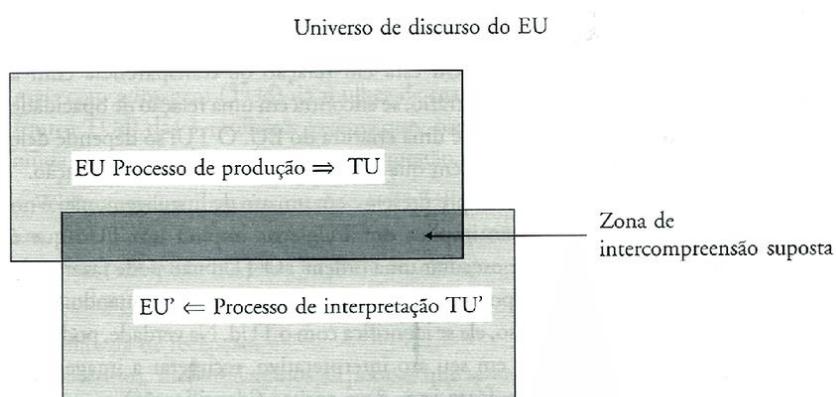
Este *savoir-faire*, também chamado competência, encontra-se estruturado em três níveis:

O **nível situacional**, indicando que a linguagem atua sempre no interior de uma situação de comunicação. É o nível dos elementos externos ao ato de linguagem, “[...] a *finalidade* de cada situação e a *identidade* daqueles (locutores e interlocutores) que se acham implicados e efetuam trocas entre si (CHARAUDEAU, 2016a, p. 7)”.

O **nível semântico**, onde o sujeito combina seu jeito de dizer com o que deve ser dito, ou seja, as formas verbais (gramaticais ou lexicais) e “[...] os dados da situação de comunicação e os mecanismos de encenação do discurso (CHARAUDEAU, 2016a, p. 7)” para construir sentido.

O **nível semiolinguístico**, que organiza a encenação do ato de linguagem. As escolhas linguísticas irão ordenar as formas dos signos, suas regras de combinação e seu sentido para cada intenção comunicativa “[...] recorrendo às categorias que cada língua nos oferece (CHARAUDEAU, 2016a, p. 7)”.

Figura 2: Representação do ato interenunciativo



Fonte: Charaudeau, 2016a, p. 45

O conjunto formado pelas três competências (situacional, semiolinguística e semântica) forma a *competência discursiva*, a mola propulsora na produção dos atos de linguagem, “[...] portadores de sentido e de vínculo social (CHARAUDEAU, 2016a, p. 7)”.

Nem sempre a intenção de comunicação do enunciador será corretamente decifrada pelo sujeito interpretante. Interferem neste processo a imagem que os interlocutores fazem um do outro e seus saberes e crenças diante da situação de comunicação. O ato de linguagem corresponde a uma aposta “[...] que tem por alvo nosso interlocutor que pode – ou não – interpretar corretamente a mensagem que estamos querendo transmitir (2016a, p. 44)”.

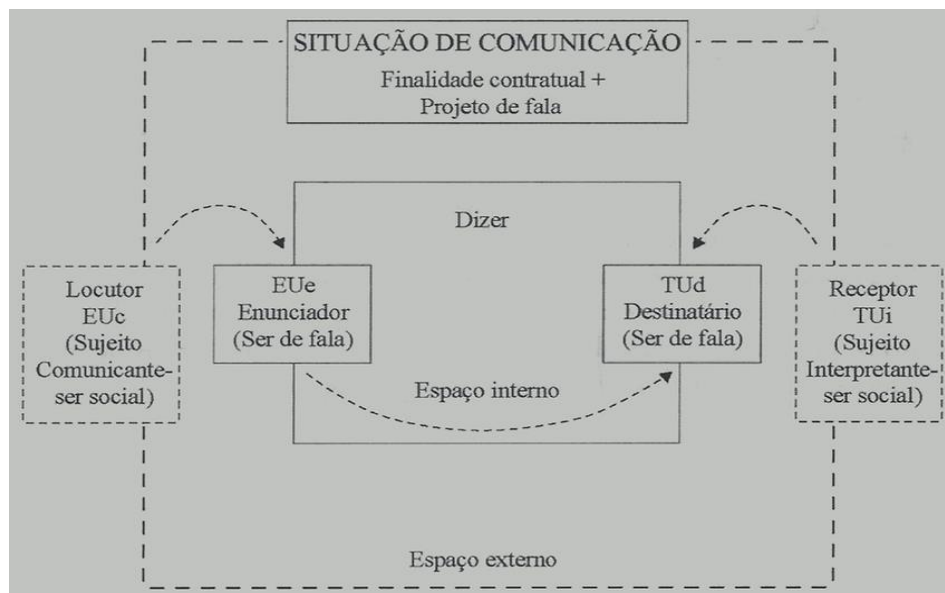
Designando EU como o sujeito produtor e TU como o sujeito interlocutor, Charaudeau (2016a, p.45-48) define o ato de linguagem como um *ato interenunciativo* entre quatro sujeitos (ao invés de dois), a saber:

- um sujeito comunicante (EUc), produtor da fala;

- um sujeito enunciador (EUe), uma imagem do enunciador fabricada pelo TUi como uma hipótese da intencionalidade do EUc;
- um sujeito destinatário (TUd), construído pelo EU como destinatário ideal;
- e um sujeito interpretante (TUi), responsável pelo domínio de interpretação que escapa do EU.

“EUe é apenas uma *máscara de discurso* usada por EUc (2016a, p. 49)”, além de ser responsável por “[...] um certo *efeito de discurso* produzido sobre o Interpretante (2016a, p. 51)”.

Figura 3: Representação dos sujeitos na encenação da linguagem



Fonte: Charaudeau, 2016a, p.52

É essa dinâmica interenunciativa que vai definir os papéis designados aos diferentes sujeitos que participam do ato de linguagem: sujeitos psico-socio-linguageiros, internos e externos ao ato de linguagem, que contribuem para uma construção psico-socio-linguageira do sentido.

1.1.2 As circunstâncias de discurso

As condições de produção e interpretação do ato de linguagem (ou circunstâncias de discurso) “[...] correspondem a algumas das *representações coletivas* que uma determinada sociedade (ou grupo social) constrói para si; seja por meio de outros discursos que ela produz

em uma mesma ocasião, seja em outras circunstâncias (2016a, p.29)”. O ato de linguagem (A de L) corresponde às relações estabelecidas entre um Explícito e um Implícito em determinadas circunstâncias de discurso (C de D), como é proposto por Charaudeau (2016a, p.27) na equação:

$$A \text{ de } L = [\text{Explícito} \times \text{Implícito}] \text{ C de D}$$

As circunstâncias de discurso correspondem a “um conjunto de saberes partilhados que comandam o ambiente material (2016a, p. 32)”. Os Implícitos, ligados às circunstâncias do discurso, trazem diferentes sentidos a um Explícito que tenta constantemente se fixar. Logo, “[...] esses *possíveis interpretativos* nos são sugeridos pelo contexto e não pelo dicionário (2016a, p. 29)”. A finalidade da estrutura linguística é incompleta fora de seu uso. O conhecimento das normas gramaticais é ineficaz se não acompanhar o conhecimento das nuances que permeiam a situação discursiva: a identidade dos sujeitos envolvidos e seus objetivos face à troca linguageira.

As circunstâncias de discurso sofrem influência dos imaginários sociodiscursivos dos sujeitos participantes do ato de linguagem. Charaudeau define o imaginário como uma forma de entendimento do mundo criada na mecânica das representações sociais, que transforma a realidade. Esse imaginário “resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva (2017, p. 578)”. Podemos falar de um imaginário pessoal, que replicará traços da história do indivíduo, ou um sentimento de pertencimento comunitário, ou ainda uma evidência moral universalmente compartilhada. Mas há também os imaginários coletivos, que variam segundo a natureza do grupo. Desse modo,

[...] esse imaginário pode ser qualificado de sóciodiscursivo na medida em que se cria a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala. De fato, ele resulta da atividade de representação que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. [...] Logo, os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2017, 579).

Esta reflexão aponta dois aspectos distintos das condições de produção e interpretação do ato de linguagem: *a atitude que o enunciador e o sujeito interpretante mantém diante do propósito linguageiro* (o investimento de suas práticas sociais); e *a relação que o enunciador*

e o sujeito interpretante mantém um com o outro (o filtro construtor do sentido dos protagonistas do ato de linguagem).

São os filtros construtores de sentido que determinam as interpretações dos sujeitos, por meio da seleção de saberes empregados para decifrar determinado enunciado, em concordância com as experiências vividas e partilhadas pelos sujeitos envolvidos no ato linguageiro. É o conjunto formado pelos diferentes saberes dos protagonistas da linguagem e os seus pontos de vista que determina as circunstâncias de discurso. Entra em cena “[...] o processo de transação (base da construção do contrato de comunicação) entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante-destinatário (CHARAUDEAU, 1995, p. 101)”.

O signo não corresponde a uma unidade autônoma de sentido, já que sua interpretação está condicionada aos filtros de saberes construídos tanto pelo Enunciador quanto pelo Interpretante. De acordo com Charaudeau (2016a, p. 31),

O sujeito interpretante está sempre criando hipótese sobre o saber do enunciador, como se fosse impensável que um indivíduo produzisse um ato de linguagem que correspondesse exatamente à sua intenção, ou seja, um ato de linguagem que fosse “transparente”. De forma análoga, vimos que, para o sujeito enunciador, falar ou escrever é uma atividade que envolve criação de hipóteses sobre o saber do sujeito interpretante.

Da mesma maneira, o signo é tido como não pleno, já que o ato de linguagem forneceria apenas marcas semiológicas que funcionam como índices portadores de “[...] instruções de sentidos sistematizadas (CORRÊA-ROSADO, 2014, p. 4)”. Mesmo havendo certa estabilidade no sentido das palavras, o signo só atinge sua plenitude dentro do discurso.

O signo linguageiro apresenta uma *qualificação referencial* (valor de designação) e uma *funcionalidade* (valor de uso). As unidades morfêmicas que compõem a manifestação linguageira são marcas que contribuem para formar o signo na significação do ato de linguagem.

1.1.3 O contrato de comunicação e as estratégias discursivas

Charaudeau (2013) afirma que todo discurso está condicionado a um acordo prévio entre seus participantes, que ele denomina *contrato de comunicação*. Segundo o autor, “os indivíduos que querem comunicar entre si devem levar em conta os dados da situação de comunicação (2013, p. 68)”, afinal, “como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se

não existisse um quadro de referência? (2013, p. 67)”. Tanto o locutor quanto o interlocutor estão sujeitos às regras desse contrato.

Para garantir que interação entre os sujeitos envolvidos na troca linguageira seja bem-sucedida “[...] o EUc deve organizar o que está disponível no conjunto de suas competências, levando em conta a margem de liberdade e de restrições de ordem relacional de que dispõe (2016a, p. 56)”. Trata-se de lançar mão de contratos e estratégias no interior de cada discurso.

O contrato de comunicação interage com “[...] o saber em comum que circula entre os protagonistas da linguagem, ou os ‘filtros’ utilizados pelos seres comunicantes, a fim de dar um sentido aos seus discursos, de adaptá-los às práticas sociais e comunicativas (MACHADO, 1992, p. 26)”. A ideia de contrato, segundo Charaudeau (2016a, p. 56)

[...] pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de *reconhecimento* análoga à sua.

Segundo Charaudeau (2012), o contrato resulta das características próprias à situação de troca, os dados externos (identidade, finalidade, propósito e dispositivo), e das características discursivas decorrentes, os dados internos (espaço de locução, espaço de relação e espaço de tematização). Todos os sujeitos envolvidos no ato de linguagem conhecem, de antemão, as regras formadoras daquele contrato. Cada discurso é único, pois possui um contrato de comunicação próprio, com um quadro de referências adequado à situação de troca na qual surge.

As *estratégias discursivas* são os meios empregados pelo sujeito-enunciador para convencer o sujeito-interpretante da legitimidade de sua fala. As estratégias empregadas no discurso devem ser integradas à margem de manobra oferecida ao enunciador diante das restrições impostas pelo contrato de comunicação. A ideia de estratégia

[...] repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados *efeitos* – de persuasão ou sedução – sobre o sujeito interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário real (TUD) construído por EUc (CHARAUDEAU: 2016a, p. 56).

Charaudeau e Maingueneau (2006) afirmam que o sujeito enunciador emprega três espécies de estratégias em sua fala: as estratégias de *legitimidade* buscam determinar a posição de autoridade do sujeito, as estratégias de *credibilidade* buscam determinar a posição de

verdade do sujeito e as estratégias de *captação* buscam fazer o parceiro da troca comunicativa entrar no quadro de pensamento do sujeito falante.

Nesse sentido, o ato de linguagem apresenta dois espaços: um *espaço de restrições*, delimitado pelo contrato de comunicação, e um *espaço de estratégias* que corresponde ao leque de possibilidades argumentativas dado ao sujeito para encenar seu discurso.

1.1.4 Os modos de organização do discurso

Os modos de organização do discurso correspondem a “[...] princípios de organização da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante (CHARAUDEAU, 2016a, p. 68)”. São procedimentos de ordem languageira que consistem no uso de certas categorias de língua, escolhidas em função das finalidades discursivas do ato de linguagem. Estas categorias de língua encontram-se divididas em quatro modos: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo.

O *modo de organização enunciativo* estabelece a posição do sujeito falante na encenação do ato de linguagem. Logo, está presente no interior dos outros três modos. Tem como função base a relação de influência (EU>TU), o ponto de vista do sujeito (EU>ELE), e a retomada do que já foi dito (ELE). Os seus princípios de organização são a posição em relação ao interlocutor, ao mundo e a outros discursos.

O *modo de organização descritivo* apresenta-se com três possibilidades de construção: dar existência a um sujeito (nomear / procedimentos de identificação), indicar o lugar no espaço e no tempo que este sujeito ocupa (localizar / construção objetiva do mundo) ou identificar as características constitutivas do sujeito (qualificar / construção ora objetiva, ora subjetiva do mundo).

O *modo de organização narrativo* apresenta uma dupla articulação. De um lado, a organização da lógica narrativa (uma sucessão de ações segundo uma lógica que constrói a trama da história, cujos componentes são os actantes, os processos e as sequências), de outro a organização da encenação narrativa (a construção do universo a ser narrado).

O *modo de organização argumentativo* tem por função “[...] **expor e provar casualidades** numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor (CHARAUDEAU, 2018, p. 75, grifo do autor)”. Relaciona-se a um saber, que tenta ancorar-se a um fato, ação ou experiência humana através do encadeamento de ideias. É bem mais que proferir uma sequência de encadeamentos lógicos, de orações e de conectivos. Charaudeau (2016a) afirma que a

argumentação não se constitui de uma das categorias da língua, mas de uma atividade estruturante do discurso.

Para que haja argumentação, é necessário que exista uma proposta sobre o mundo, um questionamento sobre essa proposta, um sujeito disposto a desenvolver um raciocínio sobre essa proposta e um outro sujeito que constituir-se-á em alvo da exposição de argumentos. Desse modo, a organização da lógica argumentativa inclui três componentes: a *asserção de partida* (premissa) representa a ideia repassada pelo sujeito argumentante e que deve ser aceita pelo sujeito-alvo; a *asserção de chegada* (conclusão) é construída ao longo de todo o discurso, por meio de uma relação de causalidade; a *asserção de passagem* (inferência, argumento ou prova) consiste no universo de crença compartilhado por todos os interlocutores da situação discursiva. Argumentar é “fazer com que este outro não faça reflexões sobre a fala em questão e se deixe levar pelos movimentos de seus afetos (CHARAUDEAU, 2007, p. 245)”. É a arte ou técnica de gerenciar informações a fim de convencer (conduzir a pensar de um certo modo – campo das ideias) e persuadir (sensibilizar a agir – terreno das emoções) o interlocutor.

Quadro 1: O raciocínio argumentativo

Resumo dos modos de raciocínio	
DEDUÇÃO	- por silogismo - pragmática - condicional
EXPLICAÇÃO	- por silogismo - pragmática - por cálculo - hipotética
ASSOCIAÇÃO	- dos contrários - do idêntico
ESCOLHA ALTERNATIVA	- incompatibilidade - escolha entre positivo/negativo - escolha entre duas negativas - escolha entre duas positivas
CONCESSÃO RESTRITIVA	- por negação da conclusão inicial

Fonte: Elaboração própria com base em Charaudeau, 2016, p. 220

Segundo a Nova Retórica, a Teoria da Argumentação criada por Perelman (1996) em uma releitura da retórica aristotélica, quando se deseja empregar um discurso a fim de

influenciar a intensidade de adesão determinado auditório, não se podem menosprezar suas condições psíquicas e sociais, sob o risco de converter a argumentação em uma ação sem objeto e sem efeito. O autor aponta a distinção entre persuasão e convencimento, afirmando que “Uma argumentação persuasiva é aquela dirigida a somente um auditório particular e convincente, a argumentação cuja função seria a de obter a adesão de todo ser racional” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 31). A argumentação buscaria como fim a “adesão dos espíritos”, o apoio do interlocutor às ideias defendidas em um discurso.

O *ethos* mítico surge em manifestações languageiras situadas no modo de organização argumentativo. O sujeito emprega a força da autoimagem mítica como um meio para conquistar a adesão às suas proposições. O campo de observação desta pesquisa corresponde à atuação do *ethos* mítico no discurso político, conforme veremos a seguir.

1.1.5 Discurso político: o jogo de máscaras

Maingueneau (2005, p. 36) define campo discursivo como “[...] um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”. Segundo o autor, os discursos se concretizam no interior do campo discursivo, em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. Compreendemos que existem manifestações do *ethos* mítico em outros campos discursivos (discurso religioso, discurso midiático etc), mas o foco desta pesquisa é o *ethos* mítico no campo político.

O discurso político é descrito por Charaudeau (2018, p. 7) como um lugar de encenação. Esta metáfora invoca um sentido de tomada de posição, e não de mentira ou maldade, posto que “[...] a máscara não é necessariamente o que esconde a realidade”.

Charaudeau (2018, p. 8) emprega a figura do teatro (atores, máscaras, encenação) para ilustrar a linguagem de um modo geral, e afirma que, por sua conjuntura social, “[...] o discurso político é, por excelência, um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz”.

O contrato de comunicação do discurso político é descrito por Charaudeau (2018, p. 52) como um lugar de heterogeneidade (quanto às múltiplas significações nascidas em seu interior) e de estabilidade (quanto aos comportamentos enunciativos à disposição do sujeito político). Contempla a intersecção entre um campo de ação (relações de força que organizam as trocas simbólicas) e um campo de enunciação (lugar de encenação da linguagem). “O dispositivo do

contrato de comunicação política é, de certa forma, uma máquina de forjar discursos de legitimação que constroem imagens (CHARAUDEAU, 2018, p. 63)”. Os parceiros desse contrato de comunicação não são pessoas reais, e sim entidades humanas.

As estratégias de poder exercidas em uma sociedade são o resultado de “[...] *um jogo de ser e de parecer* entre o estatuto social dos sujeitos do circuito comunicativo (EUc/TUi) e o estatuto linguageiro dos sujeitos que a manifestação linguageira constrói (EUe/TUd) (CHARAUDEAU, 2018, p. 62, grifo do autor)”.

As circunstâncias de discurso do discurso político dependerão das condições de produção e interpretação dos atos de linguagem e dos imaginários sociodiscursivos dos interlocutores. Trata-se de palavras proferidas no espaço público, endereçadas a uma entidade coletiva em grande número, e não há como prever que sentidos e interpretações serão invocados (CHARAUDEAU, 2007). Para analisá-las, é preciso questionar: Quem profere o discurso? Qual objetivo de persuasão o motiva? Qual é a identidade dos parceiros da troca linguageira? Qual é a situação de comunicação?

Os papéis dos atores do discurso político encontram-se agrupados em instâncias, marcadas por lugares de intencionalidade, entrecruzados por lugares de fabricação do discurso. São eles: um *lugar de governança* (instância política e instância adversária), um *lugar de opinião* (instância cidadã) e um *lugar de mediação* (instância midiática) (2018, p. 56-64).

Na **instância política**, os atores têm um “poder de fazer” (decisão e ação) e um “poder de fazer pensar” (manipulação). É o lugar da governança. É movida pelo desejo de ocupar o poder e nele se manter, embora isso não possa ser dito de forma explícita. Dedicase a *propor* programas políticos, *justificar* decisões ou ações, *criticar* as ideias dos partidos adversários e *conclamar* o consenso social para obter o apoio dos cidadãos.

Na **instância adversária**, encontra-se a oposição, uma parcela da opinião cidadã que produz críticas ao poder vigente. Também aparece no lugar da governança. Compartilha os mesmos objetivos e utiliza as mesmas estratégias discursivas que a instância política, mas não usufrui dos mesmos poderes.

Na **instância cidadã**, os atores buscam um saber para poder julgar os programas que lhes são propostos ou as ações que lhes são impostas, e para escolher ou criticar os políticos que serão seus mandantes. Produz discursos de *reivindicação*, ao protestar contra determinadas medidas ou omissões, de *interpelação*, ao exigir explicações ou atos, e de *sanção*, ao eleger ou reeleger representantes do povo. Define-se diante da instância política em uma relação

recíproca de influência, mas de não governança. Trata-se, portanto, da opinião que se constrói fora do governo.

A **instância midiática** é o elo que une a instância política à instância cidadã. Encontra-se também fora da governança. Os atores estão legitimados de antemão em seu papel de informantes, mas, ao mesmo tempo, estão em busca da credibilidade dos cidadãos e dos políticos. Dada sua situação de concorrência com outros órgãos de informação, está inscrita em uma lógica de sedução comercial. Encontra-se em um duplo dispositivo: de *exibição*, que corresponde à busca por credibilidade (captura o que está escondido sob as declarações dos políticos, denuncia as malversações, interpela e até acusa os poderes políticos para justificar seu lugar na construção da opinião pública), e de *espetáculo*, que corresponde à busca por cooptação (dramatiza a narrativa dos acontecimentos para ganhar a fidelidade de seu público).

A persuasão surge no discurso político como uma ferramenta para garantir a ascensão e a manutenção do poder. A conquista de uma posição no lugar de governança precisa ser fundada sobre legitimidade (adquirida e atribuída). O ator político precisa convencer o maior número de indivíduos com os quais partilha determinados valores, articulando opiniões a fim de estabelecer um consenso (2018, p. 79). As estratégias de persuasão têm sua fonte nos *imaginários de verdade*.

Segundo Charaudeau, os imaginários consistem em representações sociais que constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência. São os saberes que “[...] circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros (2018, p. 202)”, os *imaginários sociodiscursivos*. “Trata-se aqui de se interrogar sobre o processo de construção da ‘imagem’ do sujeito falante, de modo que o outro o considere crível ou possa até se identificar com sua pessoa (2016b, p. 11)”.

1.2 Mas, afinal, o que é *ethos*?

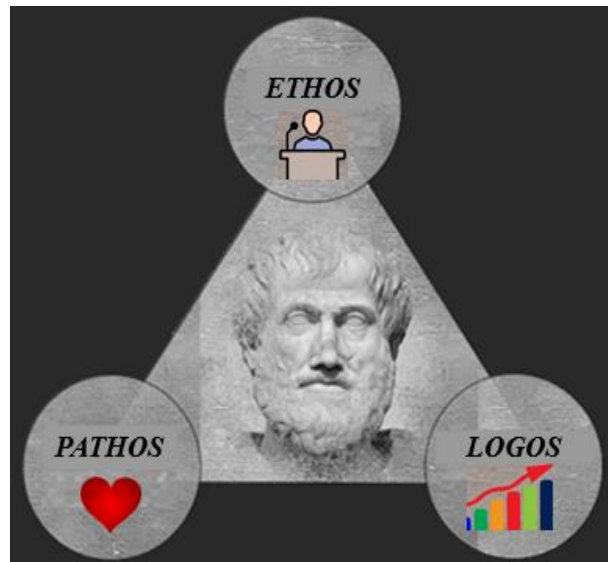
Antes de abordar a questão do *ethos* mítico no discurso político, precisamos compreender o que é *ethos* e qual a importância deste conceito para a Análise do Discurso e seu papel na TS.

1.2.1 *Ethos, pathos e logos*: os três elementos da persuasão

O estudo da arte de convencer tem suas origens na Antiguidade. As noções de *ethos*, *pathos* e *logos* foram empregadas por Aristóteles (século V) ao designar os três meios de prova

da Retórica Clássica. O *ethos* corresponderia ao locutor (identidade), o *pathos* ao auditório (emoção) e o *logos* ao próprio discurso (razão).

Figura 4: O triângulo de Aristóteles



Fonte: Elaboração própria

O termo *ethos* (ἦθος) remete às qualidades necessárias àqueles que almejam dominar a arte da oratória. “Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé, porque as pessoas honestas nos inspiram uma confiança maior (ARISTÓTELES, Ret. II, p. 135b)”. Centrado na figura do orador, refere-se ao enunciador, ao sujeito argumentante. Corresponde a uma imagem de si construída dentro de discurso e antes mesmo dele, criada a partir das características sociais, físicas e discursivas atribuídas pelo interlocutor à pessoa real que toma a palavra. Segundo Charaudeau & Maingueneau (2008, p. 220), *ethos*

[...] designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal.

O *pathos* (πάθος) consiste na emoção do auditório, do sujeito alvo do discurso. Palavra de origem grega que significa sofrimento, paixão ou afeto, refere-se às emoções daquele que é alvo do apelo de determinado discurso. Dizemos que um discurso é patêmico quando a argumentação é construída em torno de tocar a emoção daquele que se deseja convencer.

Corresponde ao auditório no triângulo de Aristóteles. Charaudeau (2007) define que a relação entre o sujeito interpretante e o objeto “[...] se faz pela mediação de representações. É pelo fato das emoções se manifestarem em um sujeito ‘em função de’ alguma coisa que esse sujeito se faz representar enquanto tal”. A influência do *pathos* envolve “[...] as emoções suscetíveis de mover o indivíduo em tal ou tal direção, coloca em cena estratégias discursivas de dramatização a fim de aprisionar o outro em um universo emocional que o colocará à mercê do sujeito falante (CHARAUDEAU, p.12, 2016b)”.

O *logos* (λόγος) é o próprio discurso, a mensagem, uma proposta sobre o mundo. É fundamentalmente uma explicação, empregando um encadeamento de ideias. O discurso lógico é um tipo de discurso que emprega a lógica, o raciocínio, convencendo através de argumentos voltados ao apelo à razão.

1.2.2 A movência do conceito de *ethos*

O *ethos* aristotélico carrega dois sentidos distintos: refere-se tanto às virtudes morais que dão credibilidade ao orador, anteriores ao discurso, quanto à maneira escolhida por esse orador para se exprimir a fim de convencer seu auditório.

Para Cícero (de acordo com BORGES, 2010), o *ethos* do orador tinha tanta importância quanto o *ethos* daquele que o orador defendesse. Segundo Borges, “[...] na doutrina de Cícero sobre o *ethos* (...) o que está em questão é como conquistar a benevolência do ouvinte para com o litigante e seu patrono, e como afastá-la do oponente (BORGES, 2010, p. 11)”. Cícero considera duas tarefas igualmente importantes na ação do orador: edificar tanto a parte racional de seu discurso (a lógica argumentativa) quanto os aspectos capazes de tocar os seus ouvintes, seus afetos (o que se diz e como se diz). Um desses aspectos é o *ethos*, a manifestação do caráter do orador por meio de seu discurso.

A Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) retoma os preceitos do *ethos* aristotélico ao considerar que a imagem do orador, sua fala e sua posição social formam um conjunto argumentativo que pode ou não persuadir o auditório. O orador estaria em constante movimento para adequar sua fala às características do auditório, de modo a convencê-lo, pois “[...] cabe ao auditório o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores (PERELMAN, 1996, p. 27)”. Isso nos leva a concluir que a persuasão se orienta em torno do auditório. É o auditório que determina o modo de proceder do orador, levando-o à constante adaptação do discurso para atingir destinatários distintos em situações distintas.

Plantin afirma que “[...] aderir a um discurso é sempre, no fundo, identificar-se com seu autor (PLANTIN, 2008, p. 112)”. Essa identificação poderia advir de empatia, de identificação e ou de transferência. dois elementos constitutivos da autoridade do locutor: um elemento *extradiscursivo*, independente do discurso: formado pela reputação, prestígio ou carisma; e um primeiro elemento *intradiscursivo*, “efeito do próprio discurso”, a impressão que formamos do autor a partir da leitura de um texto.

Eggs (2018) aponta como os três elementos do triângulo de Aristóteles – *ethos*, *pathos* e *logos* combinam-se para conduzir a persuasão. O autor relaciona o termo *ethos* à ideia de honestidade ao afirmar que “o orador que mostra em seu discurso um **caráter honesto** parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório (EGGS, 2018, p. 29, grifo do autor)”.

Amossy (2018) relaciona a influência do *ethos* à ideia de estereótipo. Segundo a autora, “[...] a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares (AMOSSY, 2018, p. 125)”.

Maingueneau (2020) traz a noção de *ethos* para o interior da Análise do Discurso, adotando as nomenclaturas de *ethos* discursivo (*ethos* dito) e *ethos* pré-discursivo (*ethos* mostrado). Propõe atribuir ao *ethos* três dimensões: categorial, experiencial e ideológica, correspondendo a

[...] um *fiador* dotado de propriedades físicas (*corporalidade*) e psicológicas (*caráter*), apoiando-se sobre um conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos que a enunciação contribui a fortalecer ou a transformar (MANGUENEAU, online, 2020)

É possível notar que há diversas interpretações acerca do *ethos*. Devido à existência de pontos de vistas conflitantes, é necessário deixar claro que neste trabalho adotaremos a concepção *ethos* de Patrick Charaudeau.

1.2.3 A noção de *ethos* segundo Charaudeau

Para Charaudeau (2016), o *ethos* corresponde à autoimagem do sujeito enunciadador, produzida dentro de uma manifestação discursiva. É o resultado de uma fusão entre quem somos e do que dizemos, visto sob a perspectiva do outro. O *ethos* está situado na aparência do ato de linguagem, ou seja, no que o falante dá a ver e a entender, “[...] constitutível de todo ato de linguagem, mas toma características particulares dependendo da situação de comunicação na qual se inscreve (CHARAUDEAU, p. 12, 2016b)”.

Desse modo, a construção da imagem do enunciador está diretamente ligada às circunstâncias de produção e interpretação do ato de linguagem. Como define Charaudeau,

[...] o *ethos* enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se com o cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê (CHARAUDEAU, 2018, p. 115).

Adaptando para sua metáfora do teatro, Charaudeau refere-se ao *ethos* como uma máscara discursiva usada pelos sujeitos integrantes do ato interenunciativo. Charaudeau reformula a noção de *ethos* aristotélica, empregando o termo para denominar uma espécie de personagem (termo empregado também por Aristóteles ao se referir ao *ethos*) que surge dentro do discurso, resultado de “[...] um processo de *identificação* que exige do sujeito falante a construção para si mesmo de uma imagem que tenha um certo poder de atração sobre o auditório (CHARAUDEAU, p. 58, 2010)”.

O *ethos* corresponde a uma figura construída dentro do discurso, determinada por elementos anteriores e internos a ele. Logo, “[...] para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, p. 15, 2018)”. O *ethos* configura-se como uma estratégia argumentativa no momento no qual o enunciador estrutura uma imagem discursiva que servirá de confirmação de suas proposições.

1.2.4 Ethos: uma estratégia do discurso político

Discutiremos, a partir daqui, o emprego do *ethos* como estratégia dos atores políticos. De que estratégias o político lança mão na tentativa de criar identificação com seu auditório? Dentro do contrato de comunicação do discurso político, “[...] as figuras do *ethos* são ao mesmo tempo voltadas para si mesmo, para o cidadão e para os valores de referência (CHARAUDEAU, 2018, p. 137)”.

Ao conduzir o estudo do *ethos* para o discurso político, Charaudeau aponta a existência de duas vertentes distintas de imagens: os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação. Com base nos escritos de Charaudeau (2018) sobre tipos de *ethos* do discurso político, é possível construir o seguinte quadro-resumo:

Quadro 2: *Imagens dos atores políticos*

FIGURAS IDENTITÁRIAS NO DISCURSO POLÍTICO		
ETHOS DE CREDIBILIDADE (digno de crédito)	<i>Ethos</i> de Sério	Transparência
	<i>Ethos</i> de Virtude	Performance
	<i>Ethos</i> de Competência	Eficácia
ETHOS DE IDENTIFICAÇÃO	<i>Ethos</i> de Potência	Força
	<i>Ethos</i> de Caráter	Personalidade
	<i>Ethos</i> de Inteligência	Astúcia
	<i>Ethos</i> de Humanidade	Sentimento
	<i>Ethos</i> de Chefe	Liderança
	<i>Ethos</i> de Solidariedade	Empatia

Fonte: Elaboração própria com base em Charaudeau, 2018, p. 119-166

Os *ethé de credibilidade* sustentam o discurso da razão e sustentam a identidade discursiva do ator político. É a fabricação da imagem discursiva de um sujeito digno de crédito, imprescindível a todos os políticos. É possível mostrar-se crível tanto ao produzir no interlocutor um “desejo de crer”, quanto pela apresentação da prova de um “poder fazer”. São eles:

- ***Ethos de sério:*** pode ser representado por um semblante austero, uma postura rígida (índices corporais e mímicos), por autocontrole ou sangue-frio diante das adversidades (índices comportamentais), por um tom firme e comedido ao falar, pela escolha de palavras e de construções simples, apropriadas (índices verbais), dependendo da ideia que cada grupo social faz do que é ser sério ou não. Deve apresentar promessas de possível realização.
- ***Ethos de virtude:*** cabe ao político apresentar uma imagem de sinceridade, de fidelidade e de honestidade pessoal. Esse conjunto de imagens é construído ao longo do tempo, ao honrar seus compromissos, seguir fielmente uma determinada linha de pensamento e ação e combater os oponentes sem utilizar meios escusos.
- ***Ethos de competência:*** representa a posse dos conhecimentos e as habilidades necessárias para que se exerça determinado papel político com eficácia (herança, estudos, funções exercidas, experiência adquirida).

Os *ethé de identificação* são imagens extraídas do afeto social. “O cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político (CHARAUDEAU, 2018, p. 137)”. São eles:

- ***Ethos de potência:*** está ligado às manifestações do corpo: a força física, a vociferação, a violência verbal e a virilidade sexual (em contextos culturais que a valorizem).
- ***Ethos de caráter:*** surge por meio de ações como a vituperação controlada, a provocação, a polêmica e a advertência (*ethos* de caráter dominante), o controle de si, a coragem, o orgulho, a firmeza e a moderação (força tranquila).
- ***Ethos de inteligência:*** é a imagem da cultura (o capital cultural advindo da origem social e da formação), da astúcia (sutileza e habilidade) e da malícia (saber jogar com o ser e o parecer).
- ***Ethos de humanidade:*** é marcado pela capacidade de demonstrar compaixão para com os que sofrem (figura do sentimento) e de confessar fraquezas (figura da confissão) e gostos (figura da intimidade).
- ***Ethos de chefe:*** representa o encontro entre a instância política e a instância cidadã, no momento que o político se volta para o povo (a quem deve sua posição) e a ele presta contas. A figura do *guia supremo* é necessária para a permanência de um grupo social. Suas variantes são o *guia-pastor* (aquele que reúne o rebanho, o acompanha e o precede, iluminando seu caminho com uma perseverança tranquila), o *guia-profeta* (aparece como ser inspirado, um visionário, o depositário de uma fonte de inspiração misteriosa e propõe ao povo uma possibilidade de redenção, com a condição que este o siga), o *guia-soberano* (o político assume uma posição de fiador dos valores encarnando-se neles ou tomando uma posição acima do conflito) e o *comandante* (aquele que declara guerras em suas fronteiras e faz declarações contra inimigos próximos ou distantes, alegando enxergar uma diferença clara entre o bem e o mal).
- ***Ethos de solidariedade:*** a imagem de um ser que está atento às necessidades dos outros e que as partilha e se torna responsável por elas. É aquele que ouve seu povo, mostrando-se consciente das responsabilidades advindas de seu cargo.

Os três tipos de *ethos* de credibilidade são essenciais na construção da imagem dos atores políticos, visto que “a imagem de um político é constituída pela combinação de vários *ethé* (ABREU & SILVA, 2019, p. 7)”. As diversas figuras representadas pelos *ethé* de identificação aparecerão em maior, menor ou nenhum grau em cada ator político, formando imagens singulares.

1.3 O *ethos* mítico

Nesta sessão nos debruçaremos sobre o tema central desta pesquisa: o *ethos* mítico. Investigaremos suas principais características, sua dimensão argumentativa e os fatores que o incorporam ao discurso político. Em seguida, relacionaremos a noção de *ethos* mítico, construída nesta pesquisa, com as características do discurso político apontadas por Charaudeau (2018) sob o ponto vista da TS.

1.3.1 O poder argumentativo do mito

O termo mito, em seu sentido original, é relacionado à ideia de mentira, ilusão, fantasia. Deriva do grego *mythos* (μῦθος), a narrativa de caráter poético que recorre aos deuses e ao mistério na descrição do real, uma história inventada a fim de explicar o inexplicável. Nesta acepção, já conseguimos contemplar um certo poder argumentativo. De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra **mito** corresponde a uma

Fábula que relata a história dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade pagã. Interpretação primitiva e ingênua do mundo e de sua origem. Tradição que, sob forma alegórica, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico. Exposição simbólica de um fato. Coisa inacreditável. Enigma. Utopia. Pessoa ou coisa incompreensível (MICHAELIS, *online*, 2020).

A expressão ‘pensamento mítico’ surge na Filosofia como uma oposição à ideia de pensamento filosófico. Segundo Marcondes (2008, p. 20), um dos elementos centrais do pensamento mítico e de sua forma de explicar a realidade é o apelo ao sobrenatural, ao mistério, ao sagrado, à magia, à ideia de que o universo é “governado por uma realidade exterior” ao mundo humano e natural, superior, misterioso, divino. Nesse sentido, o pensamento mítico pressupõe a adesão, a aceitação dos indivíduos, na medida em que constitui as formas de sua experiência do real.

A ação persuasiva da figura mítica provém do contexto no qual se apresenta. Girardet (1987) define que sua efetividade depende de uma situação de disponibilidade e de um estado prévio de receptividade, e segue enumerando as quatro possíveis manifestações míticas:

- O **mito da conspiração** envolve e impressiona ao invocar imagens como a sujeira, a praga ou algum animal sanguinário, rastejante, peçonhento, repulsivo, para criar comparações que convertam o adversário em inimigo, um ser maléfico e diabólico a ser combatido. Um

inimigo sombrio, incompreensível e amedrontador, que veste roupas escuras e se reúne no subterrâneo para tramar planos secretos. Emprega metáforas relacionadas à escuridão, à tempestade ou ao nevoeiro que se anuncia como uma ameaça à felicidade.

- O **mito do herói salvador** é a imagem do sujeito que se propõe a combater o mal, a salvar o povo das ameaças e dos ataques inimigos. Em tempos de crise, quando uma sociedade é ameaçada, os indivíduos buscam uma figura que os defenda de possíveis ataques. É nesse cenário que surge a figura do herói. Fixa-se através de uma dinâmica de disponibilidade social: o tempo da espera e do apelo (carregado de sofrimentos e expectativas), o tempo da presença (o herói se anuncia) e o tempo da lembrança (momento em que a figura do herói salvador se adequa aos movimentos da memória coletiva). A figura do herói pode ser representada: pelo *velho* que conquistou guerras do passado; pelo *jovem audacioso* que propõe soluções imediatas através de uma aventura impetuosa; pelo *homem providencial* que se apresenta como um pai-fundador, guardião dos fundamentos da pátria; ou pelo *profeta* que anuncia um novo tempo e diz ter sido enviado por um impulso sagrado para conduzir o seu povo.

- O **mito da era de ouro** estimula uma nostalgia dos bons e velhos tempos do passado, em contraste com os costumes corrompidos do presente. Recorrendo a referências fragmentárias da história, amplifica certos traços da memória e apaga outros, para criar a utopia de um passado feliz, glorioso e perfeito.

- O **mito da unidade** apela para os interesses em comum de uma multidão. Cria a ideia de grupo, de pertencimento, de uniformidade, incitando valores como o nacionalismo, o patriotismo ou uma certa ordem nacional.

Girardet (1987) define que o mito carrega uma dimensão coletiva, já que “[...] em sua estrutura, em sua forma como em seu conteúdo, a mensagem a ser transmitida deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário (1987, p. 51)”.

Eliade (2013) descreve o mito como uma narrativa explicativa, um relato de origem que

[...] conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. (...) É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente (ELIADE, 2013, p. 11).

Miguel (1998) afirma que a principal característica do mito é surgir como um fato ao invés de um símbolo, lugar de origem de sua força, além de apontar seu uso como elemento de coesão social, uma espécie de mistificação empregada para narrar o futuro.

Charaudeau (2016b, p. 4) utiliza o termo **mito** em seu sentido original, como sinônimo de lenda, de uma versão inventada para explicar o inexplicável, no universo representado pela mentira. Infelizmente, essa acepção não se alinha com a nossa pesquisa, que compreende o mito como uma espécie de máscara discursiva.

1.3.2 O conceito de mito para Roland Barthes

Esta pesquisa emprega a definição de mito trazida por Barthes (2013). A percepção do mito como uma forma de mistificação, uma ideia de ultrassignificação resultante da transformação da história em natureza, uma linguagem a ser desvendada, “[...] porque é a linguagem de que o mito se serve para construir o seu próprio sistema” (BARTHES, 2013, p. 137).

O mito é apresentado por Barthes como uma linguagem-objeto, uma mensagem, que comunica a passagem do real ao imaginário, uma operação ideológica efetuada no plano formal da linguagem. O mito

[...] é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma (...) já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere (BARTHES, 2013, p. 131).

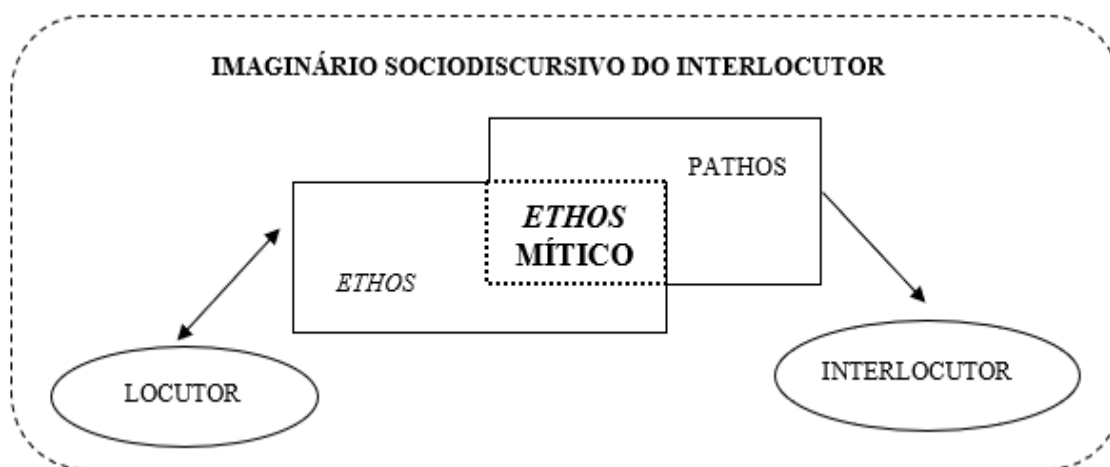
O mito é uma questão central nos estudos de Barthes. O mito é uma fala, é uma mensagem, um discurso. O que define por quanto tempo algo será parte da fala mítica é a história e o poder e, por consequência, a forma do mito depende da linguagem. O mito “[...] possui intenção, propositadamente transforma um discurso, uma fala, a reduz e a naturaliza (IRERÊ, 2019, p. 09)”. A força do mito é tão grande que influencia nossas formas de pensar, dizer e agir.

1.3.3 Uma amálgama entre *ethos* e *pathos*: as características do *ethos* mítico

Para tratar do poder persuasivo do *ethos* mítico, voltaremos nossa atenção para a segunda figura do triângulo aristotélico: o *páthos* – a prova retórica que age sobre os sentimentos do interlocutor. O *ethos* mítico argumenta através de sua própria existência, ao mesmo tempo em que emprega estratégias de patemização para envolver, encantar e convencer. O *ethos* mítico será um tipo de *ethos* essencialmente patêmico. Isso significa dizer que se trata

de um *ethos* cuja estratégia argumentativa é moldada visando o contato com as emoções do destinatário, instalando-se e ganhando espaço ao conectar-se com os imaginários sociodiscursivos daquele estrato que deseja alcançar.

Figura 5: O processo de influência no *ethos* mítico



Fonte: Elaboração própria

Constitui-se de uma máscara discursiva que apela para as emoções mais intensas do interlocutor, como uma resposta mágica para os seus anseios e apelos. O portador de um *ethos* mítico se veste de uma aura que é, aos olhos do interlocutor, sobrenatural, sobre-humana, além do comum. É uma espécie de imagem de si com intensa força argumentativa, através da qual a figura do mito ganha corporeidade. Ocorre a predominância dos *ethos* de identificação sobre os *ethos* de credibilidade: a criação do mito político está condicionada à construção de uma imagem de si que crie identificação com os ideais do cidadão.

Um vislumbre na história nos mostra a recorrência de um certo número de figuras míticas. Jucelino Kubitschek encantou os brasileiros com o seu governo “desenvolvimentista”, que incluiu investimentos pesados na industrialização e a construção de Brasília. Hitler foi o ditador austríaco que propagou o nazismo, o antissemitismo e os ideais de extrema-direita que levaram à Segunda Guerra Mundial e à consequente morte de 56 milhões de pessoas. Getúlio Vargas foi apelidado de “o pai dos pobres” ao criar a carteira de trabalho, a Justiça do Trabalho, o descanso semanal remunerado, a estabilidade no emprego e o salário-mínimo, utilizando a política trabalhista como uma forma de controle político e social. Che Guevara foi o guerrilheiro argentino que se transformou em ícone dos ideais marxistas durante a Revolução Cubana.

O ex-presidente Lula, cujo *ethos* é o objeto desta pesquisa, ganhou destaque ao liderar o movimento grevista no início da década de 80, e por ser o primeiro operário na história

brasileira a chegar ao cargo de Presidente da República, aplicando políticas públicas de valorização das classes menos favorecidas e ganhando reconhecimento e apoio internacional ao modificar o *status* do Brasil de país subdesenvolvido a país em desenvolvimento.

O que todos esses mitos políticos têm em comum? O discurso forte, ouvido e acolhido por multidões. Ineficaz diante de um auditório universal, o *ethos* mítico corresponde a uma autoimagem que só atinge seu propósito argumentativo em um auditório particular, visto que “O sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como ‘imaginários sociodiscursivos’ (CHARAUDEAU, p. 117, 2018)”.

O *ethos* mítico surge como uma imagem consolidada que agrega em si valores com uma carga persuasiva direcionada a um determinado – e numeroso – grupo de pessoas. Diferentes destinatários serão influenciados por diferentes manifestações do *ethos* mítico, pois aquilo que toca o afeto de um determinado grupo de pessoas não produzirá influência sobre outro grupo, de características, ideais e anseios distintos.

1.3.4 Face, Polidez e Identidade na construção do *ethos* mítico

O conceito de *ethos* aristotélico serviu de base para os estudos contemporâneos de imagem, identidade e subjetivação. O *ethos*, enquanto imagem de si que o orador imprime em seu discurso, surge nesse contexto como a estratégia de tocar o auditório pela possível identificação deste à pessoa do orador. Desse modo, podemos relacionar essa ideia de *ethos* às noções de face e de identidade.

A face corresponde, de acordo com Goffman (1967), a um “[...] valor social positivo que uma pessoa reclama para si. Embora possa ser o que a pessoa possui de mais pessoal, o centro de sua segurança e prazer, trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade: poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la (Goffman, 1967; 1980, p. 81)”. Essa face social corresponderia a um valor positivo ao qual o locutor aspira e que os interlocutores assumem que ele possua.

Brown e Levinson (1987) basearam-se no conceito de *ethos* retórico para formular seu conceito de face, “a autoimagem pública que todo membro reivindica para si” a fim de conseguir manter uma boa impressão no interlocutor. Esta imagem está ancorada a certas regras de conduta e comportamento pré-estabelecidas ao momento da interação e que coordenam todo o processo interacional, denominadas *estratégias de polidez*.

A Teoria da Polidez e Proteção da Face de Brown e Levinson considera que a face (a autoimagem do enunciador) pode ser perdida, mantida ou engrandecida. A polidez positiva corresponde ao desejo de ser aceito e admirado, enquanto a polidez negativa responde à preocupação de não sofrer imposição. As estratégias de polidez positiva correspondem aos atos discursivos que destacam nuances positivas do enunciador. Do mesmo modo, as estratégias de polidez negativa escondem as nuances negativas, também denominadas AAF (atos de ameaça à face). Toda relação social exige um processo de defesa contra às ameaças à face que surgem em resposta às circunstâncias.

Tratemos agora das aproximações entre *ethos* e identidade. Hall (2005) defende que a identidade é formada no discurso e, diante das rápidas e constantes mudanças na pós-modernidade, vai sendo moldada ao longo da vida, sendo reconstruída em relação às formas pelas quais representam ou interpelam os sistemas culturais que as rodeiam – ou seja, no interior da representação – com elementos da história, da geografia, da etnia, do gênero, da sexualidade, da política, de memórias individuais e coletivas, das opiniões pessoais, da religião e dos diferentes aparatos de poder, inclusive, aqueles sugeridos pela mídia.

Dessa forma, a identidade permanece em um constante processo de construção, “Os grupos sociais determinam a relação do sujeito com a sociedade, uma vez que ele encontrará no *ethos* um conjunto de recursos simbólicos para a construção do seu “eu” social (HALL, 2003)”. A identidade é múltipla e fragmentada, mas estabiliza-se momentaneamente ao redor de valores e significados para se adaptar à realidade em um determinado momento histórico. A criação de uma identidade demanda reflexão e observação, para alcançar totalidade em um nível psicológico em um jogo de interações entre a forma como o sujeito se enxerga e a percepção que tem dos modos como o outro o vê. O sujeito possui “um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2005, p. 11)”.

Esse processo é referente às relações sociais, pois um indivíduo não observa tudo que o cerca, mas somente o que seleciona de acordo com seus valores; daí a necessidade de se entender a importância do papel do Outro neste contexto. Nesse sentido, entende-se que o conceito de identidade não se reduz às ideias de originalidade, tradição ou autenticidade, pois os constantes processos de identificação – onde se objetiva gerar alguma compreensão sobre o “eu” por meio de sistemas simbólicos e identificar-se com as formas pelas quais se é percebido por outros – e os sentidos de pertencimento são construídos tanto pelas tradições (memória, imaginário etc.) como pelas traduções (estratégias, projetos etc.) (HALL, 2003).

Assim como Hall, Bauman (2005) também considera que a identidade deve ser ajustável às novas estruturas frágeis e transitórias do líquido mundo moderno. Para o autor, a busca pela identidade vem da aspiração à estabilidade. O sujeito enunciador é um ser social que reconfigura seus atributos e identidades à medida em que o contexto assim o exige. A ideia de identidade manifestou-se da crise do pertencimento, ou melhor, da busca do “identificar-se com”. A identidade é composta por fragmentos de representação adotados pelo sujeito com o objetivo de sentir-se pertencente a um grupo.

A construção do *ethos* mítico passa por um arremate entre *ethos*, face e identidade. O sujeito enunciador cria uma máscara discursiva a fim de mostrar-se competente e digno de crédito. São empregadas estratégias de polidez para a criação de uma face positiva e o abrandamento de uma possível face negativa. O que é falado e passado aos interlocutores deve ser corroborado pela identidade apresentada: constrói-se uma ponte entre identidade social (face) e identidade discursiva (*ethos*), combinando o que o sujeito deseja parecer e como seus traços psicológicos e sociais o constituem. Constrói-se, assim, uma ponte entre a imagem projetada pelo enunciador e as expectativas dos sujeitos interpretantes: um encontro entre a máscara exibida e os possíveis interpretativos levantados no discurso.

1.3.5 O *ethos* mítico no discurso político

Investigar o *ethos* mítico consiste em observar uma máscara com nuances míticas atuando em um palco específico – o discurso. O sentido mítico não repousa sobre uma pessoa, fenômeno ou ideia, “mas sim a representação que se faz de determinados fenômenos, pessoas ou ideias (BEZERRA e LIMA, 2009)”. Os efeitos do *ethos* mítico no campo político são delineados no contexto de criação de cada discurso. O ator político identifica os anseios e os sonhos coletivos de uma população e os encarna, convertendo-se na personificação de um conjunto de características social e historicamente aceitas e validadas.

A autoimagem construída pelos sujeitos políticos passa por instâncias intermediadoras antes de chegar a seus destinatários. O eleitor, sujeito receptor no processo de interação, carece de um conhecimento mais crítico sobre a esfera política e tem como fonte única de informação os meios de comunicação em massa, que influenciam diretamente sua visão acerca dos atores políticos e, conseqüentemente, sua preferência por um ou outro candidato. Além dos aspectos sociais e psicológicos influenciadores da recepção, temos como filtro a maneira pela qual essas “apresentações de si” são entregues aos destinatários.

No que tange ao discurso político, um mito pode ganhar corporeidade tanto nos discursos de direita, quanto os de esquerda, de extrema-direita ou de extrema-esquerda, enfim, em todas as suas esferas. O *ethos* mítico surgirá atrelado a seu momento histórico, unindo a força do personagem que representa ao holofote dado pela própria situação, independente da vontade dos sujeitos envolvidos e da posição por estes ocupadas,

[...] constituindo ele próprio um sistema de crença coerente e completo. Ele já não invoca, nessas condições, nenhuma outra legitimidade que não a de sua simples afirmação, nenhuma outra lógica que não a de seu livre desenvolvimento. E sem dúvida, qualquer que seja o caso, a experiência mostra que cada uma dessas “constelações” mitológicas pode surgir dos pontos mais opostos do horizonte político, pode ser classificada à “direita” e à “esquerda”, segundo a oportunidade do momento (GIRARDET, 1987, p.11-12).

A imagem mítica não garantirá a aceitação e admiração de todos, afinal, ela se manifesta em discursos proferidos para um público que se inscreve na heterogeneidade. Cada grupo de interlocutores será atraído a seguir um determinado tipo de argumento. Mesmo os indivíduos que não são influenciados por suas palavras identificam sua presença e seu poder argumentativo, pois o mito “[...] é uma poderosa força motriz para a ação política, tendo como característica básica sua recusa à razão (MIGUEL, 1998)”.

A imagem discursiva representada pelo *ethos* mítico pode sofrer modificações de modo a se adequar às circunstâncias de discurso. Segundo Charaudeau (2018), “as significações do discurso político são fabricadas e mesmo refabricadas, simultaneamente, pelo dispositivo da situação de comunicação e por seus atores”. No discurso político, em uma confirmação de sua influência social, o *ethos* tem o poder de persuadir, embora com facetas frágeis, “adoradas um dia, podem ser queimadas no dia seguinte (CHARAUDEAU, 2018, p. 89)”.

A força mítica é traduzida através das conexões com a realidade discursiva dos interlocutores. “O mito extrai sua força da característica de não se apresentar como símbolo, mas como fato (MIGUEL, 1998, p. 4)”. Com o intuito de persuadir e modificar ideias e ações, o abstrato se converte em uma projeção do concreto. A atuação do *ethos* mítico se concretiza ao propor uma intervenção no presente a partir da repetição de um passado glorioso, “[...] a partir de um certo momento, a origem não se encontra mais apenas num passado mítico, mas também num futuro fabuloso: é a mobilidade da origem (ELÍADE, 2013, p. 52)”.

CAPÍTULO II: *Dimensão histórica*

2 A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO TRABALHISTA NO BRASIL: um panorama histórico

Neste capítulo, abordamos o contexto histórico que contribuiu para a consolidação do *corpus* desta pesquisa, os discursos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Investigamos o surgimento do movimento trabalhista no Brasil, o perfil dos trabalhadores, desde o período escravocrata até o início das lutas sindicais do movimento operário.

2.1 O movimento trabalhista no Brasil até 1960

A história do processo de formação da classe trabalhadora no Brasil começa ainda durante a vigência da escravidão. Até meados de 1850, a mão-de-obra escrava prevalecia, tanto no cenário das grandes fazendas, como nos principais centros urbanos do país. Nas capitais, os trabalhadores escravizados eram alugados pelos seus senhores para atuar nas mais diversas atividades: “[...] moviam portos, transportes terrestres, comércio urbano e até mesmo as primeiras fábricas (MATOS, 2008, p. 17)”. Eram constantemente vigiados pela polícia, que proibia reuniões e controlava seus movimentos, temendo revoltas. Os trabalhadores livres, assalariados, compartilhavam espaços de trabalho e moradia com os escravizados e demonstravam apoio em sua luta pela liberdade. Apesar da proibição de reuniões, era permitida a formação de sociedades católicas associados a determinados ofícios especializados. Era uma nova classe em formação.

Ao longo do século XIX, surgiram as mutuais (vedadas aos escravizados), que tinham por objetivo reunir uma reserva com as contribuições dos associados para auxiliá-los em momentos de doença, invalidez ou morte. Com o tempo, essas associações passaram a aceitar trabalhadores escravizados (de maneira clandestina), apoiando a causa da abolição e inclusive utilizando o caixa para comprar a liberdade de seus associados. Nessa época, trabalhava quem era escravizado ou os livres que não possuíam escravos. Essa conjuntura gerou um sentimento de apoio coletivo. Há relatos de trabalhadores livres que economizavam recursos para comprar a liberdade de seus parceiros de trabalho.

O ano de 1888 marca a chegada em massa imigrantes europeus, trazendo as ideias de sindicatos, greves e transformação social. O número e a diversidade dos trabalhadores urbanos se ampliam (emigrantes estrangeiros, antigos artistas, ex-escravos, migrantes das áreas rurais)

e as experiências de homens escravizados e de homens livres deixam marcas significativas sobre o processo de formação da classe trabalhadora.

No início do século XX, são criados os primeiros sindicatos dos trabalhadores do porto. Os antigos senhores de escravos insistiam na repressão como estratégia para garantir a disponibilidade da mão-de-obra assalariada em formação. Coube, então, aos trabalhadores construir para si uma imagem positiva de valorização do trabalho e do trabalhador, que os identificasse como classe e fortalecessem em ações coletivas de suas organizações sindicais. O trabalho nas fábricas era marcado por péssimas condições de trabalho, jornadas muito longas, pagamento irrisório, violência dos encarregados, constantes acidentes e exploração do trabalho de centenas de crianças.

O primeiro governo Vargas (1930-1945) trouxe a proposta de superação do atraso econômico e social pelo desenvolvimento industrial e a ideia de convivência harmônica entre trabalhadores e empresários. Junto com a aceleração dos setores agrícola e industrial, foram implantadas as “leis trabalhistas”: a legislação previdenciária (leis que regulavam jornadas e condições de trabalho, férias, descansos semanais remunerados, e pisos salariais), a legislação sindical (instituiu o modelo do sindicato único por categoria e região e a tutela do Ministério do Trabalho sobre as entidades sindicais); e as leis que instituíam a Justiça do Trabalho. Em 1943, esse conjunto de leis foi reunido e sistematizado na CLT.

De acordo com Matos (2008, p. 63), esses novos sindicatos representavam uma forma de controle, pois deveriam “servir como interlocutores dos trabalhadores junto ao governo e vice-versa, funcionando por dentro do Estado, como órgãos públicos e, portanto, submetidos também às diretrizes das demais instâncias governamentais”. Uma das medidas adotadas pelo Ministério do Trabalho para atrair os trabalhadores para o sindicato oficial foi vincular a concessão dos benefícios das novas leis trabalhistas à filiação. Em 1945 é criado o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), sob chancela governamental. Entre 1945 e 1964 houve um período de notável mobilização sindical. Entretanto, embora tenha ascendido a importância política dos trabalhadores e sua influência em questões de âmbito nacional, a estrutura sindical permaneceu inalterada, seguindo com o mesmo modelo atrelado ao governo. Com o golpe de 64, veio a intervenção nas entidades sindicais, com a cassação e prisão de milhares de dirigentes.

O declínio do Estado Novo e o início do processo de redemocratização trariam consigo a retomada efetiva das atividades sindicais. Nesse período, ocorre um crescimento do número de greves, maior visibilidade dos sindicatos na opinião pública e participação destes na formulação de pautas políticas para o país e constituição de organismos intersindicais. Pautas

centradas nas questões salariais e de condições de trabalho eram dominantes. A resposta da ditadura para combater a crise econômica era o arrocho salarial.

No fim da década de 70, diante do descontentamento quanto à repressão e à falta de valorização da classe trabalhadora, eclodem os movimentos grevistas. Destaca-se nesse período a ação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, que negocia os acordos para a volta ao trabalho como porta-voz dos operários nas diversas empresas, servindo de referencial de combatividade por muitos anos. É nesse contexto que entra em cena o metalúrgico e líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, que ganharia destaque ao mobilizar, organizar e conscientizar os trabalhadores nas grandes greves do ABC paulista, de 1978 a 1980.

CAPÍTULO III: *Análise do corpus*

3 A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* MÍTICO DE LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA

Os discursos de Lula podem ser considerados atos de linguagem, visto que reúnem um Explícito (que são as palavras pronunciadas) e um Implícito (os sentidos que perpassam essas palavras) em determinadas circunstâncias de discurso. Esses atos de linguagem vão tendo suas características alteradas de acordo com as mudanças nas circunstâncias de discurso, no contrato de comunicação e na intencionalidade do sujeito enunciador.

3.1 As circunstâncias de discurso

Para a concretização desta análise, selecionamos quatro discursos de Lula, de modo a representar as três fases de seu *ethos*: na primeira fase, o Discurso de Lula dirigindo-se aos sindicalistas, em 17 de abril de 1980; na segunda fase, o Discurso de Lula enquanto Presidente da República, no Fórum Mundial de Davos, em 26 de janeiro de 2003; na terceira fase, temos dois discursos do ex-Presidente na sede do Sindicato dos Trabalhadores do ABC Paulista: momentos antes de sua prisão, dia 07 de abril de 2018 e dois dias após a anulação das condenações da Operação Lava Jato e respectiva devolução de seus direitos políticos, em 10 de março de 2021.

3.1.1 As circunstâncias de discurso na 1ª fase

Lula nasceu em Caetés-PE, em 27 de outubro de 1945. Filho de Aristide Inácio da Silva e Eurídice Ferreira de Melo, migrou com a mãe e os sete irmãos para Santos-SP aos 7 anos de idade. Trabalhou como vendedor de laranjas aos 8 anos, de engraxate aos 9 e de ajudante de tinturaria aos 12. Mudou-se para a capital de São Paulo com a família aos 14, onde trabalhou nos Armazéns Gerais Colúmbia e na Fábrica de Parafusos Marte. No mesmo ano, foi admitido no curso técnico de torneiro mecânico do SENAI. Depois de três anos, já formado, ingressou na Metalúrgica Independência, onde permaneceu por 11 meses trabalhando no turno da noite. Numa daquelas madrugadas, em 1964, um parafuso de uma prensa quebrou-se e Lula refez a peça. Quando foi instalá-la, o colega que operava a prensa cochilou e soltou o braço da máquina, decepando o dedo mínimo de sua mão esquerda. Lula tinha então 18 anos.

Lula participou da primeira reunião no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema em 1967, a convite de seu irmão mais velho, o Frei Chico, militante ativo das causas trabalhistas e filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1967, Lula assumiu um cargo de suplente na diretoria. Em 1975, ascendeu ao cargo de diretor, trocando o turno na fábrica por uma sala na sede do sindicato.

Graças a sua presença marcante e o dom da oratória, Lula se destaca como líder sindical, incitando os operários em um movimento por melhores salários e melhores condições de trabalho. Consciente da importância dos direitos trabalhistas, faz um curso sobre sindicalismo na Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais, a maior central operária dos EUA e do Canadá.

Teve seu mandato na diretoria cassado pelo governo da época (período crítico da ditadura). Passou 45 dias na prisão. Conquistou o apoio em massa dos trabalhadores, liderando o movimento que ficaria conhecido como a grande greve do ABC Paulista.

Figura 6: *Discurso de Lula ao Sindicato dos Metalúrgicos em 1980*



Fonte: Revista Eletrônica Uol

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/greve-os-movimentos-sindicais.htm>

Em 1980, fundou o Partido dos Trabalhadores (PT). No ano seguinte, liderou nova greve de metalúrgicos, foi preso e teve seu cargo na presidência do sindicato cassado. Participou da fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e, em junho de 1983, integrou o movimento Diretas Já, em defesa de eleições diretas para a Presidência da República.

Em 1986, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo com a maior votação do país. Como deputado federal, atuou na Subcomissão dos Negros, Subcomissão das Populações Indígenas, Subcomissão das Pessoas Deficientes e Minorias e na Comissão da Ordem Social, além de ingressar com proposições em favor da classe trabalhadora, como a proposta de

recuperação de perdas salariais, a regulamentação do FGTS e do Plano de Benefícios e Custeios da Previdência Social. Apoiou a jornada semanal de 40 horas, a estatização do sistema financeiro e a reforma agrária, entre outras causas relacionadas à igualdade de direitos. Em 1988, integrou o grupo de constituintes responsáveis pela elaboração da Constituição Brasileira, que é constantemente citada em seus discursos (Fonte: Instituto Lula).

Em 1990, concorre pela primeira vez à presidência, sendo derrotado no segundo turno por Fernando Collor de Mello. Após a derrota nas urnas, cria o Instituto Cidadania, entidade que tinha por intuito apresentar o Governo Paralelo, com propostas de políticas públicas alternativas ao governo Collor. É a fase das Caravanas da Cidadania. Candidatou-se novamente em 1994 e 1998, perdendo ambas as eleições no segundo turno para Fernando Henrique Cardoso (Fonte: Acervo Planalto).

3.1.2 As circunstâncias de discurso na 2ª fase

Esta fase se estende do início da campanha eleitoral de 2002 até o fim de seu segundo mandato na presidência, em janeiro de 2011. Lula foi candidato pela quarta vez em 2002, ano no qual adota um tom mais moderado. Para a campanha eleitoral de 2002, Lula contrata o publicitário Duda Mendonça, que viria a construir para ele a imagem de um candidato mais próximo dos interesses populares, com habilidade de negociador e um tom de discurso, ainda que mantendo as raízes oposicionistas, mais comedido. Essa abordagem publicitária, que tinha como slogan a frase “Agora é Lula”, recebeu da imprensa os apelidos de “Lula light” e “Lulinha paz e amor”.

Adotando um discurso mais moderado sobre mudanças na economia do país, elege-se em 2002. Com mais de 53 milhões de votos, foi o segundo presidente mais votado do mundo, até aquele momento. Conquista a reeleição em 2006, exercendo o cargo de Presidente do Brasil de 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011. Seu governo dá continuidade às medidas de estabilização da economia implantadas no governo FHC, ao mesmo tempo em que aplica medidas de redução da desigualdade. Cria o Programa Bolsa Família, que consolida antigas ações como o Bolsa Escola, o Vale Gás e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, simplificando o processo de cadastramento das famílias e expandido o valor do benefício e o número de beneficiários, que passa de 12 milhões de famílias.

Nos oito anos em que esteve à frente da presidência, conquistou o respeito nacional e internacional. Em 2009, foi citado pelo jornal britânico *Financial Times* como uma das 50 personalidades que moldaram a década de 2000 “devido a seu charme e habilidade política”.

No mesmo ano, foi eleito o homem do ano 2009 pelo jornal francês *Le Monde* e pelo jornal espanhol *El País* como o personagem do ano. Aparece como um dos 25 líderes mais influentes do mundo em uma lista divulgada pela revista americana *Time* em janeiro de 2010.

Figura 7: Foto oficial do segundo mandato de



Fonte: Biblioteca da presidência
<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-Presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva>

Após o fim de seus dois mandatos, foi homenageado com 36 títulos de doutor *honoris causa*, 6 medalhas de honra ao mérito, 28 prêmios e 18 insígnias da grã-cruz. Em 2012, ganhou o prêmio Indira Gandhi pela Paz, Desarmamento e Desenvolvimento. Destacou-se com sua política de fortalecimento das Relações Exteriores. O jornal alemão *Süddeutsche Zeitung* o descreveu como “o político mais popular do planeta, para quem os poderosos fazem fila”. Posicionou-se entre os líderes de mais prestígio do mundo.

“Você é o cara”, disse-lhe o então presidente estadunidense, Barack Obama. A influência de Lula e a importante posição ocupada pelo Brasil – sétima economia do mundo, na época em que foi presidente –, ajudaram para que o país fosse escolhido como sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas 2016 (Fonte: Biblioteca da Presidência da República).

Analisamos desta fase o discurso de Lula enquanto Presidente da República, no Fórum Mundial de Davos, em 26 de janeiro de 2003. Foi o primeiro discurso oficial de Lula fora do território brasileiro, algumas semanas após sua posse. A mídia nacional e internacional especulavam como o Presidente recém-eleito se sairia neste evento.

3.1.3 As circunstâncias de discurso na 3ª fase

Em 01 de janeiro de 2011, Lula entrega a faixa presidencial a Dilma Rousseff, que havia sido ministra-chefe da casa civil em seu governo e fora indicada por ele para candidatar-se ao cargo de Presidenta do Brasil nas eleições daquele ano. Após o fim de seu mandato, Lula volta a presidir o Instituto Cidadania, agora Instituto Lula, cuidando do acervo histórico e do intercâmbio internacional das experiências políticas do ex-presidente e da divulgação de seus projetos para combater a pobreza na América do Sul e na África (Fonte: Instituto Lula).

O ano de 2016 é marcado pelas investigações da Operação Lava-Jato e pelo processo que levaria ao *impeachment* de Dilma Rousseff (ocorrido no 31 de agosto de 2016). No dia 07 de abril de 2018, Lula discursa em frente ao sindicato dos metalúrgicos do ABC Paulista, momento da formalização de sua prisão. Lula foi considerado culpado nos casos envolvendo um Sítio em Atibaia e um Triplex no Guarujá, condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Seus direitos políticos foram cassados, impedindo sua candidatura nas eleições daquele ano.

Surge o Movimento Lula Livre, campanha em defesa da soltura de Lula e anulação dos processos, que ganha alcance e visibilidade, recebendo apoio de personalidades dentro e fora do país. Durante os 580 dias nos quais esteve preso, Lula recebeu mais de 600 visitas. Além de amigos, familiares e advogados, também estiveram com o ex-presidente a Monja budista Coen Rōshi, os cantores e compositores Martinho da Vila e Chico Buarque, o ator norte-americano e ativista de direitos humanos Danny Glover, o ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica, o argentino que recebeu o prêmio Nobel da Paz, Adolfo Pérez Esquivel, o linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky, o ex-primeiro-ministro italiano Massimo D'Alema e o ex-governador do Distrito Federal do México, Cuauhtémoc Cárdenas, o teólogo, filósofo e escritor Leonardo Boff, o ex-presidente da Colômbia e ex-secretário-geral da União das Nações Sul-Americanas Ernesto Samper, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos e o líder da social-democracia alemã e antigo presidente do Parlamento Europeu Martin Schulz. Além disso, uma multidão de seguidores permaneceu acampada em vigília do lado de fora da carceragem da Polícia Federal em Curitiba. Ainda no período do cárcere, em 2019, foi um dos 300 indicados ao Prêmio Nobel da Paz àquele ano.

Lula deixou a prisão no dia 08 de novembro de 2019 para responder ao processo em liberdade, graças a uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que decidiu que o início do cumprimento da pena não deveria ocorrer antes de esgotados todos os recursos dos réus (trânsito em julgado). No dia 08 de março de 2021, o ministro Edson Fachin decidiu anular

todas as decisões processuais tomadas contra Lula, reestabelecendo, assim, seu direito de concorrer às eleições presidenciais de 2022.

Durante a pandemia de Covid-19, o ex-presidente se posiciona como um mediador, atuando no campo das relações exteriores em um apelo por cooperação internacional. Participa de reunião com Kirill Dmitriev, diretor do Fundo de Investimento Direto Russo, para tratar da aquisição de vacinas Sputnik V. Embora o fundo já estivesse negociado com o governo do Paraná, o encontro com Lula serviu de ponte entre o governo russo e o Consórcio Nordeste (iniciativa dos governadores dos Estados do Nordeste brasileiro para a aquisição de vacinas e insumos para o combate ao Coronavírus) (Fonte: Instituto Lula).

Esse discurso fora proferido em meio à turbulência instaurada no governo ditatorial. Naquele momento, o Brasil era governado pelo último presidente militar e todo o direito de expressão dos cidadãos fora cassado. Havia uma perspectiva da população brasileira em relação à abertura política. Era o ambiente tenso de uma greve, marcado pelo conflito com o governo, com a polícia e com os empresários.

Figura 8: *Lula entrega a faixa presidencial a Dilma Rousseff, janeiro de 2011*



Fonte: Instituto Lula
[https:// https://institutolula.org/biografia](https://institutolula.org/biografia)

Lula é o ex-presidente do Brasil e sua sucessora, Dilma, havia sofrido um processo de *impeachment*. Como consequência do processo movido após as investigações da operação Lava Jato, Lula é condenado a 12 anos de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No primeiro discurso analisado desta fase, Lula decide se entregar e a polícia chega ao local para cumprir a sentença. Os interlocutores são os filiados do PT e membros do sindicato que vão ao local para protestar contra a prisão de Lula. Os imaginários sociodiscursivos se pautam na

indignação contra a prisão de Lula, na crença quanto à sua inocência e no apoio a sua liberdade. É um auditório fechado e homogêneo, todos os presentes são seus apoiadores. Quanto ao lugar de intencionalidade, o sujeito enunciador encontra-se na Instância Política durante o mandato de Dilma Rousseff, passando para a Instância Adversária a partir do *impeachment* de Dilma.

Analizamos desta fase o discurso do ex-Presidente Lula na sede do Sindicato dos Trabalhadores do ABC Paulista em duas ocasiões: momentos antes de sua prisão, dia 07 de abril de 2018, e em 10 de março de 2021, dois dias após a anulação das condenações da Operação Lava Jato e respectiva devolução de seus direitos políticos. Lula volta ao mesmo local – a sede do sindicato do ABC Paulista – para falar a seus apoiadores. As acusações relativas à Operação Lava Jato haviam sido retiradas e seus direitos políticos devolvidos. Os interlocutores permanecem os mesmos do discurso anterior, agora comemorando a absolvição de seu líder. Os imaginários sociodiscursivos são instigados pelo cumprimento das promessas feitas na ocasião de sua prisão, que elevam ainda mais a aura mítica do ex-presidente. Alegria, esperança e êxtase imperam na ocasião.

3.2 Quanto aos modos de organização do discurso

Os quatro discursos que compõem o *corpus* desta pesquisa enquadram-se no *modo de organização argumentativo*, ao provocarem efeitos de persuasão sobre o sujeito interpretante através do encadeamento de ideias que respondem aos seus imaginários sociodiscursivos. O sujeito argumentante (Lula) estabelece sobre o sujeito-alvo (os sujeitos-interpretantes) uma proposta sobre o mundo (a mensagem de cunho político transmitida através de sua fala).

A encenação argumentativa é construída pela relação entre a *asserção de partida* (premissa), a *asserção de chegada* (conclusão) e a *asserção de passagem* (inferência, argumento ou prova) e regulada pelo contrato de comunicação, em um quadro de questionamento que leva ao ato da persuasão. A lógica argumentativa de cada peça do *corpus* analisado está intimamente ligada aos sujeitos envolvidos na situação de comunicação e às suas intencionalidades, de modo que “[...] o aspecto argumentativo de um discurso encontra-se frequentemente no que está *implícito* (CHARAUDEAU, 2016, grifo do autor)”.

3.2.1 Organização da lógica argumentativa no 1º discurso

O sujeito argumentante do primeiro discurso é o Lula líder sindical, o porta-voz do movimento operário. Este sujeito se engaja em uma tomada de posição em relação à pauta

grevista, conforme demonstra ao longo de sua fala. Emprega a atividade discursiva para comunicar e, ao mesmo tempo, justificar sua escolha de posicionamento.

O sujeito-alvo da lógica argumentativa são os trabalhadores, os metalúrgicos filiados ao sindicato do ABC Paulista que foram àquele encontro de 17 de abril de 1980 para receber orientações do sindicato sobre como proceder diante da greve, das ameaças do governo ao movimento grevista, da disputa com a classe empresarial pelas suas demandas.

A proposta sobre o mundo, a apresentação do modo como significa o mundo para si (o sujeito argumentante) e para o outro (o sujeito-alvo), é a pauta da greve em si mesma, o pedido de cautela vindo do sujeito argumentante, a apresentação de uma proposta de ação estruturada. Com a exposição de dados concretos e a listagem de datas relevantes ao movimento, Lula expõe o posicionamento da diretoria do sindicato para aquele momento.

A asserção de partida exposta pelo sujeito argumentante é a de que os trabalhadores têm consciência política e fibra suficientes para brigar por seus direitos. Lula relembra greves passadas e cita as conquistas alcançadas com o intuito de reiterar a importância do movimento grevista. A asserção de passagem versa sobre a cautela e firmeza na execução das próximas ações. Ele cita as atitudes que poderiam prejudicar o movimento e causar retrocesso nas conquistas já alcançadas. A asserção de chegada é a afirmação de que a greve precisa continuar.

A encenação argumentativa baseia-se no procedimento do modo de raciocínio de explicação por silogismo, remontando a uma cadeia de implicações onde uma ideia é motivo lógico para a existência da ideia seguinte, com uma terceira ideia servindo de ponte entre o universo de verdade do enunciador e o dos enunciatários: “Os trabalhadores têm a capacidade de lutar por seus direitos. Logo, a greve deve continuar, mas da maneira correta”.

3.2.2 Organização da lógica argumentativa no 2º discurso

O sujeito argumentante do segundo discurso é o Lula presidente do Brasil, recém-eleito, representante de uma nação em um evento internacional – o Fórum Econômico Mundial de Davos. Sua fala tem o peso das intenções que o Brasil carrega, como o país pretende lidar com os demais, com as questões econômicas, ambientais e diplomáticas.

O sujeito-alvo é uma questão bem complexa. Trata-se de público ao mesmo tempo fechado e aberto, um auditório universal. Lula fala em um palanque para um grupo fechado de pessoas (os presidentes de outros países e os representantes da imprensa internacional), mas suas palavras ficarão gravadas na história como a participação do Brasil no evento daquele ano.

A proposta sobre o mundo é a ideia de que o Brasil é um país próspero e digno de confiança. Com um relato que expõe seu conhecimento quanto à posição que o país ocupa no cenário mundial, e as atitudes que precisam ser tomadas dali em diante, Lula transmite uma imagem de credibilidade de si mesmo e da nação brasileira.

A asserção de partida é a ideia de que o Brasil vive uma batalha contra a pobreza, a fome, o desemprego e a desigualdade social. São apresentados dados que expõem a situação negativa vivida pelo país em relação à economia e ao bem-estar da população, comprovando uma ideia negativa já conhecida pelo público-alvo. A asserção de passagem é que Lula agora é o presidente do país e, graças às suas experiências como operário e líder do movimento sindical, tem uma visão concreta dos elementos que compõem essa realidade e dos passos que devem ser seguidos no intuito de revertê-la. A asserção de chegada é a certeza de que o Brasil é um país em ascensão. Alternado entre linguagem técnica e linguagem metafórica, o sujeito argumentante exprime a esperança, a ideia otimista de que a população e o país como um todo viverão tempos de prosperidade dali em diante.

A encenação argumentativa estrutura-se na formação de uma concessão restritiva, comportando um encadeamento de ideias que conduz à conclusão de que: “O Brasil tem problemas estruturais, como a pobreza, a fome, o desemprego e a desigualdade social mas tem condições de combatê-lo, visto que o governo Lula é digno de confiança e já elaborou um plano de ação para reverter essa situação e fazer o país prosperar”.

3.2.3 Organização da lógica argumentativa no 3º e no 4º discurso

O sujeito argumentante é o ex-presidente Lula. Ator político mais experiente, personagem reconhecido, condecorado e aclamado internacionalmente por seus feitos. Em oposição à fase anterior, agora dispõe de liberdade e espaço para se expressar da maneira que preferir.

O sujeito-alvo dos dois discursos são os afiliados do Partido dos Trabalhadores, os Membros do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista e dos demais movimentos de apoiadores de Lula, além dos jornalistas presentes na ocasião.

A proposta sobre o mundo contida nos dois discursos é a inocência do sujeito argumentante quanto às acusações pela qual o responde naquela situação discursiva. Sua fala retoma elementos de situações comunicativas anteriores com o intuito de desenhar um panorama de legitimidade e de credibilidade, necessário à sua construção argumentativa.

No terceiro discurso, a asserção de partida é que o sujeito argumentante está sendo erroneamente acusado de atos ilícitos. A asserção de passagem é que tornar-se um fugitivo de justiça manchará sua imagem e impedirá a constatação de sua inocência. A asserção de chegada é que Lula se entregará à justiça, embora seja inocente.

No quarto discurso, a asserção de partida é que o sujeito argumentante está sendo alvo de perseguição política. A asserção de passagem é que os atos que culminaram em sua prisão estão diretamente ligados ao resultado das eleições de 2018. A asserção de chegada é que Lula é inocente das acusações.

A encenação argumentativa se completa com o encadeamento das ideias dos dois discursos. No terceiro discurso, trata-se de uma associação dos contrários: “Eu sou inocente, porém aceitarei ser preso”. O quarto discurso retoma as asserções do terceiro para construir uma dedução condicional: “Estou livre, agora terei condições de provar minha inocência”.

3.3 Os imaginários sociodiscursivos

Tratamos aqui das representações sociais que constroem o real como universo de significação, os imaginários de verdade que guiam as opiniões dos sujeitos interpretantes, atuando como normas de referência que corporificam as intenções e expectativas surgidas no interior de cada discurso.

3.3.1 Imaginários sociodiscursivos na 1ª fase

Nessa fase, o Brasil é visto como um país austero, cujo governo é repressor. É um momento político tenso, marcado pelo clima ditatorial. Em meio a este cenário, Lula emerge como um representante da classe operária, uma espécie de protetor, de solucionador. Vários líderes já haviam sido presos, Lula seria detido dali a três dias, acusado de transgressão e agitação política. Os sujeitos interpretantes, os operários, veem-se como indivíduos atuantes no conflito político-trabalhista instaurado naquele momento.

Os imaginários são centrados no sentimento de revolta pelas péssimas condições de trabalho e na esperança de ter suas demandas atendidas, conquistando os direitos trabalhistas reivindicados na greve. Há inquietação, medo e esperança.

O imaginário da modernidade surge da ideia de que as condições de trabalho, embora precárias, são melhores do que eram em períodos anteriores da história, graças à organização dos trabalhadores em sindicatos e às mobilizações grevistas.

O discurso do direito à identidade está atrelado ao discurso do mérito. Ao mesmo tempo em que situa os operários como um grupo social, aponta que este grupo merece ter sua identidade reconhecida, seu papel social e econômico valorizados. O direito à greve é sustentado no discurso pela percepção da importância da classe operária para a economia do país.

O imaginário do sucesso faz-se presente na representação do combate e da força. Tornam-se visíveis no esforço realizado pelo sujeito argumentante e por seus interlocutores para se imporem diante da classe empresarial e ter suas demandas atendidas.

3.3.2 Imaginários sociodiscursivos na 2ª fase

O Brasil é visto como um país em ascensão. O governo brasileiro, representado pelo presidente Lula, aparece como uma liderança democrática, pacifista e voltada para o progresso e para a erradicação da pobreza. Os sujeitos interpretantes dividem-se em grupos distintos: os líderes de outros países veem-se como sujeitos em patamar de igualdade com o enunciador e partilham interesse em comum; os brasileiros que assistem ao discurso veem-se como uma nação com um novo líder; os jornalistas estão iniciando um relacionamento com novo o presidente eleito.

O imaginário da soberania popular surge no discurso do igualitarismo, na ideia de que as necessidades do povo estão acima de qualquer interesse individual. Observa-se também neste discurso a ideia de que todo cidadão, independente de cor, raça, idade, orientação sexual ou credo, merece ter os seus direitos respeitados. O imaginário da soberania popular aparece ainda no discurso da solidariedade, na afirmação de que há pessoas que precisam de assistência, que a pobreza deve ser erradicada no Brasil e no mundo inteiro.

O imaginário do sucesso se faz presente na representação do combate e da força. O sujeito argumentante explicita sua luta para enfrentar a fome e a pobreza em seu país. Há ainda o imaginário do sucesso do saber e da competência, centrado nos comentários nos quais ele reafirma, através de frases explícitas e de dados sobre a conjuntura econômica e social do Brasil, o interesse e a capacidade de governar o país e de solucionar os problemas da população.

Os imaginários sociodiscursivos de interlocutores desta fase – toda a população brasileira, os líderes de outros países e a imprensa internacional – fundam-se na esperança pelo cumprimento das promessas de melhores condições de trabalho, saúde e moradia feitas na campanha, e na curiosidade em ver, pela primeira vez na história de nosso país, como seria ter um indivíduo oriundo da classe operária ocupando o cargo de presidente do Brasil.

3.3.3 Imaginários sociodiscursivos na 3ª fase

O Brasil é apresentado como uma nação que precisa ser salva. O governo, comandado naquele momento por um grupo político com ideias contrárias às de Lula, é visto como incompetente e ineficiente. O Lula, que foi preso e solto, agora desperta temor em seus adversários (exatamente como o Lula de 1980). Os sujeitos interpretantes concentram-se em apoiar seu líder e seguir sua vontade.

O imaginário da soberania popular surge no discurso do igualitarismo no momento no qual o sujeito enunciador exalta a igualdade de direitos para todos os cidadãos, afirmando que seu projeto político engloba a prosperidade e o bem-estar de todos os brasileiros.

O imaginário do sucesso se concretiza na imagem da coragem, pela bravura e atitude confiante do sujeito enunciador diante das acusações de corrupção e da prisão iminente. É possível vislumbrar o imaginário de sucesso ainda na imagem da vitória, prevendo e posteriormente enaltecendo o triunfo diante de uma situação aparentemente irreversível.

3.4 O contrato de comunicação

O contrato interfere diretamente na construção do quadro de referência da situação de comunicação. Como se sujeito enunciador e sujeitos interpretantes, os parceiros da troca linguageira, assinassem um contrato imaginário onde entram em consenso sobre o que pode e o que não pode ser dito em determinado momento e lugar. As significações são determinadas pelo posicionamento dos indivíduos e pelo lugar que ocupam. Seguiremos, então, identificando como se estabelece o contrato de comunicação entre os protagonistas dos discursos analisados, através da observação dos dados internos e dos dados externos que o constituem.

3.4.1 O contrato de comunicação da 1ª fase

O sujeito enunciador do primeiro discurso é o Lula sindicalista. Ex-metalúrgico, Lula agora atua na diretoria do sindicato do ABC Paulista. Os trabalhadores o veem como alguém de seu meio, que os representa e luta por seus direitos. O contrato desta fase pede um tom mais enérgico e agressivo. Neste momento, a fala combativa se encaixa na situação de comunicação. Não há espaço para hesitação ou qualquer demonstração de fraqueza.

Os interlocutores são o público presente as reunião do sindicato no dia 17 de abril de 1980. Trabalhadores da indústria metalúrgica, assim como Lula, aguardam instruções de como proceder diante do movimento grevista. São indivíduos que atuam em situação precária de trabalho e seguem as orientações do seu sindicato na luta por melhores condições de emprego e renda. Há, também, na ocasião a presença de autoridades religiosas e políticos simpatizantes à causa.

A finalidade está centrada na visada prescritiva, na intenção de direcionar os operários sobre como proceder, o que dizer à imprensa, em quais horários sair de casa, quando voltar às fábricas, uma espécie de ‘fazer fazer’. Há ainda a visada do *pathos*, representada pela intenção de fazer sentir, de provocar os sentimentos de garra, orgulho, perseverança.

O propósito é a luta do movimento trabalhista daquele período. O enunciador reafirma o motivo da greve, as vitórias alcançadas até aquele momento e segue apelando para a consciência política e o desejo de mudança dos interlocutores.

O dispositivo é composto pelo encontro com centenas de trabalhadores, reunidos em um estádio de futebol. O enunciador está no palco, ao microfone, falando à multidão. Outros membros da diretoria do sindicato falaram antes e após Lula, mas ele era o orador mais esperado do evento.

3.4.2 O contrato de comunicação da 2ª fase

O sujeito enunciador é o presidente recém-eleito, representante do Brasil no Fórum Econômico Mundial. Nesta fase, Lula cria para si uma nova identidade, causando espanto em quem acompanhava sua trajetória política do fim da ditadura até aquele momento. Para se adequar à nova situação de comunicação, adota um jeito mais brando de falar, tanto no tom de voz quanto no conteúdo de seus discursos. Assume um tom mais brando para que seu discurso seja conhecido pela mensagem, e não mais pela rispidez. Passa a usar ternos, apara a barba, sorri mais, além de acenar com a promessa de um pacto social, um governo pautado na cooperação entre todas as camadas da sociedade brasileira, que agradaria tanto seus aliados da esquerda quanto seus opositores do centro e da direita. Mantém a promessa de lutar pelas camadas populares, mas agora assume a postura de um sujeito calmo, tranquilo, observador, apaziguador. Essa política voltada para a diplomacia rende a Lula o respeito e cooperação internacional. Sua política assistencialista passa a ser reconhecida e replicada por outros países. Lula deixa a presidência ao final de seu segundo mandato como um dos líderes mais influentes do mundo (Fonte: Revista Exame, 2010).

Os interlocutores são líderes de Estado, os demais convidados para o Fórum Econômico Mundial. Além dos membros da imprensa internacional que fazem a cobertura midiática do evento.

A finalidade consiste em uma visada informativa – ao explicar como o Brasil portar-se-á em seu governo e que medidas tomará para combater a fome e as desigualdades sociais – e uma visada do *pathos* – ao expressar orgulho por sua trajetória e esperança em dias melhores para a população.

O propósito é explicitar a posição do Brasil no cenário econômico internacional. O enunciador revela que governará pensando no bem-estar de todos os brasileiros e firmará parcerias nacionais e internacionais em vista do progresso de sua nação.

O dispositivo é um encontro em um ambiente fechado, uma sala ampla, com um palanque, um microfone, com intérpretes para viabilizar a comunicação de líderes de diversas partes do mundo.

3.4.3 O contrato de comunicação da 3ª fase

O sujeito enunciador é o ex-presidente Lula, alvo de acusações da Operação Lava Jato. Encontra-se na Instância Adversária, criticando abertamente as ações do atual governo em relação a questões econômicas e ambientais, acusando-o de passividade e incompetência no enfrentamento da pandemia de Covid-19.

Os interlocutores são os afiliados ao Partido dos Trabalhadores, fundado por Lula, os membros do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, e jornalistas selecionados para cobrir o evento. Com exceção dos jornalistas, os interlocutores compõem um auditório particular – os apoiadores de Lula – tornando mais cômodo ao ator político expressar suas ideias sem temer julgamentos ou represálias.

A finalidade constitui-se de uma visada informativa, na qual Lula descreve como pretende proceder dali em diante, e uma visada do *pathos*, ao conduzir as emoções dos interlocutores aos sentimentos de orgulho de sua trajetória política e de indignação pelas acusações sofridas.

O propósito dos dois discursos é uma visada incitativa, que tem por objetivo convencer seus apoiadores e os jornalistas de sua inocência. Há ainda uma visada do *pathos*, o intuito de fazer sentir indignação pela prisão de seu líder e esperança de que as acusações serão esclarecidas.

Os dois discursos compartilham o mesmo dispositivo: consiste em um encontro de Lula com seus apoiadores, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, com Lula no palco ao microfone falando, para uma multidão de centenas de pessoas.

3.5 As estratégias discursivas

Nesta sessão, analisamos as estratégias discursivas empregadas pelo sujeito argumentante para atingir a legitimidade (princípio de alteridade), a credibilidade (princípio de pertinência) e a captação (princípio de influência e de regulação) em seus discursos. Notamos que estas estratégias dialogam e se complementam nos discursos para moldar a imagem mítica do enunciador.

3.5.1 Estratégias discursivas empregadas na 1ª fase

A credibilidade pode ser notada no esforço que o enunciador faz para demonstrar que tem capacidade de conduzir o movimento grevista, que o seu plano para a condução da greve é o plano certo e será bem-sucedido. Bom negociador, demonstra conhecimento sobre a conjuntura política, econômica e social do país, com habilidade de organização da fala e de estratégias de ação.

A legitimidade está presente na ação discursiva de posicionar-se no discurso como representante dos operários pelo fato de ser um deles. Emprega uma linguagem informal, adota a metáfora e a comparação para ilustrar seus argumentos, além de gírias e expressões populares, a fim de criar uma aproximação com os interlocutores. “Pessoal, vamos bater um papo aqui como nós sempre fizemos” (DA SILVA, 1980).

A captação está presente em toda a estrutura argumentativa do discurso. O sujeito-enunciador utiliza a estratégia de enaltecer seu interlocutor, elogiando sua postura diante da situação atual, a adesão à greve, enquanto aponta a ingenuidade dos operários de outros tempos diante de situações desfavoráveis. Parabeniza os indivíduos que aderiram às suas ideias, mantendo-se firmes nas ações do movimento grevista. Cria uma ideia de unidade e de mobilização ao afirmar que os sujeitos envolvidos na greve estão mudando a história. Combina o mito da unidade com o mito da conspiração.

3.5.2 Estratégias discursivas empregadas na 2ª fase

A credibilidade é exaltada pelo conhecimento demonstrado pelo enunciador dos problemas sociais e econômicos enfrentados pelo Brasil, e consolidado pela apresentação de um plano de ação que o sujeito enunciador pretende adotar para solucionar esses problemas.

A legitimidade é afirmada pelo cargo de chefe da nação brasileira, e pela afirmação de haver recentemente participado de outro encontro – o Fórum Social de Porto Alegre – e tratado com sucesso dos mesmos assuntos que viria a abordar naquele discurso.

A captação é difundida pela construção de uma imagem de esperança, que se traduz em um convite à cooperação internacional como caminho para as adversidades. Lula adota linguagem metafórica, como pode ser visto no trecho a seguir:

Trago a Davos o sentimento de esperança que tomou conta de toda a sociedade brasileira. O Brasil se reencontrou consigo mesmo, e esse reencontro se expressa no entusiasmo da sociedade e na mobilização nacional para enfrentar os enormes problemas que temos pela frente (DA SILVA, 2003).

3.5.3 Estratégias discursivas empregadas na 3ª fase

A credibilidade é construída pela segurança adotada pelo sujeito argumentante em sua alegação de inocência, e da afirmação feita por ele de que a verdade será revelada e aqueles que o acusaram irão responder por seus atos. Há ainda o tom de indignação, a força tranquila que permeia toda a sua fala.

A legitimidade funda-se na própria aura mítica dos discursos. Lula comunica a existência de um legado ao enfatizar o grande número de seguidores na palavra “milhares”, ao nomear seus possíveis sucessores e afirmar que sua influência persistirá mesmo após sua morte, sobrepondo uma aura sobrenatural à sua imagem:

[...] não adianta tentar me impedir de andar por este país, porque têm milhões e milhões de Boulos, de Manuelas, de Dilmás Rousseffs neste país para andar por mim. Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las. Não adianta parar o meu sonho, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelos sonhos de vocês. Não adianta achar que tudo vai parar o dia que o Lula tiver um infarto. É bobagem. Porque o meu coração baterá pelos corações de vocês, e são milhões de corações (DA SILVA, 2018).

A captação também nasce da aura mítica, mesclada ao tom leve de seu discurso. O sujeito enunciador utiliza com frequência a figura do humor, citando elementos comuns do cotidiano para dar um tom mais leve à sua fala e fortalecer a imagem de pessoa simples, de um homem do povo.

Bem, uma vez, a Janja mandou pra mim uma sopa, uma sopa dentro de uma garrafa térmica. E eu acho que a sopa continuou cozinhando dentro da garrafa térmica, e ela não saía da garrafa. Os caroço cresceram, eu acho que era lentilha. Os grãos cresceram dentro da garrafa térmica e eu não consegui tirar a comida, sabe. Mas eu fui puxando, fui puxando com a colher, fui dando tapa no fundo da garrafa térmica até que a sopa já não era mais sopa, mas tava gostosa (DA SILVA, 2021).

Em determinado momento, emprega o termo “companheiras” com o intuito de gerar identificação na parcela feminina dos sujeitos-interpretantes. Recorre à utilização de metáforas para suavizar o discurso e transmitir sua mensagem. Em dado momento, afirma que “[...] a nossa luta é em busca da primavera (DA SILVA, 2018)”. A linguagem metafórica também leva à mitificação, a passagem do real ao imaginário apresentada por Barthes em sua ideia de mito. A promessa de um futuro doce e feliz consolida o procedimento de patemização.

3.6 As estratégias de Polidez e Proteção da Face

O Lula da primeira fase ofende abertamente seus opositores, os empresários, conquistando o respeito e a admiração dos trabalhadores filiados ao sindicato e o temor dos empresários, do governo e do restante da população. Não há preocupação com o emprego de atenuadores ou qualquer outra estratégia de polidez. A face está ameaçada, sem nenhum escudo de proteção. Lula não usa nenhum filtro para se dirigir aos seus interlocutores, gerando um discurso tenso e ofensivo. Utiliza um tom ríspido. Emprega agressão verbal concentrada no uso de palavras de baixo calão. Sua linguagem é ríspida e agressiva.

Entendam bem uma coisa. Entendam bem, por favor! Cada um de nós aqui, cada um de nós, o Lula, o Ratinho, o jornalista, o metalúrgico, individualmente não vale p... nenhuma. Não vale. A categoria como um todo vale muito. E o que nós precisamos preservar é a categoria (DA SILVA, 1980)”.

Na segunda fase, surge uma preocupação com a preservação da face. Estratégias de polidez são empregadas para garantir a aceitação e a simpatia dos interlocutores. O enunciador quer se expressar livremente, mas teme ser julgado e desacreditado se o fizer. O jeito radical é suavizado pela promessa de empatia e aceitação a todas as ideias e escolhas dos sujeitos interpretantes. Não cabe aqui a força explosiva que fora empregada na condução das greves trabalhistas da década de 80. A situação de comunicação pede uma fala mais moderada, mais polida. Para ser aceito como o líder de uma nação, o ator político precisa demonstrar inteligência, habilidades diplomáticas e, principalmente, controle de si. A linguagem passa a ser mais formal, um tom de voz mais brando. O tom enérgico de Lula, que cabia perfeitamente nas reuniões do sindicato, assusta grande parte dos eleitores e precisa ser abolido. O povo não quer um sujeito destemperado ocupando a cadeira presidencial, representando seus interesses.

O contrato de comunicação da terceira fase permite, em um primeiro momento, uma fala livre das amarras da polidez (até certo ponto), já que o ator político agora se encontra fora dos holofotes do poder público. No último discurso, a polidez retorna, visto que agora o sujeito enunciador tem seus direitos políticos devolvidos e vislumbra uma possível candidatura nas próximas eleições presidenciais. Como ex-Presidente, Lula tem liberdade para se expressar da maneira que decidir (ao contrário da segunda fase), mas como um possível pré-candidato precisa voltar a medir suas palavras. Em dado momento, traz a figura materna como ferramenta de atenuação. Uma dose extra de polidez é empregada pelo enunciador ao falar sobre a pandemia, assunto que suscita um clima de tristeza, medo, luto.

3.7 Manifestação do *pathos*

Percebemos que a construção argumentativa do sujeito enunciador analisado nesta pesquisa tem como objetivo principal alcançar os sentimentos de seus interlocutores. Trata-se de uma abordagem essencialmente patêmica. A autoimagem daquele que enuncia é elaborada com o objetivo de tocar as emoções dos sujeitos interpretantes. Os trechos que apresentam dados concretos, empregando a estratégia dos *logos*, da razão, também intendem atingir seus espíritos.

O *pathos* surge na primeira fase na mobilização pela tomada de posição dos sujeitos interpretantes. Trabalhadores submissos e acomodados não fazem greve; então, é preciso provocar sentimentos de coragem, força e indignação. Lula relembra conquistas de greves anteriores para invocar uma sensação de orgulho e motivar seus interlocutores a prosseguir com as reivindicações do movimento grevista.

Na segunda fase, o *pathos* é invocado durante todo o discurso, ao acenar com promessas de felicidade e prosperidade. Ainda conserva como estratégia inflar o orgulho de seus interlocutores, a fim de garantir adesão a suas ideias. “Somos um país acolhedor. A tolerância e a solidariedade são características do povo brasileiro. Temos uma força de trabalho qualificada, apta para os grandes desafios da produção neste novo século (DA SILVA, 2003)”. A necessidade de associar uma atmosfera de credibilidade à figura do locutor sem renunciar à estratégia de patemização o leva a instigar a emoção dos sujeitos interpretantes, mesmo quando emprega um argumento lógico, criando um entrelace de *ethos*, *pathos* e *logos* na mesma sentença.

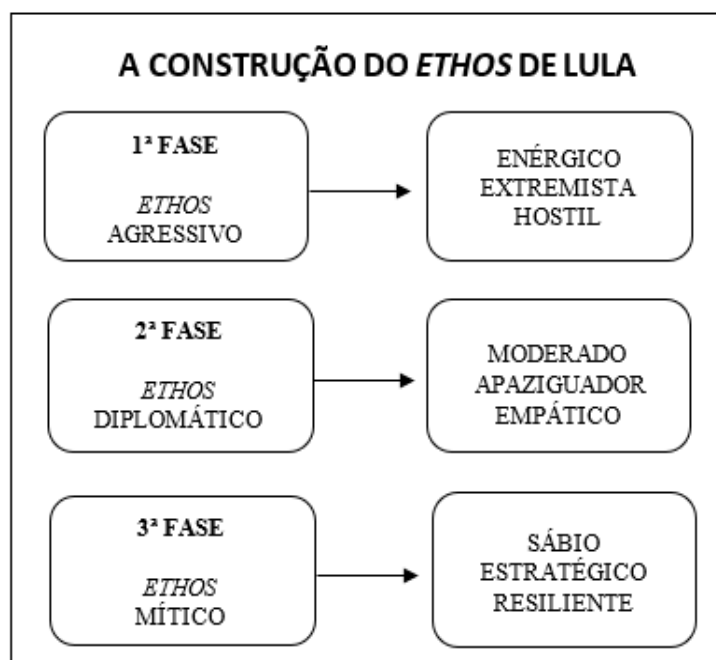
A face mais visível dessas disparidades são os mais de 45 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. O seu lado mais dramático é a fome, que atinge dezenas de milhões de irmãos e irmãs brasileiras. Por essa razão, fizemos do combate à fome nossa prioridade. Não me cansarei de repetir o compromisso de assegurar que os brasileiros possam, todo dia, tomar café, almoçar e jantar (DA SILVA, 2003).

Na terceira fase, a estratégia do *pathos* é empregada com o intuito de criar um vínculo emocional com os interlocutores e a adesão a suas ideias. Os dois discursos levantam os sentimentos de raiva, revolta, inquietude, convidando a uma tomada de posição frente a situações distintas – em um discurso há protesto frente à prisão de Lula; no outro, há indignação quanto à crise política, econômica e sanitária desencadeadas pela pandemia de COVID-19. Há, ainda, a sensação de esperança evocada pelas promessas do sujeito enunciador.

3.8 A construção do *ethos*

Os discursos analisados nesta pesquisa apontam uma mudança na imagem discursiva do sujeito enunciador. As mudanças ocorridas ao longo de sua história política trouxeram diferentes demandas e tomadas de posição. Logo, é possível dividir o *ethos* de Lula em três fases distintas, como pode ser visto na figura abaixo:

Figura 9: As fases do *ethos* de Luís Inácio Lula da Silva



Fonte: Elaboração própria

3.8.1 A imagem discursiva do Lula sindicalista

Lula mantém uma imagem extremamente combativa em sua época como sindicalista, depois como diretor do sindicato, como deputado federal, até a candidatura à presidência do Brasil nos anos de 1990, 1994 e 1998. Enquanto sindicalista, briga com os empresários. Como deputado federal, briga com as elites. Como candidato à presidência, faz oposição direta ao candidato eleito, Fernando Collor de Melo, no movimento que ficaria conhecido como Governo Paralelo. É o Lula brigão, apelidado pela imprensa da época como o “sapo barbudo”. Já é possível vislumbrar nesse período alguma centelha de um *ethos* humanitário. Analisamos desta fase o discurso de Lula dirigindo-se aos sindicalistas, em 17 de abril de 1980.

Surgem apenas nuances de um *ethos* de humanidade, que é desviado de sua imagem individual e fixada no grupo formado pelos demais membros da diretoria do sindicato. A identidade do enunciador é a do sindicalista brigão. A fala áspera e a postura combativa compõem a figura do líder do movimento grevista, que incita os trabalhadores a confrontar o governo e os empresários.

Percebemos, nesta primeira fase, que o *ethos* predominante é um *ethos* agressivo, combativo, que chama os companheiros à ação. Coloca-se como escudo à frente, na luta, diz que talvez seja preso, mas os valores do movimento grevista e as vitórias a serem alcançadas

pela classe trabalhadora são mais importantes. Demonstra força e combatividade. Não há nenhum traço de polidez ou mesmo de hesitação.

Lula executa um ataque verbal direto à classe dos empresários, criticando sua omissão em relação aos direitos dos trabalhadores. A expressão “direitos sagrados” introduz uma tentativa de substituição do conjunto do imaginário sociodiscursivo partilhado pelo grupo de interlocutores, que advinham de uma organização social na qual os operários não tinham direito algum.

Ao lado desse *ethos* agressivo, observa-se a atuação de um *ethos* humanitário. Lula deixa clara sua preocupação com o bem-estar dos trabalhadores, com o direito ao atendimento de suas necessidades básicas. Identificamos, também, um *ethos* de inteligência, um *ethos* de potência, um *ethos* de chefe e um *ethos* de solidariedade. Demonstra inteligência ao explicar a estratégia do governo e dos empresários, e ao fazer observações pertinentes sobre os próximos passos do movimento grevista. A fala grosseira reforça o *ethos* de potência, remetendo à ideia de força física e moral.

O sujeito-enunciador está situado no lugar de intencionalidade da Instância Cidadã. Lula é o diretor do sindicato e os seus interlocutores são os metalúrgicos grevistas, que esperam orientação de seu líder sobre os próximos passos da mobilização. Passa para a Instância Adversária quando se candidata a deputado federal.

Encarna a figura de chefe, o guia-pastor, conduzindo e, ao mesmo tempo, acompanhando os interlocutores em uma tomada de posição e declarando que, mesmo que seja preso, a greve precisa continuar e ele continuará liderando o movimento da prisão (o que, de fato, aconteceu). A expressão “companheiros”, vocativo adotado por Lula em seus discursos, materializa a ideia de solidariedade e reforça o mito da unidade ao introduzir o sentimento de que o sujeito-enunciador e os sujeitos-interpretantes partilham das mesmas condições socioeconômicas.

3.8.2 A imagem discursiva do Lula presidente

Após perder três disputas nas eleições presidenciais, Lula adota um discurso bem mais apaziguador. Investe na empatia, priorizando agora em suas falas as mulheres, que constituem a maioria de seu eleitorado. Assume um tom conciliador, objetivando tranquilizar as camadas da sociedade que, em outros tempos, foram alvo de seus ataques verbais. Declara-se aliado da classe dos empresários (seus antigos rivais), abandonando o mito da conspiração e deixando o

mito da unidade em segundo plano. Ao invés de clamar para que a classe trabalhadora se una contra as demais classes, passa a falar em condições dignas para todos os brasileiros.

Percebemos, nesta fase, que o *ethos* predominante é o *ethos* diplomático. Lula faz um esforço visível para se adequar às regras do contrato de comunicação do discurso político. Adotando um tom suave, tranquilo, acenando com a ideia de beneficiar os eleitores de todas as classes sociais.

Sei que no debate contemporâneo há divergências, visões de mundo distintas, até mesmo antagônicas. Sou o Presidente de todo o povo brasileiro e não apenas daqueles que votaram em mim. Estamos construindo um novo contrato social, em que todas as forças da sociedade brasileira estejam representadas e sejam ouvidas (DA SILVA, 2003).

Em oposição à fase anterior, Lula agora adota uma postura branda diante de seus opositores, mais condizente com o contrato de comunicação atual. Para compor o *ethos* diplomático, passa a empregar estratégias de polidez positiva e negativa em seus discursos, em uma tentativa de enaltecer o fato de que trabalha para solucionar a fome, a miséria e as desigualdades sociais – um *ethos* humanitário – e apagar a conhecida postura de brigão e encrenqueiro.

Identificamos, também, os *ethé* de sério, de inteligência, de competência, de solidariedade, de caráter e de virtude. O sujeito enunciador busca legitimação. Anuncia que tem habilidade para executar a tarefa que lhe coube graças a sua experiência e ao peso de sua história de atuação política. Descreve o propósito da troca languageira e se proclama merecedor de confiança.

Escolhe como imagem de si a figura do herói, agora representada pelo profeta. Preocupa-se em enfatizar que vai governar pensando nas necessidades de toda a população. Seduz os interlocutores com a promessa de erradicar a fome e a pobreza do Brasil, estendendo a promessa ao propor a integração do Brasil com outras federações em uma espécie de pacto de auxílio mútuo.

Nosso projeto nacional não é xenófobo e, sim, universalista. Queremos aprofundar nossas relações com os países da América do Sul, desenvolvendo com eles uma integração econômica, comercial, social e política. Queremos negociar cada vez mais positivamente com os Estados Unidos, a União Europeia e os países asiáticos. Teremos, na condição de país que possui a segunda maior população negra do mundo,

um olhar especial para o continente africano, com o qual temos laços étnicos e culturais profundos (DA SILVA, 2003).

Acena com a afirmação de que vai honrar com sua principal promessa de campanha – a erradicação da fome. A visão de uma realidade futura, já com a concretização dessa promessa, consolida a figura do guia-profeta. A escolha pelo sujeito na primeira pessoa do plural no trecho “estamos construindo” tem a mesma função de reforçar a ideia de trabalho em equipe, informar ao sujeito-interpretante que o enunciador é parte de um grupo maior, formado, além de sua equipe de governo, por todos os brasileiros.

O *ethos* agressivo é apagado na 2ª fase, numa espécie de convite ao esquecimento, e empregado como estratégia argumentativa na 3ª fase, numa justificativa velada que diz “eu era brigão porque estava lutando por vocês”.

Não tenham medo de mim. Eu sou radical. Eu sou radical porque eu quero ir à raiz dos problemas desse país. Eu sou radical porque eu quero ajudar a construir um mundo justo. Um mundo mais humano. Um mundo em que trabalhar e pedir aumento de salário não seja crime. Um mundo em que a mulher não seja tripudiada por ser mulher. Um mundo em que as pessoas não sejam tripudiadas por aquilo que querem ser. Um mundo em que a gente venha a abolir definitivamente o maldito preconceito racial nesse país. Um mundo que não tenha mais bala perdida. Um mundo em que o jovem possa transitar livremente pelas ruas de qualquer lugar sem a preocupação de tomar um tiro. Um mundo em que as pessoas sejam felizes onde quiserem ser, que as pessoas sejam o que elas decidirem. Um mundo em que a gente tem que respeitar a religiosidade de cada um, cada um é o que quer, cada um tem a espiritualidade que quiser. Ninguém é obrigado a ser da minha religião, seja a que você quiser, a que você acredita. As pessoas podem ser LGBT, e a gente tem que respeitar o que as pessoas fazem. Esse mundo é possível, esse mundo é plenamente possível (DA SILVA, 2021).

Quanto ao lugar de intencionalidade, transita entre a Instância Adversária (durante a campanha eleitoral) e a Instância Política (período em que esteve no cargo de Presidente da República). Conserva a imagem política de pacificador, ainda que transitando por instâncias diferentes. No discurso analisado nesta fase, Lula fala a partir de um lugar de governança, consolidando sua posição na Instância Política.

3.8.3 A imagem discursiva do Lula ex-presidente: o *ethos* mítico

Nesta fase, acontece a consolidação do *ethos* mítico. Lula entrega a faixa presidencial para a Presidenta Dilma Rousseff. Livre das amarras do contrato de comunicação anterior – o *status* de representante da nação brasileira – Lula, agora, tem toda uma história na política para empregar como argumento em seus discursos, e milhões de admiradores dentro e fora do Brasil.

Imediatamente após os dois mandatos como Presidente do Brasil, o discurso de Lula adquire uma atmosfera mítica. Ele cita as mudanças que realizou no país e critica o governo atual (de forma mais suave que o Lula da primeira fase). Diz que se transformou em um símbolo, uma ideia, e aponta quem serão seus sucessores (marca de autoridade).

Lula encarna um tipo diferente de herói. Agora, ele representa o velho sábio, que já doou anos de sua juventude em prol do seu país, e retorna para intervir novamente na realidade. Volta também o mito da conspiração, no primeiro discurso, ao anunciar que seus opositores querem apagar suas ideias e o seu legado, e no segundo discurso, ao afirmar que a condenação foi armada para retirá-lo do cenário político. “Contra o Lula não precisava provar que o documento tinha seriedade. Era preciso destruir. Afinal de contas, um torneiro mecânico, sem dedo, já tinha feito demais nesse país. Era preciso evitar que esse cidadão pensasse em voltar a governar o país (DA SILVA, 2021)”.

Seu discurso transmite um tom de experiência (licenciado pelo fato de ter governado o país por oito anos), assumindo uma voz de indignação contra os ataques a sua pessoa, a seu partido e a seus sucessores no primeiro discurso, que é trocada por uma voz de superioridade e de sensatez no segundo discurso.

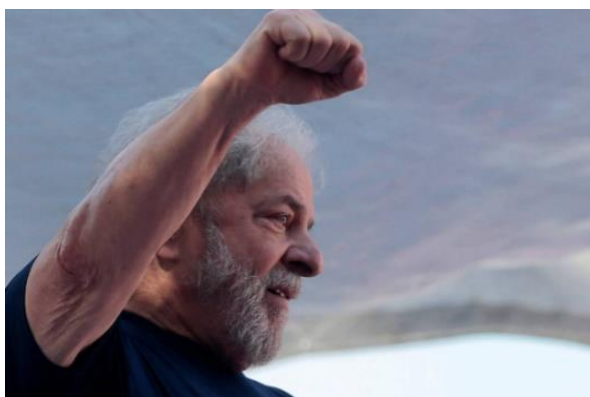
Lula constrói sua fala clamando para si uma aura de grandiosidade, a imagem de mito. Ao mesmo tempo em que proclama sua força e resistência diante das adversidades, agradece o carinho e a dedicação de seus seguidores ao citar a vigília realizada para acompanhá-lo durante o período na prisão de Curitiba.

E esse pessoal ficou lá 580 dias. Todo santo dia de manhã, de domingo a domingo, gritando "presidente Lula", almoçando e gritavam "presidente Lula", às duas horas da tarde. E às sete horas da noite, gritavam "presidente Lula". E todo santo dia. Eu acordava, almoçava e dormia com mulheres e homens do Brasil inteiro gritando o meu nome (DA SILVA, 2021).

Assume em todos os momentos uma postura de líder. Inspira os interlocutores com o tom firme e decidido e as sugestões que lança para solucionar os problemas em questão. Revela um grande dom para a oratória, através de uma exposição clara de seus argumentos e um encadeamento conciso de ideias. Apresenta-se como um sujeito simpático, carismático, com talento para a fala pública e para a argumentação. Prende a atenção dos interlocutores ao abordar problemas concretos, atingindo diretamente o interesse daqueles que o ouvem. Fala sobre esperança, dignidade e realização de sonhos.

O *ethos* mítico não surge do nada. Está atrelado ao passado como líder do movimento sindical (*ethos* agressivo), dialoga com o tom brando (*ethos* pacificador) e culmina com o *ethos* de herói salvador (figura central do *ethos* mítico de Lula). Tem ligação direta com o *ethos* humanitário, presente desde o início de sua atuação política. A participação de Lula nas lutas sindicais, seu ingresso na política partidária, as eleições presidenciais, seus dois mandatos no cargo de Presidente do Brasil e sua atuação pós-presidência, todos esses momentos se fundem em uma única imagem para formar a esfera mítica em seu discurso.

Figura 10: Lula discursa momentos antes de sua prisão, em 27 de abril de 2018



Fonte: Revista Eletrônica Uol
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/leia-a-integra-do-discurso-do-ex-Presidente-lula-antes-de-se-entregar-a-pf.shtml>

O *ethos* mítico marca um encontro entre *ethos* e identidade. A figura do velho sábio, ora enérgico, ora plácido, é convertida em estratégia e transportada para dentro do discurso. Ao mesmo tempo que evoca a figura do velho experiente, constrói uma figura de força e vitalidade, proclamando-se pronto para voltar à batalha.

Além do *ethos* mítico, segue em destaque um *ethos* humanitário. Mesmo depois de enfrentar um processo e passar 1 ano e 7 meses na prisão, cita brevemente as adversidades que

passou e prefere concentrar seu discurso nos problemas que a população brasileira enfrenta naquele momento. Identificamos, também, nessa fase, os *ethé* de competência, de potência, de inteligência e de chefe. Lula inicia sua fala relembrando sua passagem pela instância cidadã, de onde extrai elementos para afirmar sua competência. Utiliza linguagem técnica e argumentos lógicos. As expressões “maior greve” e “41 dias de greve” evocam força argumentativa.

Interessante observar que não há traços de um *ethos* de humanidade. Caso empregada, a figura de humanidade representaria fraqueza, contrariando as características míticas do *ethos*. Lula sustenta uma imagem sobre-humana, através da reafirmação constante de um *ethos* de potência. “Me sinto jovem para brigar muito. Então, eu queria que vocês soubessem: desistir, jamais; a palavra desistir não existe no meu dicionário (DA SILVA, 2021)”. Retoma a figura do sertanejo forte, batalhador, que se ergue e supera as adversidades, que enfrenta as dificuldades sem se curvar nem desistir jamais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem mítica é uma estratégia discursiva frequentemente empregada no campo político. Para que o *ethos* de um ator político carregue nuances míticas, faz-se necessário criar uma conexão com os imaginários de verdade dos sujeitos-interpretantes, construindo para si uma imagem que espelhe e personifique as emoções e expectativas do outro. Com base em nossas análises, podemos afirmar que o *ethos* mítico é um personagem criado pelo sujeito-enunciador, revestido de uma aura de mistério e poder. Uma espécie de máscara mítica que surge no interior do ato interenunciativo.

O *ethos* mítico representa um ponto de encontro entre *ethos* e *pathos*, resultando em um tipo de autoimagem mítica e patêmica, construída ao mesmo tempo pelo sujeito enunciador e pelo sujeito interpretante. É um movimento psicosociolinguageiro de resposta à imagem projetada pelo enunciador e às condições de produção do ato de linguagem, estruturado sobre os imaginários sociodiscursivos dos interlocutores.

O *ethos* do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, extraído do *corpus* desta pesquisa, representa uma manifestação de *ethos* mítico no discurso político. Lula se converte em mito ao personificar ao mesmo tempo a força enérgica e a força tranquila, a esperança, a promessa de um futuro de paz, segurança e prosperidade. Emprega um discurso pautado na empatia, ao incluir, em sua fala, classes que não tinham visibilidade nas políticas públicas de governos anteriores. Adapta sua fala para atrair o interesse dos interlocutores de cada fase (direitos trabalhistas, fome, moradia, educação, direitos humanos). O público-alvo se expande exponencialmente da primeira à terceira fase.

Lula consegue invocar e combinar, ao longo de sua atuação política, algumas das figuras míticas apontadas por Girardet (1987). Nas três fases, sustenta sua imagem na figura do herói, adaptando-a às circunstâncias de discurso: o jovem guerreiro impetuoso, que guia os trabalhadores na luta sindical, propondo uma intervenção na realidade; o presidente que anuncia medidas econômicas e sociais como a chave de um futuro próspero para sua nação; e o velho sábio com passado glorioso, que já ocupou o cargo máximo da nação e tirou quase 20 milhões de brasileiros da linha da fome e da pobreza, conquistando respeito e admiração em âmbito internacional.

Na fase combativa e na fase mítica, combina a figura do herói com o mito da unidade, chamando seu interlocutor para a batalha, e com o mito da conspiração, ao denunciar um inimigo perverso e cruel, que detém a riqueza do país para si. Na fase polida, apaga o discurso da conspiração e o da unidade e se converte no herói profeta, para harmonizar-se com uma

imagem mais pacífica, substituindo o tom enérgico por um outro, mais conciliador. Desse modo, a construção da imagem política de Lula é representada em um exemplo concreto da relação citada por Barthes (2013) entre mito, linguagem e poder.

Os resultados de nossas análises, ao invés de esgotarem a exploração do tema, abrem caminhos para estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cláudia Tammy da Cruz; SILVA, Ana Lúcia Rocha. **A construção do *ethos* no discurso político de Luís Inácio Lula da Silva e de Jair Bolsonaro**. In: Jornada de Linguística Textual 1. 2019. São Luís. *Anais...* São Luís: EDUFMA, 2019. p. 40-50. Disponível em: <https://www.jolint.com.br/downloads/anais-2019.pdf> Acesso em 17 dez. 2019.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior. Biblioteca de autores clássicos. Centro de Filosofia. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEZERRA, Ada Kesia Guedes. **Novo formato da prática política no cenário midiático: uma análise da construção da imagem pública de Lula nas eleições de 2002**. O Olho da História, v. 10, p. 01-13, 2006.
- _____. **O mito Lula: política, discursos e cenário midiático**. UFCG (Tese). Campo Grande, 2011.
- BEZERRA, Ada Kesia Guedes & LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A produção de mitos na política - A imagem pública de Lula no cenário midiático**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 21, p. 01-30, 2009.
- BORGES, Marlene Lessa Vergílio. **A construção do *ethos* do orador no Pro Milone de Cícero**. Codex, v.2, n.1, 2010, p. 7-21.
- BRASIL. Biblioteca Presidência da República. **Biografia do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva**. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial> Acesso em 12 mar. 2021
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- CAVALCANTE, Marcilene da Silva Nascimento. **Operação lógica de restrição: Um estudo semiolinguístico com os conectores *mas*, *embora*, *mesmo* e *apesar de***. vol. 2, n. 23, Veredas Revista de Estudos Linguísticos, p. 90-105, 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Les conditions de compréhension du sens de discours**. In: Anais do I Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 9-16, 1995.
- _____. **Uma análise semiolinguística do texto e do discurso**. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) Da língua ao discurso: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 11-27, 2005.

_____. **Pathos e discurso político.** In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William & MENDES, Emília (org.), *As Emoções no Discurso*, v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 240-251, 2007.

_____. **O discurso propagandista: uma tipologia.** In: MACHADO, Ida Lucia & MELLO, Renato. *Análises do Discurso Hoje*, v. 3. Rio de Janeiro: Lucerna, p.57-78, 2010.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. **A argumentação em uma problemática da influência.** *ReVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016b.

_____. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor.** *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

_____. **Discurso político.** São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2008.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. **Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos.** *Revista Memento*, v. 05, n. 2, p. 1-18, 2014.

DA SILVA, Luís Inácio Lula. **Discurso de Lula dirigindo-se aos sindicalistas, em 17 de abril de 1980.** In: MARINHO, Daciléia Pereira. *Formação do Ethos Discursivo nos discursos de Luís Inácio Lula da Silva*. ESAMAZ (Monografia). Belém, 2010.

_____. **Discurso no Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, em 26 de janeiro de 2003.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u17517.shtml>. Acesso em 13 jan. 2019.

_____. **Discurso no Sindicato dos Trabalhadores do ABC Paulista, dia 07 de abril de 2018.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/07/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-em-sao-bernardo/>. Acesso em 09 out. 2019.

_____. **Discurso na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, dia 10 de março de 2021.** Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-apos-a-anulacao-das-condenacoes-da-lava-jato/>. Acesso em 05 abr. 2021.

EGGS, Ekkehard. **Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna.** In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2018.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2014.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOFFMAN, Erving. **A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social**. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **A imagem pública de Lula e eleições presidenciais brasileiras (1989/2002)**. I Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política. Salvador, UFBA, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INSTITUTO LULA. **Biografia Lula**. Disponível em: <https://institutolula.org.br/biografia>. Acesso em: 17 fev. 2021.

IRERÊ, Raphael. **Passos para o Mito: Uma introdução ao pensamento de Roland Barthes**. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2019, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0635-1.pdf>. Acesso em 14 ago. 2020.

MACHADO, Ida Lúcia. **A Semiologia de Patrick Charaudeau: uma interessante opção de análise discursiva**. Contexto, vol. 1, n.1-2, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. **Retorno crítico à noção de *ethos***. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-77262018000300321 Acesso em 31 ago. 2020

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 12.ed – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MATOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MICHAELIS. Online, 2014. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=mito> Acesso em: 31 ago, 2020

MIGUEL, Luís Felipe. **Em torno do conceito de mito político**. Dados, vol. 41, n.3, 1998.

_____. **Mito e Discurso Político** – uma análise a partir da campanha eleitoral de 1994. UNICAMP (Tese), São Paulo, 2000.

PERELMAN, Chaim & Olbrechts-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação** – a Nova Retórica. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, Christian. **A argumentação** - História, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola, 2008.

REBELLO, Ilana Silva. **Do signo ao texto, da língua ao discurso:** de Saussure a Charaudeau. Gragoatá, Niterói, v.22, n. 44, p. 1103-1122, set - dez. 2017.

REVISTA EXAME. **Lula é líder mais influente do mundo para revista Time.** 2010. Disponível em: <https://exame.com/economia/lula-pessoa-mais-influente-mundo-revista-time-554314/>. Acesso em 17 jun. 2020.

SILVA, Karina Lima. **A construção da imagem pública de Lula pela revista Veja nas eleições de 1998 a 2002.** UniCEUB (Monografia) Brasília, 2005

SILVA JÚNIOR, Eduardo Horácio da Costa. **De Lula-lá a Lula light:** as mudanças do discurso petista nas eleições presidenciais de 1989, 1994, 1998 e 2002. UFG (Dissertação). Goiânia, 2005.

TOMAZ, Natália Rocha Oliveira; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. **Um estudo do *ethos* em discursos do ex-presidente Lula.** Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 1 p. 441-471, 2017.

ANEXOS

Anexo I - Discurso de Lula dirigindo-se aos sindicalistas, em 17 de abril de 1980

Pessoal, vamos bater um papo aqui como nós sempre fizemos. Vocês sabem tanto quanto eu sei que, mais dia menos dia, isto viria a acontecer. Vocês sabem que em todas as reuniões que nós fizemos na porta da fábrica, aqui no sindicato, naquele estádio, a gente dizia pra vocês uma única coisa: o que está impossibilitando os patrões de darem o aumento pra gente não é aumento. Não são os 15%, nem seriam até mesmo os 30%. O que estava na cabeça de cada empresário, o que está ainda na cabeça de cada empresário, o que está na cabeça do governo é a derrubada da diretoria deste sindicato. Foi dito pra vocês que eles jogaram muito alto nisto; e quantos discursos foram feitos naquele campo dizendo pra vocês que eles estavam apostando nisto. Por quê? Porque no Brasil, historicamente, todas as vezes que os sindicatos que começavam a andar. A partir de 64, o governo conseguiu o que queria. Conseguiu transformar cada sindicato deste Brasil num posto de atendimento médico e odontológico. Vocês sabem perfeitamente bem que, há dois anos, pra conseguir um sócio pro sindicato, a gente era obrigado a prometer médico, dentista e colônia de férias. E os trabalhadores só entravam pro sindicato por causa disso. A partir de 77, São Bernardo mudou; mudaram-se as coisas. Pra entrar como sócio do sindicato não precisava mais que médico e dentista, não precisava querer colônia de férias, precisava ter um pouco de fibra e ter disposição de brigar.

Aí as coisas começaram a mudar. Houve as regras de 78, houve a campanha pela reposição salarial em 77, houve a greve de 79, houve a greve de 1980. E quantos de vocês talvez não tenham ficado putos da vida comigo porque eu não deixei vocês recomeçarem a greve naquele famoso 13 de maio. É importante que cada um de vocês tenha na cabeça que a medida mais fácil pra diretoria do sindicato, e pra mim pessoalmente naquele instante, era chegar pra vocês e pedir para começarem a greve na segunda-feira. Era a medida mais fácil e mais cômoda.

Por que era a mais cômoda? Porque existia um respeito total do governo e da opinião pública ao nosso movimento. Se a gente continuasse em greve, com o esquema de massacre que estava montado, a greve continuaria mais dois ou três dias. E a gente voltava a trabalhar, quem sabe, embaixo de bordoadas.

Vocês sabem o quanto custou pra eu pedir pra vocês voltarem a trabalhar. Quantos dos companheiros que estão aqui hoje, quantos de vocês foram vanguarda naquela greve e são vanguarda agora – e por isso estão aqui dentro – me chamaram de filho da puta. Quantos companheiros chegavam aqui no sindicato e falavam: Lula, a barra está pesada. Na ferramenta da Ford está acontecendo isto. Na funilaria da Mercedes está acontecendo isto. Na funilaria de não sei onde disseram que você se vendeu. Na linha de montagem da Volkswagen está escrito no banheiro que você se vendeu. Não sei onde estão dizendo que você ganhou um Fiat. E eu tinha certeza, como tenho a certeza de que estou vendo vocês aqui, de que mais dia menos dia, era uma questão de tempo, os trabalhadores iriam entender o que eu estava fazendo, como os filhos da gente entendem quando a gente bate neles. Quando a gente dá um tapa na bunda do filho da gente, podem ter certeza de que ele fica com raiva, e na cabecinha dele passa: “Oh pai filho da p...!” podem ter certeza disso. Mas, em compensação, ele também tem a certeza de que o pai não bateu nele à toa. Tem certeza de que o pai bateu nele para o seu bem.

Vocês sabem, e tem companheiros aqui que devem estar lembrados quantas vezes eu saí daqui carregado daquele palanque. E aquilo não me deixava tão orgulhoso como me sinto agora. Não me deixava, porque agora a gente percebeu que o nível de consciência do trabalhador não permite que ele faça uma greve festiva. E o que é mais importante – o nível de consciência tem demonstrado isso – os trabalhadores parecem um bando de formigas. Das 9 horas às 10h e meia chegam ao campo, e do meio-dia ao meio-dia e vinte foram todos embora para casa. Eu me sinto muito mais orgulhoso. Eu me sinto muito mais orgulhoso com a atitude de vocês, com o procedimento de vocês agora do que no ano passado. Porque, hoje, a consciência política que tomou conta de cada um dos metalúrgicos é algo que vai ensinar muitos

cientistas políticos que precisaram agora refazer seus cursos e terão como professores, quem sabe, trabalhadores metalúrgicos.

Agora há uma coisa mais séria que eu quero dizer, companheiros: Há uma coisa ainda muito séria. Foi dito naquele campo durante 20 dias que a greve tem que continuar, aconteça o que acontecer. Foi dito isso pra vocês. E eu vou dizer pra vocês uma coisa. Se vocês, amanhã ou terça-feira, voltarem a trabalhar de cabeça baixa, talvez a gente demore mais 30 anos pra fazer o que nós fizemos em três anos. Sou importante, eu já disse isso pra vocês, e já saiu também um boletim do sindicato, que a greve é um de consciência permitiu que 100 000 trabalhadores ficassem parados 17 dias, sendo que, 90 000 não saiam sequer à rua. Só saiam pra vir às assembleias. O que eu quero pedir pra vocês agora, e que vai me deixar muito orgulhoso se vocês me atenderem, não é partirmos pro quebra-quebra com a polícia se ela chegar aqui, não. Isso não vai me deixar orgulhoso. O que vai me deixar muito orgulhoso é, mesmo que os caras me prendam, vocês continuarem em greve até a vitória final. Este é um pedido que eu faço. Vocês não precisam se preocupar comigo.

Entendam bem uma coisa. Entendam bem, por favor! Cada um de nós aqui, cada um de nós, o Lula, o Ratinho, o jornalista, o metalúrgico, individualmente não vale p... nenhuma. Não vale. A categoria como um todo vale muito. E o que nós precisamos preservar é a categoria. O que nós precisamos preservar é todo o trabalho que foi montado desde o dia primeiro de abril. É por isso que eu vou fazer um pedido pra vocês. Durante 15 dias, eu pedi pelo microfone que os companheiros viessem para o sindicato. O pedido que eu faço hoje é o contrário. E eu gostaria que vocês entendessem que nem é um pedido, é uma súplica. É que cada um de vocês será muito mais importante, amanhã de amanhã, numa Rua do ABC, conversando com os companheiros pra não irem trabalhar. Imaginem se eles colocarem aqui nessa Rua 5000 dos caras do Exército, interditar o sindicato como interditararam no ano passado, e a gente ficar aqui dentro preso. O que será da nossa greve? O que será da nossa greve se todos os companheiros que estão aqui, que é a vanguarda, não estivessem lá fora pra dizer pro pessoal que não é para trabalhar, que houve intervenção no nosso sindicato? São vocês que têm que meditar, e ver onde vocês são mais importantes.

Eu já disse para vocês que o sindicato não é esse prédio. O sindicato é cada um de vocês, nada mais do que vocês. O sindicato é cada um de vocês na rua. O sindicato é cada um de vocês onde vocês estiverem. Se um de vocês estiver pescando na represa amanhã, eu terei a coragem de dizer que lá está o sindicato de São Bernardo do Campo e Diadema. Entretanto, se 5 000 furadores de greve estiverem aqui, eu não terei coragem de dizer que aqui está o sindicato de São Bernardo do Campo e Diadema. Veja a inversão das coisas, gente! Eu estou dizendo que se um de vocês estiver na barreira da represa, amanhã, pescando, vocês serão muito mais sindicato do que 10 000 furadores de greve aqui dentro. É por isso que eu apelo aos companheiros. Meditem! Meditem! A minha opinião pessoal é que nós temos que decidir o que é mais importante. Nós temos que decidir o que é mais importante. Para mim, o mais importante é os trabalhadores ficarem em greve e voltarem a trabalhar com uma vitória. Porque, se voltarem a trabalhar com uma vitória, no ano que vem teremos outra vitória.

Eu não estou precisando de proteção. Eu acho que DEUS protege cada um de nós. Entretanto, existem alguns milhares de trabalhadores aí na rua que precisam de proteção daqueles que tem consciência. E vocês têm consciência e têm que ir lá fora dar consciência para esse pessoal. A vitória de nossa greve, a vitória do nosso movimento será a capacidade de decisão que vocês tiveram. E vocês vão ter que fazer uma opção: ou ficam aqui dentro ou vão às 3 horas da manhã parar o pessoal lá fora, o que acho que é muito importante. Quem for favorável a ficar lá fazendo o que nós fizemos durante 15 dias, quem achar que isso é mais importante, levante a mão.

Pessoal, depois da decisão de vocês, eu tenho um pedido pra fazer. Nada de ficar dormindo até as nove. Eu tenho um pedido pra vocês: levantem às 3 da manhã, façam o que

tem que ser feito, não marquem bobeira. Depois, voltem pra casa, durmam até a hora da assembleia e venham para a assembleia. Isso eu tenho pedido para vocês durante esses 15 dias. Graças a DEUS, vocês deram uma demonstração de consciência quando aprovaram que é melhor estar na rua às 3 da manhã do que estar aqui dentro. É o que eu disse na assembleia hoje. Não sei se todo mundo me ouviu bem, porque a minha voz está como duas folhas de lixa grossa raspando uma na outra.

É importante que vocês entendam bem uma coisa. O governo está apostando no esvaziamento da greve, está apostando nisso. Ele acha que terça-feira a gente não aguenta mais e volta a trabalhar. Prestem atenção numa coisa. Talvez eles me prendam. Prestem atenção! Ninguém fala nada. Talvez eles me prendam como prenderam o Olívio Dutra no Rio Grande do Sul. E vocês sabem que se eu estiver preso e tiver notícia que a greve acabou porque eu estava preso, eu vou ficar puto da vida com vocês. Agora, se eu estiver preso e ficar sabendo que vocês estão em greve, podem me segurar dez anos lá dentro. O que é importante e que vai satisfazer a gente é saber que os de São Bernardo do Campo e Diadema só voltaram a trabalhar quando a classe empresarial se ajoelhou seus pés. Tem muitos companheiros, tem muitos deputados aqui dentro. Tem muita gente amiga da gente que está aqui para dar proteção pra mim e pra diretoria do sindicato. O que eu queria agora era fazer um pedido pra vocês, dar um aviso importante. O sindicato tem 178 funcionários. Eu não sei qual vai ser a atitude dos funcionários do sindicato porque, como presidente do sindicato, eu não posso orientar os funcionários pra fazer isso ou pra fazer aquilo. Eu acho que é uma decisão deles, como fazer greve foi uma decisão nossa. Cada companheiro tem que ter um funcionário como amigo. Cada companheiro tem que saber que cada funcionário do sindicato que está aqui dentro é um amigo, e, enquanto eles estiverem aqui dentro, vocês podem ter a certeza de serem bem informados, podem ter a certeza de que tratarão vocês com o máximo de respeito e o máximo de dignidade. Pode ter a certeza de que esses funcionários que o sindicato confia, como confia em cada um de vocês.

Dito isso, eu queria, antes de dar a palavra pro Djalma, relembrar o esquema que está montando e que vocês já sabem. Se eles interditarem o campo no sábado, a gente vai pro Paço Municipal; se eles interditarem o Paço Municipal, a gente vai pras igrejas, pras matrizes de cada cidade e de cada bairro. Cada membro da comissão, enquanto estiver solto – Deus queira que estejam sempre soltos – vai falar com vocês. Um dia se acontecer de não poderem falar dentro de uma orientação dos trabalhadores e não da orientação do próprio do deputado ou do padre. Se vocês tiverem de fazer assembleias nas igrejas, se vocês tiverem assembleias em cada igreja de seu bairro, cada padre terá um comunicado único. Em todas as igrejas terá um comunicado único pra vocês saberem o que cada companheiro está ouvindo em outra igreja. Um companheiro que estiver numa igreja do bairro Assunção, em São Bernardo, estará recebendo a mesma mensagem que um companheiro que estiver no bairro Assunção, em Santo André. A ordem é a seguinte: só voltar ao trabalho com vitória nunca com derrota.

Amanhã vai sair o jornal, vocês estão lembrados daquele jornal que sustentou a gente o ano passado, o *ABCD* jornal? Estão lembrados de que quando estiveram no sindicato, a gente distribuiu trezentos mil *ABCD*? Então, o *ABCD* já está pronto e, amanhã, nas igrejas, nos bares, já estará sendo distribuído *ABCD* jornal, que passa a ser, enquanto não sair a próxima *Tribuna Metalúrgica*, o jornalzinho com as palavras de ordem do sindicato, da diretoria do sindicato, do comando de greve e da comissão de salário. Amanhã já sai esse jornal.

O que vocês têm de saber e fazer o que o companheiro falou: fazer a operação graxa. Amanhã de manhã é pra isso. É importante que depois das palavras do Djalma, cada um de nós reflita.

Eu não sei se vocês perceberam, nos dias que vocês estavam aí e eu estava reunido com a diretoria do sindicato, que eu dizia pra diretoria: olha seu bando de filhos da puta, nós temos que sair aí pra esse corredor com os dentes abertos, arreganhados, porque nós temos que mostrar

otimismo pros trabalhadores. Então, eu acho que cada um de nós tem que sair daqui, hoje, com um sorriso, um sorriso que será muito maior ainda no dia em que a gente voltar a trabalhar com o aumento no bolso e com o respeito dos trabalhadores.

E nada, nada de trabalhador ficar aí acabrunhado, com carinha fechada porque há intervenção no sindicato. Nós temos de ir pra rua mostrar otimismo. Eles podem cassar 20, mas nós somos 142 000, e eles jamais vão conseguir cassar 140 000. Então, eu peço pra vocês o seguinte: eu não quero ninguém de carinha amarrada, eu quero todo mundo sorrindo, assim como aquele companheiro. Todo mundo sorrindo, porque isso que está acontecendo hoje é uma das passagens da nossa luta, e se a gente tem que mostrar aí pra televisão, pra fotografia, que nós estamos rindo porque isso que aconteceu não vai acabar com a nossa luta.

Anexo II - Discurso de Luiz Inácio Lula da Silva, enquanto Presidente da República, no Fórum Econômico Mundial de Davos na Suíça, no dia 26 de janeiro de 2003

Boa tarde.

Estou chegando, como vocês sabem, diretamente de Porto Alegre, onde participei do Fórum Social Mundial, e falei a dezenas de milhares de pessoas sobre os mesmos assuntos de que pretendo tratar aqui.

A Reunião Anual do Fórum Econômico Mundial tem como tema central a construção da confiança. Sinto-me muito à vontade com esse tema. Sou depositário da confiança do povo brasileiro, que me atribuiu a responsabilidade de conduzir um país de 175 milhões de habitantes, uma das maiores economias industriais do planeta. Mas um país que convive, também, com enormes desigualdades sociais.

Trago a Davos o sentimento de esperança que tomou conta de toda a sociedade brasileira. O Brasil se reencontrou consigo mesmo, e esse reencontro se expressa no entusiasmo da sociedade e na mobilização nacional para enfrentar os enormes problemas que temos pela frente.

Aqui, em Davos, convencionou-se dizer que hoje existe um único Deus: o mercado. Mas a liberdade de mercado pressupõe, antes de tudo, a liberdade e a segurança dos cidadãos.

Respondi, de forma serena e madura, aos que desconfiaram dos nossos compromissos, durante a campanha eleitoral. Na Carta ao Povo Brasileiro, reafirmei a disposição de realizar reformas econômicas, sociais e políticas muito profundas, respeitando contratos e assegurando o equilíbrio econômico.

O Brasil trabalha para reduzir as disparidades econômicas e sociais, aprofundar a democracia política, garantir as liberdades públicas e promover, ativamente, os direitos humanos.

A face mais visível dessas disparidades são os mais de 45 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. O seu lado mais dramático é a fome, que atinge dezenas de milhões de irmãos e irmãs brasileiras.

Por essa razão, fizemos do combate à fome nossa prioridade. Não me cansarei de repetir o compromisso de assegurar que os brasileiros possam, todo dia, tomar café, almoçar e jantar.

Combater a fome não é apenas tarefa do Governo, mas de toda a sociedade. A erradicação da fome pressupõe transformações estruturais, exige a criação de empregos dignos, mais e melhores investimentos, aumento substancial da poupança interna, expansão dos mercados no país e no exterior, saúde e educação de qualidade, desenvolvimento cultural, científico e tecnológico.

Urge que o Brasil promova a reforma agrária e retome o crescimento econômico, de modo a distribuir renda. Estabelecemos regras econômicas claras, estáveis e transparentes. E estamos combatendo, implacavelmente, a corrupção. Nossa infraestrutura deverá ser ampliada, inclusive com a participação de capitais estrangeiros.

Somos um país acolhedor. A tolerância e a solidariedade são características do povo brasileiro. Temos uma força de trabalho qualificada, apta para os grandes desafios da produção neste novo século.

A retomada do desenvolvimento requer a superação dos constrangimentos externos. O Brasil tem que sair desse círculo vicioso de contrair novos empréstimos para pagar os anteriores. É necessário realizar um extraordinário esforço de expansão do nosso comércio internacional, em particular das nossas exportações, diversificando produtos e mercados, agregando valor àquilo que produzimos.

Todo o esforço que estamos fazendo para recuperar, responsavelmente, a economia brasileira, no entanto, não atingirá plenamente seus objetivos sem mudanças importantes na ordem econômica mundial. Queremos o livre comércio, mas um livre comércio que se

caracterize pela reciprocidade. De nada valerá o esforço exportador que venhamos a desenvolver se os países ricos continuarem a pregar o livre comércio e a praticar o protecionismo.

As mudanças da ordem econômica mundial devem passar, também, por uma maior disciplina no fluxo de capitais, que se deslocam pelo mundo, ao sabor de boatos e de especulações subjetivas e sem fundamento na realidade.

É necessário que a comunidade internacional dê sua contribuição para impedir a evasão ilegal de recursos, que buscam refúgios em paraísos fiscais. Maior disciplina nessa área é fundamental para o decisivo combate ao terrorismo e à delinquência internacionais, que se alimentam da lavagem de dinheiro.

A construção de uma nova ordem econômica internacional, mais justa e democrática, não é somente um ato de generosidade, mas, também, e principalmente, uma atitude de inteligência política.

Mais de dez anos após a derrubada do Muro de Berlim, ainda persistem “muros” que separam os que comem dos famintos, os que têm trabalho dos desempregados, os que moram dignamente dos que vivem na rua ou em miseráveis favelas, os que têm acesso à educação e ao acervo cultural da humanidade dos que vivem mergulhados no analfabetismo e na mais absoluta alienação.

É necessário, também, uma nova ética. Não basta que os valores do humanismo sejam proclamados, é preciso que eles prevaleçam nas relações entre os países e os povos.

Nossa política externa está firmemente orientada pela busca da paz, da solução negociada dos conflitos internacionais e pela defesa intransigente dos nossos interesses nacionais.

A paz não é só um objetivo moral. É, também, um imperativo de racionalidade. Por isso, defendemos que as controvérsias sejam solucionadas por vias pacíficas e sob a égide das Nações Unidas. É necessário admitir que, muitas vezes, a pobreza, a fome e a miséria são o caldo de cultura onde se desenvolvem o fanatismo e a intolerância.

A preservação dos interesses nacionais não é incompatível com a cooperação e a solidariedade. Nosso projeto nacional não é xenófobo e, sim, universalista. Queremos aprofundar nossas relações com os países da América do Sul, desenvolvendo com eles uma integração econômica, comercial, social e política.

Queremos negociar cada vez mais positivamente com os Estados Unidos, a União Europeia e os países asiáticos. Teremos, na condição de país que possui a segunda maior população negra do mundo, um olhar especial para o continente africano, com o qual temos laços étnicos e culturais profundos.

Quero convidar a todos os que aqui se encontram, nessa montanha mágica de Davos, a olhar o mundo com outros olhos. É absolutamente necessário reconstruir a ordem econômica mundial para atender aos anseios de milhões de pessoas que vivem à margem dos extraordinários progressos científicos e tecnológicos que um ser humano foi capaz de produzir.

Não fiquem indefinidamente esperando sinais para mudarem de atitude em relação ao meu país e aos países em desenvolvimento. Os povos, como os indivíduos, precisam de oportunidades. Os países ricos de hoje só o são porque tiveram as suas oportunidades históricas.

Se querem ser coerentes com a sua experiência vitoriosa, não podem e não devem obstruir o caminho dos países em via de desenvolvimento. Ao contrário, podem e devem construir conosco uma nova agenda de desenvolvimento global compartilhado.

Tenham certeza de que o Brasil já começou a mudar. Nossa determinação é resultado não somente de compromissos que assumimos há muitos anos, mas decorre, também, da esperança que mobiliza o nosso país. Sei que no debate contemporâneo há divergências, visões de mundo distintas, até mesmo antagônicas.

Sou o Presidente de todo o povo brasileiro e não apenas daqueles que votaram em mim. Estamos construindo um novo contrato social, em que todas as forças da sociedade brasileira estejam representadas e sejam ouvidas.

Assim, busco a interlocução com todos os setores que serão reunidos no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Vou buscar contatos e pontos de apoio para os nossos projetos de mudar a sociedade brasileira, onde quer que eles estejam.

A mudança que buscamos não é para um grupo social, político ou ideológico. Ela beneficiará mais os desprotegidos, os humilhados, os ofendidos e os que, agora, veem com esperança a possibilidade de redenção pessoal e coletiva. Esta é uma causa de todos. Ela é universal por excelência.

Como o mais extenso e o mais industrializado país do hemisfério sul, o Brasil se sente no direito e no dever de dirigir aos participantes do Fórum de Davos um apelo ao bom senso. Queremos fazer um apelo para que as descobertas científicas sejam universalizadas para que possam ser aproveitadas em todos os países do mundo.

Na mesma linha, proponho a formação de um fundo internacional para o combate à miséria e à fome nos países do terceiro mundo, constituído pelos países do G-7 e estimulado pelos grandes investidores internacionais. Isso porque é longo o caminho para a construção de um mundo mais justo e a fome não pode esperar.

Meu maior desejo é que a esperança que venceu o medo, no meu país, também contribua para vencê-lo em todo o mundo. Precisamos, urgentemente, nos unir em torno de um pacto mundial pela paz e contra a fome.

E, fiquem certos, o Brasil fará a sua parte. Muito obrigado.

Anexo III - Discurso do ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, momentos antes de sua prisão, em 07 de abril de 2018

Em 1979, esse sindicato fez uma das greves mais extraordinárias. E nós conseguimos fazer um acordo com a indústria automobilística que foi talvez o melhor possível. E eu tinha uma comissão de Fábrica com 300 trabalhadores. O acordo era bom. E eu resolvi levar o acordo para Assembleia. E resolvi pedir pra comissão de fábrica ir mais cedo para conversar com a peãozada. Eu fazia assembleia de manhã pra evitar que o pessoal bebesse um pouquinho à tarde, porque, quando a gente bebe um pouquinho, a gente fica mais ousado.

Mesmo assim não evitava, porque o cara levava litro de conhaque dentro da mala e, quando eu passava, tomava uma ‘dosinha’ para a garganta ficar melhor – coisa que não aconteceu hoje.

Pois bem, nós começamos a colocar o acordo em votação e 100 mil pessoas no Estádio da Vila Euclides não aceitavam o acordo. Era o melhor possível. A gente não perdia dia de férias, não perdia décimo terceiro e tinha 15% de aumento. Mas a peãozada ‘tava’ tão radicalizada que queria 83% ou nada. E não conseguimos. E passamos um ano sendo chamado de pelego pelos trabalhadores. A gente, Guilherme, ia na porta de fábrica... [Lula começa a fazer saudações diversas]. Então, companheiros e companheiras, nós conseguimos... os trabalhadores não aprovaram o acordo... [interrupção para atendimento médico a pessoa na multidão].

Eu ia dizendo pra vocês que nós não conseguimos aprovar a proposta que eu considerava boa e o pessoal, então, passou a desrespeitar a diretoria do Sindicato. Eu ia na porta da fábrica e ninguém parava.

E a imprensa escrevia: “Lula fala para os ouvidos moucos dos trabalhadores”.

Nós levamos um ano para recuperar o nosso prestígio na categoria. E eu fiquei pensando com ar de vingança: “Os trabalhadores pensam que eles podem fazer 100 dias de greve, 400 dias de greve, que eles vão até o fim. Pois eu vou testá-los em 1980”.

E fizemos a maior greve da nossa história. A maior greve. 41 dias de greve. Com 17 dias de greve, fui preso. Os trabalhadores começaram, depois de alguns dias, a furar greve. Eu sei que Tuma, eu sei que o doutor Almir e eu sei que o Teotônio Vilela iam dentro da cadeia e falavam assim pra mim: “Ô, Lula, cê precisa acabar com a greve, cê precisa dar um conselho para acabar com a greve”. E eu dizia: “Eu não vou acabar com a greve. Os trabalhadores vão decidir por conta própria”.

O dado concreto é que ninguém aguentou 41 dias porque, na prática, o companheiro tinha que pagar leite, tinha que pagar a conta de luz, tinha que pagar gás, a mulher começou a cobrar o dinheiro do pão, ele então começou a sofrer pressão e não aguentou. Mas é engraçado porque, na derrota, a gente ganhou muito mais sem ganhar economicamente do que quando a gente ganhou economicamente. Significa que não é dinheiro que resolve o problema de uma greve; não é 5%, não é 10%, é o que está embutido de teoria política, de conhecimento político e de tese política numa greve.

Agora, nós estamos quase que na mesma situação. Quase que na mesma situação. Eu tô sendo processado e eu tenho dito claramente: “O processo do meu apartamento, eu sou o único ser humano que sou processado por um apartamento que não é meu”. E ele sabe que o Globo mentiu quando disse que era meu. A Polícia Federal da Lava Jato, quando fez o inquérito, mentiu que era meu. O Ministério Público, quando fez a acusação, mentiu dizendo que era meu. E eu pensei que o Moro ia resolver e ele mentiu dizendo que era meu e me condenou a nove anos de cadeia.

É por isso que eu sou um cidadão indignado, porque eu já fiz muita coisa com meus 72 anos. Mas eu não os perdoo por ter passado para a sociedade a ideia de que eu sou um ladrão.

Deram a primazia dos bandidos fazerem um pixuleco pelo Brasil inteiro. Deram a primazia dos bandidos chamarem a gente de petralha. Deram a primazia de criar quase um clima de guerra, negando a política nesse país. E eu digo todo dia: nenhum deles, nenhum deles, tem coragem ou dorme com a consciência tranquila da honestidade, da inocência que eu durmo. Nenhum deles. [Aplausos].

Eu não estou acima da Justiça. Se eu não acreditasse na Justiça, eu não tinha feito partido político. Eu tinha proposto uma revolução nesse país. Mas eu acredito na Justiça, numa Justiça justa, numa Justiça que vota um processo baseado nos autos do processo, baseado nas informações das acusações, das defesas, na prova concreta que tem a arma do crime.

O que eu não posso admitir é um procurador que fez um Powerpoint e foi pra televisão dizer que o PT é uma organização criminoso que nasceu para roubar o Brasil e que o Lula, por ser a figura mais importante desse partido, o Lula é o chefe e, portanto, se o Lula é o chefe, diz o procurador, “eu não preciso de provas, eu tenho convicção”. Eu quero que ele guarde a convicção dele para os comparsas dele, para os asseclas dele e não para mim. Certamente, um ladrão não estaria exigindo prova. Estaria de rabo preso com a boca fechada torcendo para a imprensa não falar o nome dele.

Eu tenho mais de 70 horas de Jornal Nacional me triturando. Eu tenho mais de 70 capas de revista me atacando. Eu tenho milhares de páginas de jornais e matérias me atacando. Eu tenho mais a Record me atacando. Eu tenho mais a Bandeirantes me atacando, eu tenho a rádio do interior me atacando. E o que eles não se dão conta é que, quanto mais eles me atacam, mais cresce a minha relação com o povo brasileiro.

Eu não tenho medo deles. Eu até já falei que gostaria de fazer um debate com o Moro sobre a denúncia que ele fez contra mim. Eu gostaria que ele me mostrasse alguma coisa de prova. Eu já desafiei os juízes do TRF4 que eles fossem prum debate na universidade que eles quiserem, no curso que eles quiserem, provar qual é o crime que eu cometi nesse país. E eu, às vezes, tenho a impressão – e tenho a impressão porque eu sou um construtor de sonhos. Eu, há muito tempo, sonhei que era possível governar esse país envolvendo milhões e milhões de pessoas pobres na economia, envolvendo milhões de pessoas nas universidades, criando milhões e milhões de empregos nesse país. Eu sonhei, eu sonhei que era possível um metalúrgico, sem diploma universitário, cuidar mais da educação que os diplomados e concursados que governaram esse país. Eu sonhei que era possível a gente diminuir a mortalidade infantil, levando leite, feijão e arroz para que as crianças pudessem comer todo dia. Eu sonhei que era possível pegar os estudantes da periferia e colocá-los nas melhores universidades desse país para que a gente não tenha juiz e procuradores só da elite. Daqui a pouco, vamos ter juízes e procuradores nascidos na favela de Heliópolis, nascidos em Itaquera, nascidos na periferia. Nós vamos ter muita gente dos Sem Terra, do MTST, da CUT formados.

Esse crime eu cometi.

Eu cometi esse crime e eles não querem que eu cometa mais. É por conta desse crime que já tem uns dez processos contra mim. E se for por esses crimes, de colocar pobre na universidade, negro na universidade, pobre comer carne, pobre comprar carro, pobre viajar de avião, pobre fazer sua pequena agricultura, ser microempreendedor, ter sua casa própria. Se esse é o crime que eu cometi eu quero dizer que vou continuar sendo criminoso nesse país porque vou fazer muito mais. Vou fazer muito mais. [Povo começa a gritar “Lula, guerreiro do povo brasileiro”]

Companheiros e companheiras, eu, em 1986, fui o deputado constituinte mais votado na história do país. E, na época, havia uma desconfiança de que só tinha poder no PT quem tinha mandato. Quem não tivesse mandato era tido... [começa a fazer saudações]. Então companheiros, quando eu percebi que o povo desconfiava que só tinha valor no PT quem era deputado, Manuela e Guilherme, sabe o que eu fiz? Deixei de ser deputado. Porque eu queria provar ao PT que ia continuar sendo a figura mais importante do PT sem ter mandato. Porque

se alguém quiser ganhar de mim no PT só tem um jeito: é trabalhar mais do que eu e gostar do povo mais do que eu, porque, se não gostar, não vai ganhar.

Pois bem: nós agora estamos num trabalho delicado. Eu talvez viva o momento de maior indignação que um ser humano vive. Não é fácil o que sofre a minha família. Não é fácil o que sofrem meus filhos. Não é fácil o que sofreu a Marisa. E eu quero dizer que a antecipação da morte da Marisa foi a safadeza e a sacanagem que a imprensa e o Ministério Público fizeram contra ela. Eu tenho certeza. Essa gente eu acho que não tem filho, não tem alma e não tem noção do que sente uma mãe ou um pai quando vê um filho massacrado, quando vê um filho sendo atacado.

Eu, então, companheiros, resolvi levantar a cabeça. Não pense que eu sou contra a Lava Jato, não. A Lava Jato, se pegar bandido, tem que pegar bandido mesmo que roubou e prender. Todos nós queremos isso. Todos nós, a vida inteira, dizíamos: “A Justiça só prende pobre, não prende rico”. Todos nós dizíamos. E eu quero que continue prendendo rico. Eu quero. Agora, qual é o problema? É que você não pode fazer julgamento subordinado à imprensa. Porque, no fundo, no fundo, você destrói as pessoas na sociedade, na imagem das pessoas e depois os juízes vão julgar e vão dizer “eu não posso ir contra a opinião pública que tá pedindo pra caçar”. Quem quiser votar com base na opinião pública, largue a toga e vá ser candidato a deputado, escolha um partido político e vá ser candidato. Ora, a toga ela é o emprego vitalício. O cidadão tem que votar apenas com base nos autos do processo, aliás eu acho que ministro da Suprema Corte não deveria dar declaração de como vai votar. Nos EUA, termina a votação e você não sabe em quem o cidadão votou exatamente para que ele não seja vítima de pressão.

Imagina um cara sendo acusado de homicídio e não tenha sido ele o assassino. O que a família do morto quer? Que ele seja morto, que ele seja condenado. Então, o juiz tem que ter, diferentemente de nós, a cabeça mais fria, mais responsabilidade de fazer a acusação ou de condenar. O Ministério Público é uma instituição muito forte. Por isso, esses meninos que entram muito novo, fazem um curso direito e depois faz três anos de concurso porque o pai pode pagar, esses meninos precisavam conhecer um pouco da vida, um pouco de política, para fazer o que eles fazem na sociedade brasileira.

Tem uma coisa chamada responsabilidade. E não pense que quando eu falo assim [quer dizer que] eu sou contra. Eu fui Presidente e indiquei quatro procuradores e fiz discurso em todas as posses. Eu dizia: “Quanto mais forte for a instituição, mais responsável os seus membros têm que ser”. Você não pode condenar a pessoa pela imprensa para depois julgá-la. Vocês estão lembrados de que, quando eu fui prestar depoimento lá em Curitiba, eu disse para o Moro: “Você não tem condições de me absolver porque a Globo tá exigindo que você me condene e você vai me condenar”.

Pois bem, eu acho que tanto o TRF4, quanto o Moro, a Lava Jato e a Globo, eles têm um sonho de consumo. O sonho de consumo é que, primeiro, o golpe não terminou com a Dilma. O golpe só vai concluir quando eles conseguirem convencer que o Lula não possa ser candidato à presidência da república em 2018. Não é que eu não vou ser, eles não querem que eu participe porque existe a possibilidade de cada um se eleger. Eles não querem o Lula de volta porque pobre na cabeça deles não pode ter direito. Não pode comer carne de primeira. Pobre não pode andar de avião. Pobre não pode fazer universidade. Pobre nasceu, segundo a lógica deles, para comer e ter coisas de segunda categoria.

Então, companheiros e companheiras, o outro sonho de consumo deles é a fotografia do Lula preso. Ah, eu fico imaginando o tesão da Veja colocando a capa comigo preso. Eu fico imaginando o tesão da Globo colocando a minha fotografia preso. Eles vão ter orgasmos múltiplos.

Eles decretaram a minha prisão. E deixa eu contar uma coisa pra vocês: eu vou atender o mandado deles. E vou atender porque eu quero fazer a transferência de responsabilidade. Eles acham que tudo que acontece neste país acontece por minha causa. Eu já fui condenado a 3

anos de cadeia porque um juiz de Manaus entendeu que eu não preciso de arma, eu tenho uma língua ferina, então precisa me calar, porque se não me calar, ele vai continuar falando frases como eu falei, "tá chegando a hora da onça beber água", e os camponeses mataram um fazendeiro e eles achavam que era a senha.

Eles já tentaram me prender por obstrução de justiça, não deu certo. Eles agora querem me pegar numa prisão preventiva, que é uma coisa mais grave, porque não tem *habeas corpus*. O Vaccari já tá preso há três anos. O Marcelo Odebrecht gastou R\$ 400 milhões e não teve *habeas corpus*. Eu não vou gastar um tostão. Mas vou lá com a seguinte crença: eles vão descobrir pela primeira vez o que eu tenho dito todo dia. Eles não sabem que o problema deste país não se chama Lula, o problema deste país chama-se vocês, a consciência do povo, o Partido dos Trabalhadores, o PCdoB, o MST, o MTST, eles sabem que tem muita gente.

E aquilo que a nossa pastora disse, e eu tenho dito em todo discurso, não adianta tentar me impedir de andar por este país, porque têm milhões e milhões de Boulos, de Manuelas, de Dilmás Rousseffs neste país para andar por mim.

Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las.

Não adianta parar o meu sonho, porque, quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelos sonhos de vocês.

Não adianta achar que tudo vai parar o dia que o Lula tiver um infarto. É bobagem. Porque o meu coração baterá pelos corações de vocês, e são milhões de corações.

Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou um ser humano, sou uma ideia, uma ideia misturada com a ideia de vocês. E eu tenho certeza que companheiros como os sem-terra, o MTST, os companheiros da CUT e do movimento sindical sabem. E esta é uma prova, esta é uma prova. Eu vou cumprir o mandado e vocês vão ter de se transformar, cada um de vocês, vocês não vão se chamar Chiquinho, Zezinho, Joãozinho, Albertinho... Todos vocês, daqui pra frente, vão virar Lula e vão andar por este país fazendo o que vocês têm que fazer e é todo dia! Todo dia!

Eles têm de saber que a morte de um combatente não para a revolução.

Eles têm de saber. Eles têm de saber que nós vamos fazer definitivamente uma regulação dos meios de comunicação para que o povo não seja vítima das mentiras todo santo dia.

Eles têm de saber que vocês, quem sabe, são até mais inteligentes que eu, e queimar os pneus que vocês tanto queimam, fazer as passeatas, as ocupações no campo e na cidade. Parecia difícil a ocupação de São Bernardo, e amanhã vocês vão receber a notícia que vocês ganharam o terreno que vocês invadiram.

Companheiros, eu tive chance, agora, eu estava no Uruguai, entre Livramento e Rivera, e as pessoas diziam assim, "ô, Lula, você finge que vai comprar um "uisquizeiro", e você vai para o Uruguai com o Pepe Mujica e vai embora e não volta mais, pede asilo político. Você pode ir na embaixada da Bolívia, do Uruguai, da Rússia, e de lá você fica falando..." Eu não tenho mais idade. Minha idade é de enfrentá-los com olho no olho e eu vou enfrentá-los aceitando cumprir o mandado.

Eu quero saber quantos dias eles vão pensar que tão me prendendo. E, quantos mais dias eles me deixarem lá, mais Lulas vão nascer neste país e mais gente vai querer brigar neste país, porque numa democracia, não tem limite, não tem hora para a gente brigar. Eu falei para os meus companheiros: se dependesse da minha vontade eu não ia, mas eu vou porque eles vão dizer, a partir de amanhã, que o Lula tá foragido, que o Lula tá escondido, e não! Eu não tô escondido, eu vou lá na barba deles pra eles saberem que eu não tenho medo, que eu não vou correr, e para eles saberem que eu vou provar minha inocência.

Eles têm de saber isso.

E façam o que quiserem. Façam o que quiserem. Eu vou pegar uma frase que eu peguei em 1982 de uma menina de 10 anos em Catanduva, e essa frase não tem autor:

Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais poderão deter a chegada da primavera.

E a nossa luta é em busca da primavera.

Eles têm de saber que nós queremos mais casa, mais escola. Nós queremos menos mortalidade, nós não queremos repetir a barbaridade que fizeram com a Marielle no Rio de Janeiro.

Não queremos repetir a barbaridade que se faz com meninos negros neste país.

Não queremos mais a mortalidade por desnutrição neste país. Não queremos mais que um jovem não tenha esperança de entrar numa universidade, porque este país é tão cretino, que foi o último país do mundo a ter uma universidade. O último! Todos os países mais pobres tiveram, porque eles não queriam que a juventude brasileira estudasse.

E falavam que custava muito. É de se perguntar: quanto custou não fazer 50 anos atrás?

Eu quero que vocês saibam que eu tenho orgulho, profundo orgulho, de ter sido o único Presidente da República sem ter um diploma universitário, mas sou o Presidente da República que mais fez universidade na história deste país, para mostrar para essa gente que não confunda inteligência com a quantidade de anos na escolaridade, isso não é inteligência, é conhecimento.

Inteligência é quando você tem lado, inteligência é quando você não tem medo de discutir com os companheiros aquilo que é prioridade, e a prioridade é garantir que este país volte a ter cidadania. Não vão vender a Petrobras! Vamos fazer uma nova Constituinte! Vamos revogar a lei do petróleo que eles tão fazendo! Não vamos deixar vender o BNDES, não vamos deixar vender a Caixa, não vamos deixar destruir o Banco do Brasil! E vamos fortalecer a agricultura familiar, que é responsável por 70% do alimento que nós comemos neste país.

E com essa crença, companheiros, de cabeça erguida, como eu tô falando com vocês, que eu quero chegar lá e dizer ao delegado: estou à disposição.

E a história, daqui a alguns dias, vai provar que quem cometeu crime foi o delegado que me acusou, foi o juiz que me julgou e foi o Ministério Público que foi leviano comigo.

Por isso, companheiros, eu não tenho lugar no meu coração pra todo mundo, mas eu quero que vocês saibam que se tem uma coisa que eu aprendi a gostar neste mundo é da minha relação com o povo.

Quando eu pego na mão de um de vocês, quando eu abraço um de vocês, quando eu beijo um de vocês... porque agora eu beijo homem e mulher igualzinho... Quando eu beijo um de vocês, eu não tô beijando com segundas intenções, eu tô beijando porque, quando eu era Presidente, eu dizia: "Eu vou voltar pra onde eu vim".

E eu sei quem são meus amigos eternos e quem são os eventuais. Os de gravatinha, que iam atrás de mim, agora desapareceram. E quem está comigo são aqueles companheiros que eram meus amigos antes de eu ser Presidente da República. É aquele que comia rabada no Zelão, que comia frango com polenta no Demarchi, é aquele que tomava caldo de mocotó no Zelão, esses continuam sendo nossos amigos. São os que têm coragem de invadir terreno pra fazer casa, são aqueles que têm coragem de fazer uma greve contra a previdência, são aqueles que ocupam no campo pra fazer uma fazenda produtiva, são aqueles que, na verdade, precisam do Estado.

Companheiros, eu vou dizer uma coisa pra vocês: Vocês vão perceber que eu vou sair desta maior, mais forte, mais verdadeiro, e inocente, porque eu quero provar que eles é que cometeram um crime, um crime político de perseguir um homem que tem 50 anos de história política, e por isso eu sou muito grato.

Eu não tenho como pagar a gratidão, o carinho e o respeito que vocês têm dedicado a mim nesses anos todos. E quero dizer a vocês, Guilherme e Manuela, a vocês dois, que para mim é motivo de orgulho pertencer a uma geração, que está no final dela, ver nascer dois jovens disputando o direito de ser Presidente da República neste país. Por isso, grande abraço, e podem ficar certos: esse pescoço aqui não baixa, minha mãe já fez o pescoço curto pra ele não baixar,

e não vai baixar, porque eu vou sair de lá de cabeça erguida e de peito estufado, porque eu vou provar a minha inocência.

Um abraço, companheiros. Obrigado, mas muito obrigado, pelo que vocês me ajudaram, um beijo, querido, muito obrigado!"

Anexo IV - Discurso do ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, após a anulação das condenações da Operação Lava Jato e respectiva devolução de seus direitos políticos, em 10 de março de 2021

Eu estava sentado no teu lugar e eu estava com um pouco de dificuldade de entender todas as palavras que você falava, possivelmente porque estava de máscara. Acho que o Soventino é médico.

Eu acho o seguinte: primeiro, espero que todo mundo esteja de máscara aqui, que todo mundo esteja se cuidando, espero que brevemente todos vocês tenham tomado vacina. Eu queria falar com o médico aqui, se eu posso tirar minha máscara pra falar. Eu estou há dois metros de distância, vocês todos já fizeram o teste. Vocês todos estão livres. Então, eu gostaria de tirar minha máscara para poder falar com vocês.

Bem, faz quase três anos que eu saí da sede desse sindicato para me entregar à Polícia Federal. Eu fui, obviamente, contra a minha vontade, porque sabia que estavam prendendo um inocente. Muitos dos que estavam aqui não queriam que eu fosse me entregar.

Eu tomei a decisão de me entregar porque não seria correto, um homem na minha idade, um homem com a construção da história construída junto com vocês, pudesse aparecer na capa dos jornais e na televisão como fugitivo.

Como eu tinha clareza das inverdades contadas sobre mim. Eu então tomei a decisão de provar a minha inocência dentro da sede da Polícia Federal, perto do juiz [Sergio] Moro.

Antes de eu ir, nós tínhamos escrito um livro. Eu fui a pessoa que dei a palavra final no título do livro, que é *A Verdade Vencerá*. Eu tinha tanta confiança e tanta consciência do que estava acontecendo no Brasil, que eu tinha certeza de que esse dia chegaria. E ele chegou.

Queria dizer para vocês que eu nasci politicamente nesse sindicato. Em 1969, eu virei delegado de base desse sindicato, trabalhando na Villares. Em 1972, eu virei primeiro secretário, e cuidava da previdência social. Na verdade, eu cuidava dos velhinhos aqui. Em 1975, eu virei presidente. Em 1978, nós fizemos as primeiras greves desde as greves de Osasco e de Contagem, em 1968. E depois vocês já conhecem a história. Veio a criação de muitos dos movimentos que estão aqui, e eu participei de quase todos eles.

E o movimento mais importante foi a minha tomada de consciência de que, através do sindicato, eu não iria conseguir resolver os problemas do país. Eu poderia, no máximo, conseguir alguma conquista dentro da fábrica, mas era uma luta muito economicista. É aquela que você ganha uma hoje, e perde amanhã com a inflação. É aquela que você pensa que está ganhando, e daqui a pouco a empresa fecha, como fechou a Ford aqui, sem prestar contas a ninguém.

Então, resolvi que era necessário entrar na política e construir uma consciência política no país. Eu digo sempre que eu sou, na política, um resultado da consciência política da classe trabalhadora brasileira. Na hora que ela evoluiu, eu evolui. E eu acho que isso justifica o convite que eu fiz a vocês para estarem aqui.

Porque todas as pessoas que foram convidadas para estarem aqui foram as pessoas que estavam aqui para ir para a Polícia Federal, e foram as pessoas que acreditavam antes, e continuaram acreditando na minha inocência, e por isso eu fiz questão de convidar vocês aqui. Falta, obviamente, um coordenador ou uma coordenadora da Vigília de Curitiba, que foi uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram na minha vida.

Quando resolvi marcar essa entrevista, muita gente ficou preocupada com o meu humor. "Como é que o Lula vai estar? Ele vai estar bravo? Ele vai estar xingando alguém? Ele vai falar palavras de esperança?".

E, às vezes, eu me sentia como a história de um escravo que eu li num livro. O escravo foi condenado a tomar 100 chibatadas. Depois que o cara da chibata deu 98, chegou pra ele e

falou: "eu vou parar de dar chibatada se você agradecer ao seu dono. Se você agradecer ao seu dono, eu não dou mais as duas que faltam." E o cara falou: "como é que eu vou agradecer? Eu já estou todo arrebitado. Por que eu vou parar? Me dê as outras duas."

Então, se tem um cidadão que tem razão de estar magoado com as chibatadas, sou eu. Não estou. As pessoas pensam que depois de dar chibatadas, joga um pouco de sal e pimenta e a pessoa vai se curar ao longo do tempo. Não importam as cicatrizes que ficam nas pessoas.

Eu sei que fui vítima da maior mentira jurídica contada em 500 anos de história. E que a minha mulher, a Marisa, morreu por conta da pressão, e o AVC [Acidente Vascular Cerebral] se apressou.

Eu fui proibido até de visitar o meu irmão dentro de um caixão, porque tomaram uma decisão que queria que eu visse para São Paulo, que eu fosse para o quartel do 2º Exército, no Ibirapuera, e meu irmão, dentro do caixão, fosse me visitar. E ainda disseram que não podia ter nenhuma fotografia.

Então, se tem um brasileiro que tem razão de ter muitas e profundas mágoas sou eu. Mas não tenho. Sinceramente, eu não tenho porque o sofrimento que o povo brasileiro está passando, o sofrimento que as pessoas pobres estão passando neste país é infinitamente maior do que qualquer crime que cometeram contra mim. É maior do que cada dor que eu sentia quando estava preso na Polícia Federal.

Porque não tem dor maior para um homem e mulher em qualquer país do mundo do que levantar de manhã, e não ter a certeza de um café e um pãozinho com manteiga pra tomar. Não tem dor maior para um ser humano do que ele chegar na hora do almoço, e não ter um prato de feijão com farinha para dar pro seu filho. Não tem nada pior do que o cidadão saber que ele está desempregado, e que, no final do mês, ele não vai ter o salário para sustentar a sua família.

É essa dor que a sociedade brasileira está sentindo agora que me faz dizer pra vocês: a dor que eu sinto não é nada, diante da dor que sofre milhões e milhões de pessoas.

É muito menor que a dor que sofrem quase 270 mil pessoas que viram seus entes queridos morrerem. Seus pais, seus avós, sua mãe, sua mulher, seu marido, seu filho, seu neto, e sequer puderam se despedir dessa gente na hora que nós sempre consideramos sagrada: a última visita e o último olhar na cara das pessoas que a gente ama.

E muito mais gente está sofrendo. E por isso eu quero prestar a minha solidariedade nesta entrevista às vítimas do coronavírus. Aos familiares das vítimas do coronavírus. Ao pessoal da área da saúde, sobretudo. De toda a saúde, privada e pública.

Mas sobretudo dos heróis e das heroínas do SUS, que durante tanto tempo foram descredenciados politicamente. Foram descredenciados no exercício da sua profissão. Porque só mostravam as coisas ruins que aconteciam no SUS, e quando veio o coronavírus, se não fosse o SUS, a gente teria perdido muito mais gente do que perdeu. Apesar de o governo tirar tanto dinheiro do SUS e de o governo ser um verdadeiro desgoverno no trato à saúde.

Vocês sabem que a questão da vacina não é uma questão se tem dinheiro ou se não tem dinheiro. É uma questão se eu amo a vida ou amo a morte. É uma questão de saber qual é o papel de um presidente da República no cuidado do seu povo. Porque o presidente não é eleito para falar bobagem e *fake news*. Ele não é eleito para incentivar a compra de armas, como se nós tivéssemos necessitando de armas.

Quem está precisando de armas são as nossas forças armadas. Quem está precisando de arma é a nossa polícia, que muitas vezes sai pra rua pra combater a violência com um 38 velho todo enferrujado. Mas não é a sociedade brasileira.

Não são os fazendeiros que estão precisando de armas para matar sem-terra ou para matar pequenos proprietários. Não são milicianos que estão precisando de armas para fazer um terrorismo na periferia deste país. Para matar meninos e meninas, sobretudo, meninos e meninas negras, que são as maiores vítimas das armas e das balas perdidas neste país.

Nós, então, estamos vivendo um momento delicado. E eu vou querer conversar um pouco com vocês sobre isso. Mas, antes de conversar, eu queria continuar os meus agradecimentos, Wagner. Primeiro a você, agradecendo, mais uma vez, esse sindicato por ceder esse espaço democrático para que a gente possa fazer essa conversa.

Não poderia deixar de agradecer ao presidente Alberto Fernandez, da Argentina, que teve a decência de, enquanto candidato a presidente da república do seu país, contra a extrema direita, ele teve a coragem de ir à Polícia Federal de Curitiba me visitar. E mais ainda. Eu até pedi pra ele não dar entrevista pra não ser prejudicado pela direita na Argentina. Ele me disse: "Lula, não tenho nenhum problema com o que a direita vai falar. O meu problema é o que eu vim fazer aqui. Eu vim aqui ser solidário a você, porque acredito que você está sendo vítima da maior mentira política já havida na América Latina".

Então, ao presidente Alberto Fernandez, que foi a primeira pessoa a me ligar depois da decisão do Fachin, e ao povo argentino solidário, os meus agradecimentos.

Meus agradecimentos ao nosso querido Papa Francisco. Não só porque ele mandou uma pessoa me visitar em Curitiba, me entregar uma carta, que a Polícia Federal não deixou entrar, porque achou que ele era um "embusteiro", que ele não era representante do papa, e ele era representante do papa. E depois eu recebi a carta do papa, além dos belos pronunciamentos do papa, em vários momentos.

E o fato do Papa ter a coragem de me receber no Vaticano, e termos uma longa conversa, não sobre o meu acaso, mas sobre a luta contra a desigualdade, que é o maior mal que hoje paira no planeta Terra, um planeta que é redondo, que não é retangular ou não é quadrado. E o Bolsonaro não sabe disso.

Portanto, é sempre importante reiterar, quem puder: o planeta é redondo. Ele tem um astronauta no governo. O ministro Pontes, da Ciência e Tecnologia, sobrevoou num foguete russo quando eu era presidente. Se ele não dormiu, ele viu que o planeta era redondo.

Então, ele poderia dizer para o presidente dele: "Ô, presidente, não fala mais essa bobagem, não. Não acredita no tal do Olavo de Carvalho, sabe? Assume que o mundo é redondo". Eu, então, sou grato, porque o Papa Francisco é, inegavelmente, o religioso mais importante que temos neste momento.

Quero agradecer às pessoas, companheiro Aloizio Mercadante, do Grupo de Puebla. Líderes da América Latina inteira, que foram solidários e confiaram na minha inocência. Quero agradecer ao Foro de São Paulo, que é uma organização da esquerda latino-americana. E quero agradecer a muitos líderes políticos. Eu não poderia deixar de citar aqui o companheiro Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, uma das pessoas mais extraordinárias que conheci.

Não poderia deixar de reconhecer aqui a solidariedade do Bernie Sanders, um companheiro senador dos Estados Unidos, quase candidato a presidente da república, e que se afastou da campanha.

Quero reconhecer com muito carinho o comportamento da prefeita Anne Hidalgo, prefeita de Paris, que, na disputa da eleição dela, teve a coragem, quando a direita escrevia artigos nos jornais que ela iria perder as eleições porque tinha me levado lá, falou: "Lula, pra mim, a solidariedade vale mais do que uma eleição. Eu trouxe você aqui pra dar um prêmio de cidadão parisiense pra você, e vou ganhar as eleições por conta desse meu gesto". E ganhou as eleições. Por isso, eu quero agradecer à nossa querida prefeita de Paris.

Quero agradecer ao companheiro [José Luis Rodríguez] Zapatero, ao companheiro Evo Morales, à monja Coen, ao nosso querido Martinho da Vila, o nosso querido Chico Buarque, o nosso querido Noam Chomsky, um dos maiores intelectuais vivos, hoje, na humanidade.

Quero agradecer ao meu querido, velhinho... Antes de falar o nome dele, esse companheiro passou quatro anos querendo dar uma fazenda dele no interior de São Paulo para a USP fazer um campus lá. E a USP passou quatro anos sem dar respostas. Quando foi um dia,

ele me procurou, através de um assessor dele, que ele tinha uma fazenda pra doar pra fazer uma universidade.

Em menos de 20 horas, o companheiro Fernando Haddad, que está aqui, aceitou o terreno, e nós pegamos o terreno. E esse companheiro, eu tive o prazer de visitar a universidade com ele, já funcionando. Não sei como ela está hoje, depois da destruição do [Michel] Temer e do Bolsonaro, mas é o meu querido companheiro Raduan Nassar. Companheiro que já está com mais de 80 anos.

Quero agradecer o companheiro, o meu biógrafo, que nunca termina o meu livro, o companheiro Fernando Moraes. Quero agradecer o Martin Schulz, que é ministro na Alemanha e representa a social democracia. O Roberto Gualtieri, do Podemos espanhol, e o ex-primeiro ministro italiano [Massimo] D'Alema.

Quero agradecer, de coração, o pessoal da vigília. Aqui tem muita gente que foi na vigília, aqui tem muita gente que ficou muito tempo na vigília, mas aquelas pessoas enfrentaram loucuras da Polícia Federal.

Tinha um delegado, que eu não sei se ele era saudável ou não, se ele bebia ou não, mas ele provocava a vigília. Chegou a atirar pra fazer medo à vigília.

Tinha polícia, tinha vizinhos que ofendiam gente da vigília todo dia. E esse pessoal ficou lá 580 dias. Todo santo dia de manhã, de domingo a domingo, gritando "presidente Lula", almoçando e gritavam "presidente Lula", às duas horas da tarde. E às sete horas da noite, gritavam "presidente Lula". E todo santo dia. Eu acordava, almoçava e dormia com mulheres e homens do Brasil inteiro gritando o meu nome.

Então, a cadeia não foi o sofrimento que eu pensava que fosse, porque eu não sei quantos presos na história da humanidade tiveram tanta gente.

E aí eu tenho que agradecer ao movimento sindical. Agradecer, João Paulo, ao Movimento Sem Terra, porque o companheiro Baggio, lá no Paraná, foi um herói.

Agradecer aos companheiros do MAB [Movimentos dos Atingidos por Barragens], que trabalharam de forma extraordinária, e aos companheiros dos partidos de esquerda que estão aqui. Eu, lamentavelmente, não tenho o nome de todas as pessoas, mas eu tenho que agradecer.

Antes de agradecer aos meus advogados, e aos outros advogados, que não sendo meus advogados no processo, foram advogados, participaram de solidariedade, fizeram muita coisa nesse país.

Eu quero agradecer a uma pessoa, que eu não conheço, mas é uma pessoa chamada Claudio Wagner. Esse é o perito que está investigando todas as mensagens do *hacker* pra provar a veracidade da denúncia.

O que é engraçado é que, durante longos cinco anos, amplos setores da imprensa não exigiram nenhuma veracidade do Moro. Não exigiram nenhuma veracidade dos procuradores, não exigiram nenhuma veracidade da Polícia Federal para divulgar as mentiras que eles contavam ao meu respeito.

Mas agora nós estamos com perito, fazendo investigação nos documentos, que está na Polícia Federal. Portanto, não é uma coisa do PT, é da Polícia Federal, autorizado pelo ministro da Suprema Corte. E, mesmo esse perito avalizando, vocês acompanham a imprensa.

E eu acho muito engraçado porque o Moro fala "não reconheço essa veracidade". Os procuradores falam "não reconheço", mesmo tendo um peritagem, e a divulgação sendo autorizada pela Suprema Corte.

No meu caso, eles nunca pediram autorização. Era até engraçado porque muitas vezes eu ia fazer o inquérito, e a maior preocupação do delegado que ia fazer o inquérito não era com a pergunta, era com o vazamento. E o vazamento era selecionado.

Tinha jornalista específico na *Folha*; jornalista específico no *Estadão*; jornalista específico na *Época*, na *Veja*, na *IstoÉ*; jornalistas específicos em vários canais de televisão. E todo mundo se lembra.

Quantas e quantas matérias do principal jornal da televisão aparece um oleoduto, uma gasoduto saindo dinheiro, para falar vinte ou trinta minutos das denúncias dos procuradores, sem nenhuma prova.

Mas eles colocavam. Contra o Lula não precisava provar que o documento tinha seriedade. Era preciso destruir. Afinal de contas, um torneiro mecânico, sem dedo, já tinha feito demais nesse país. Era preciso evitar que esse cidadão pensasse em voltar a governar o país.

Porque a América Latina nunca trabalhou em 500 anos com política de inclusão social. A inclusão social é pra 35% da sociedade. Quem pode ir a teatro é uma parte pequena da sociedade. Quem vai a cinema é uma parte pequena. Quem vai a restaurante é uma parte pequena. Quem vai aos parques bonitos, quem vai às vernissages nesse país, quem vai às exposições é só uma parte pequena.

À maioria, fique no seu lugar. Afinal de contas, o papel do trabalhador é trabalhar. E o papel dos pobres é esperar as políticas de ajuda do governo quando ela vem.

E, por conta disso, eu digo pra vocês, anteontem foi um dia gratificante. Eu sou agradecido ao ministro Fachin porque ele cumpriu uma coisa que a gente reivindicava desde 2016.

A decisão que ele tomou, tardiamente, cinco anos depois, foi colocada por nós desde 2016. A gente cansou de dizer: a inclusão do Lula, e inclusão da Petrobras na vida do Lula, como criminoso, era a razão pela qual a quadrilha de procuradores da Lava Jato, não o Ministério Público, a quadrilha de procuradores da força-tarefa, e o Moro, entendiam que a única forma de me pegar era me pegar pra Lava Jato, porque eu já tinha sido liberado em vários outros processos fora da Lava Jato, mas eles tinham como obsessão, porque eles queriam criar um partido político, de tentar me criminalizar.

Eu fiquei muito feliz porque, depois da divulgação de tanta mentira contra mim, ontem [terça-feira] eu acho que nós tivemos um *Jornal Nacional* épico. Ontem, eu acho que quem assistiu televisão não estava acreditando no que estava vendo. Pela primeira vez, a verdade prevaleceu.

Dita, não por alguém do PT, dita pelo presidente da segunda turma do STF no discurso do Gilmar Mendes; dita pelo Ricardo Lewandowski e dita até pela Carmen Lucia, que nunca tinha visto nada igual àquilo.

E eu, como acho que tenho um pouco de experiência, fiquei feliz com a verdade, porque é pra isso que servem os meios de comunicação. Jornalista não existe pra sair pra rua pra cumprir a ordem do editor.

Vocês não sabem, mas aqui nesta sala não tem ninguém que tenha lidado com a imprensa 10% do que eu lidei. Desde 1975, eu lido com a imprensa, e com muita imprensa. E eu sempre disse que o papel da imprensa, quando o jornalista sai pra rua, ele sai com o compromisso de dizer a verdade. A verdade nua e crua.

Não tem importância que ela seja contra o PT, contra o PCdoB, contra o PSOL, contra o PMDB, contra qualquer um. A verdade nua e crua, é pra isso que nós precisamos de imprensa livre.

Não é uma imprensa que divulga aquilo que politicamente ou que ideologicamente ela quer. A ideologia da notícia, do jornal, da televisão ou da revista deve ser colocada num cantinho, no editorial, como pensamento da revista. Mas vocês, jornalistas, precisam ser livres. E o compromisso de vocês é escreverem o que vocês viram. É escreverem o que as pessoas falaram pra vocês, e não escrever o que o editor quer que vocês escrevam.

Portanto, eu fiquei feliz porque eu espero que a verdade, a verdade versada pela Globo ontem, seja o novo padrão de comportamento da Globo com a verdade.

A *Globo* não tem que gostar ou não gostar de presidente. Ela não tem que gostar ou não gostar de partido. Isso ela decide na hora de votar. Mas na hora de informar, tem que informar a verdade, e apenas, somente, a verdade.

E ontem eu fiquei feliz porque eu vi a verdade proferida na íntegra por dois ministros da Suprema Corte. E eu espero que continue assim. Porque antes o Gilmar [Mendes] também não aparecia. Antes, o Lewandowski também não aparecia. Apareciam os acusadores durante meia hora, e, às vezes, o Gilmar e o Lewandowski, que se votassem contra os acusadores, tinham 30 segundos.

Os meus advogados eu nem falo, porque o esforço para que meus advogados aparecessem 30 segundos era monumental, e nem sempre apareciam. Mesmo assim, eu continuo dizendo que a liberdade de imprensa é uma das razões maiores pela manutenção da democracia em qualquer país do mundo, em qualquer lugar do planeta Terra.

Então, meus companheiros, eu quero agradecer aos meus advogados. É uma coisa engraçada, os meus advogados não eram criminalistas, e por isso eu fui muitas vezes provocado para contratar alguém famoso. Alguém muito importante, que fosse ex-ministro, alguém que fosse...

Eu dizia: pra defender a verdade, eu não preciso disso. Uma vez pediram pra eu conversar com uma pessoa, e essa pessoa falou assim pra mim: "eu posso até participar, mas eu preciso de R\$ 3 mi. Aí eu fiquei pensando: se uma pessoa pra me defender pede R\$ 3 mi, e se eu pago, tá confirmado que eu sou ladrão. Aonde é que eu vou arrumar R\$ 3 mi para pagar o advogado?"

E eu queria dizer ao meu querido Cristiano Zanin e à minha querida Valeska Teixeira, e ao escritório, muito obrigado! Porque só foi possível acontecer o que aconteceu segunda-feira pela coragem.

Vocês estão lembrados quando eu disse que não trocava a minha dignidade pela minha liberdade e disse que a minha canela não era canela de pombo. Eu não ia colocar, sabe, tornozeleira, e que não ia pra casa preso, porque a minha casa não era cadeia. Muita gente achou que eu estava radicalizando, e eu estava apenas dizendo o que eu sentia. Eu tinha certeza que esse dia chegaria.

Esse dia chegou com o voto do Fachin, de reconhecer que nunca teve crime cometido por mim. De reconhecer que nunca teve envolvimento meu com a Petrobras. E toda a amargura que eu passei, todo o sofrimento que eu passei, acabou.

Eu estou muito tranquilo. O processo vai continuar? Vai. Tudo bem, eu já fui absolvido de todos os processos fora de Curitiba. Mas nós vamos continuar brigando para que o Moro seja considerado suspeito. Porque ele não tem o direito de se transformar no maior mentiroso da história do Brasil, e ser considerado herói por aqueles que queriam me culpar. Deus de barro não dura muito tempo.

Eu tenho certeza que hoje ele deve estar sofrendo muito mais do que eu sofri. Eu tenho certeza que o [procurador Deltan] Dallagnol deve estar sofrendo muito mais do que eu sofri. Porque eles sabem que eles cometeram erros, e eu sabia que eu não tinha cometido erro.

Então, meus agradecimentos aos meus advogados. E meus agradecimentos a todos os advogados do Brasil que foram solidários. Todos. Teve muita gente que foi solidária a mim, muitos documentos assinados, e eu sou, sinceramente, agradecido a todo mundo.

Quero agradecer. Antes de agradecer, falar que uma vez eu tive um advogado muito importante. Quando saiu a notícia do triplex, esse advogado falou assim pra mim: "ô, Lula", um dos maiores criminalistas do Brasil, "ô, Lula, é o seguinte: você não tem que ter preocupação com esse negócio do triplex, porque não há como isso andar. Não tem como isso prosperar. Isso não vai pra frente."

Eles inventaram um *offshore* do Panamá, inventaram uma empresária do *offshore*, pra dizer que essa empresária tinha, e que essa *offshore* tinha compromisso com a OAS e com a Petrobras, e, portanto, era o que eles precisavam pra me condenar.

E o triplex, que não ia pra frente, que eles nunca apresentaram um documento, nunca apresentaram um centavo, foi a razão para eu ser condenado a nove anos de prisão. E a pagar uma multa que vale cinquenta vezes o apartamento.

E agora quem é vítima do apartamento é Boulos, que está sendo indiciado porque ocupou o apartamento. E é engraçado que, se eu era o dono, não fui eu que processei o Boulos. Então quero saber quem foi que processou o rapaz que invadiu um apartamento que eles diziam que era meu. E eu não o processei, e alguém o processou.

Agora, pode ficar sabendo, Boulos, que você tem toda a minha solidariedade. Se for preciso invadir por sua causa, nós invadiremos.

Bem, quero cumprimentar a minha querida Gleisi Hoffmann, que teve um papel, não só na presidência do partido, mas na defesa do PT e na minha defesa.

Vocês sabem que é muito difícil. Nunca queiram, nunca queiram sair na página dos jornais com a cara de vocês taxada por um crime qualquer. Porque vocês vão perceber que muitas pessoas que vocês achavam que eram amigas de vocês desaparecerão logo. Vocês passarão semanas ou meses sem receber um telefonema.

Pessoas que viviam atrás de você, 24 horas por dia, vão desaparecer. Eu não desejo esse mal pra ninguém, por isso, quando eu era presidente, fiz três discursos em posse de procurador geral. Paulo Okamoto, eu dizia: eu considero o Ministério Público uma instituição muito importante. Pela instituição ser muito importante, é preciso que a pessoa que esteja procurador seja muito honesta e muito séria.

A gente não pode ficar divulgando o nome das pessoas antes de ter prova. A gente não pode tentar criminalizar as pessoas antes de provar que cometeram um crime. E foi o que aconteceu. A Lava Jato fez um pacto com o setor da mídia. E que era preciso, porque essa era a teoria do Moro, num artigo que ele escreveu em 94 em que ele dizia: "só a imprensa pode ajudar condenar as pessoas." E aí vale qualquer coisa.

Então, eu quero agradecer à Gleise, por todo trabalho. Gleise, como companheira, como advogada e como presidenta do partido. Quero agradecer ao companheiro Fernando Haddad, que também ia me visitar como advogado, não era como companheiro do PT não; ele ia como advogado. O Rui Costa foi como advogado, meu companheiro de partido, o Emílio ia como advogado me visitar.

Eu ganhei duas amizades extraordinárias, pessoas que eu não conhecia, dois advogados de Curitiba que me visitaram durante 580 dias, todo santo dia. Um ia de manhã e o outro à tarde. Só não ia de sábado e domingo. Mas imagina o que que é duas pessoas irem me visitar todo santo dia.

Um chegava com almoço, mandado pela Janja, e outro chegava à tarde pela janta mandada pela Janja. Sabe, às vezes a comida chegava fria, mas eu comia e não reclamava, porque sabia que o povo estava passando fome lá fora. Eu esquentava porque eu tinha um negocinho de esquentar comida. Peão de fábrica sabe como esquentar marmita. Então, eu não comi comida fria não, era toda quentinha.

Bem, uma vez, a Janja mandou pra mim uma sopa, uma sopa dentro de uma garrafa térmica. E eu acho que a sopa continuou cozinhando dentro da garrafa térmica, e ela não saía da garrafa. Os caroço cresceram, eu acho que era lentilha. Os grãos cresceram dentro da garrafa térmica e eu não consegui tirar a comida, sabe. Mas eu fui puxando, fui puxando com a colher, fui dando tapa no fundo da garrafa térmica até que a sopa já não era mais sopa, mas tava gostosa.

Eu quero agradecer os governadores Rui Costa, Wellington Dias, Camilo Santama, Fátima Bezerra e todos os governadores do Nordeste que estão brigando, sabe, e do país inteiro, para dar vacina.

É uma luta titânica contra um governo incompetente, contra um ministro da Saúde incompetente e contra as pessoas que não respeitam a vida. Então aos governadores, a minha solidariedade.

Quero agradecer a todos os companheiros das centrais sindicais, agradecer a todos os companheiros dos partidos políticos aqui presentes, quero agradecer aos movimentos sociais, a CUT, a Força Sindical, a CGTB, o MST, o MTST, os companheiros da UNE, que tiveram um papel extraordinário durante todo o período em que eu fui governo.

E quero agradecer a vocês, a imprensa brasileira, porque depois de tudo que falei aqui, vocês podem ter certeza que nem o João Roberto Marinho gosta mais da imprensa do que eu. Nem ele quer mais democracia do que eu na imprensa, e muito menos o presidente da República.

Meus agradecimentos a vocês. Porque eu sei que vocês vão continuar trabalhando para tentar melhorar o papel da imprensa na construção da democracia brasileira.

Companheiros e companheiras, eu fiquei pensando o que eu iria falar com vocês hoje aqui. Ontem eu fiquei até quase meia noite rascunhando coisa, tirando coisa, mudando coisa e cheguei à conclusão de que eu precisava falar com vocês um pouco sobre a situação desse país. Seria um erro da minha parte não falar pra vocês que o Brasil não merece estar passando o que está passando.

Eu tenho 75 anos de idade. Eu falo brincando que eu tenho energia de 30 e tesão de 20. Eu acho que é por isso que eu não tomei vacina ainda, porque o pessoal não sabe se é 30, se é 20 ou 75. Então, agora eu estou dizendo que é 75 e na semana que vem, se Deus quiser, eu vou tomar a minha vacina. Vou tomar a minha vacina. Não me importa de que país, não me importa se é duas ou uma só; sabe, eu vou tomar minha vacina e quero fazer propaganda pro povo brasileiro.

Não siga nenhuma decisão imbecil do presidente da República ou do ministro da Saúde. Tome vacina. Tome vacina porque a vacina é uma das coisas que pode livrar você do covid.

Mas mesmo tomando vacina, não ache que você possa tomar vacina e já tirar a camisa, já ir pro boteco e pedir uma cerveja gelada e ficar conversando, não! Você precisa continuar fazendo o isolamento, e você precisa continuar utilizando máscara e utilizando álcool em gel. Pelo amor de Deus.

Esse vírus, essa noite, matou quase 2 mil pessoas. É que as mortes estão sendo naturalizadas, porque a gente ouve de manhã, de tarde e de noite, a gente liga um canal de televisão, lê um jornal, liga um rádio, ou seja, é falando da morte, então você vai naturalizando na cabeça das pessoas, mas eram mortes que, muitas delas, poderiam ser evitadas. Evitadas se a gente tivesse um governo que tivesse feito o elementar.

Você sabe que a arte de governar não é fácil; é a arte de saber tomar decisão. Então, o presidente da República que se respeitasse e que respeitasse o povo brasileiro, a primeira coisa que ele teria feito em março do ano passado, era criar um comitê de crise. Envolvendo o seu ministro da Saúde, envolvendo secretários da Saúde dos estados, envolvendo cientistas da Fiocruz, cientistas do Butantan e outros cientistas. E toda semana orientar a sociedade brasileira sobre o que fazer.

Era preciso priorizar o dinheiro e comprar as vacinas que pudesse comprar em qualquer lugar do planeta Terra. Nós tivemos momentos que teve vacina que a gente sequer aceitou. A própria Pfizer tentou oferecer vacina, e a gente não quis, a Organização Mundial da Saúde.

Porque nós tínhamos um presidente que inventou uma tal de cloroquina. Nós tínhamos um presidente que falava que quem tem medo do Covid é maricas, que o Covid era uma gripezinha, que o Covid era coisa de covarde, que ele era ex-atleta, e que, portanto, ele não ia pegar. Esse não é o papel, no mundo civilizado, de um presidente da República.

Um presidente da República deveria ter esse comitê de crise, e toda semana ter uma voz oficial do comitê de crise orientando a sociedade, visitando os estados, visitando as cidades, vendo as condições dos hospitais, trabalhando pra fazer hospital de campanha onde não tivesse hospital. Tentando evitar que faltasse oxigênio como faltou em Manaus. Esse era o papel do presidente da República.

Agora, ele não sabe o que é ser presidente da República. Ele a vida inteira não foi nada. Ele não foi nem capitão. Era tenente e foi promovido porque se aposentou. E se aposentou porque queria explodir quartel, porque ele virou um dirigente sindical dos soldados, queria mais aumento de salário.

Depois que ele se aposentou, ele nunca mais fez nada na vida. Ele foi vereador e deputado durante 32 anos. Exerceu o mandato e conseguiu passar pra sociedade a ideia de que ele não era político.

Vocês imaginaram o poder da força do fanatismo? Através de *fake news*, o mundo elegeu o Trump. Através das *fake news*, o mundo elegeu o Bolsonaro.

Porque o pai de vocês ou a mãe de vocês deve um dia ter falado: “Filho, a mentira anda de avião supersônico, a verdade anda montada num casco de tartaruga”. Então, a mentira tem muito mais força, porque é mais fácil acreditar. A verdade você tem que explicar, a mentira não.

Eu fiquei sabendo esses dias que tem 50 milhões de pessoas no mundo que acreditam que a terra é plana. Ou seja, vocês percebem a loucura que está tomando conta desse país?

Muitas mortes poderiam ter sido evitadas, muitas mortes. E que o papel das igrejas é ajudar para orientar as pessoas, não é vender grão de feijão ou fazer culto cheio de gente sem máscara, dizendo que tem o remédio pra sarar.

Eu acredito que Jesus pode salvar as pessoas, mas as pessoas precisam se ajudar. Se a pessoa for ignorante, não usar máscara, não fazer o isolamento, não fazer a lavagem das mãos necessária, Deus vai dizer: “Peraí, eu tenho muita gente pra cuidar, meu filho. Se cuide”.

Então esse país está totalmente desordenado e desagregado porque não tem governo nenhum. Eu vou repetir: esse país não tem governo.

Esse país não cuida da economia, esse país não cuida do emprego, esse país não cuida do salário, esse país não cuida da saúde, esse país não cuida do meio ambiente, esse país não cuida da educação, esse país não cuida do jovem, esse país não cuida da meninada na periferia. Ou seja, do que eles cuidam?

Há quantos anos vocês, companheiros dirigentes sindicais, não ouvem a palavra investimento, desenvolvimento, geração de emprego e distribuição de renda? Faz muito tempo.

Eu não sei se a CUT já publicou o documento, se já reuniu com o movimento sindical, mas tem uma coisa que eu tava há muito tempo querendo que fosse produzida, e finalmente parece que o Dieese produziu... vocês lembram de quando Ministério Público utilizava os meios de comunicação para vender a grandeza de que esse país tinha recuperado R\$ 4 bilhões pra Petrobras?

Vocês cansaram de ouvir isso: “Ah, o Dallagnol vai lá na Globo se reunir e vai dizer que recuperou R\$ 1 bilhão, R\$ 2 bilhões”. Você sabe qual o prejuízo que a Lava Jato, eu tô falando da Lava Jato, que a Lava Jato poderia ter apurado a corrupção, ter prendido o dono da empresa que é ladrão, ter prendido o político que é ladrão, e manter as empresas funcionando.

Porque, afinal de contas, só pra vocês terem ideia, por conta da operação Lava Jato, o Brasil deixou de ter de investimento R\$ 172 bilhões. Só por conta da Lava Jato. Segundo esse estudo do Dieese, o país perdeu 4 milhões. Eu não tô falando dos 14 milhões de desempregados, eu tô dizendo que, só por conta da Lava Jato, a destruição que ela fez na corrente geradora de emprego nesse país, gerou 4 milhões e 400 mil empregos.

Só direto na construção civil, 1 milhão e 100 mil. Agora, você pega a cadeia produtiva de óleo e gás, da indústria naval, da indústria metalúrgica, sabe, você vai ver quantos milhões de empregos...

isso nunca foi falado. Nunca nenhum instituto teve a coragem de publicar qual foi o prejuízo que teve nesse país. Esse país que, no tempo que o PT governava, chegou a ser a sexta economia do mundo.

Eu lembro que em Copenhague, quando estava disputando as Olimpíadas, eu brincava com a França e a Inglaterra: “Se preparem, porque nós já passamos vocês, agora eu quero passar é a Alemanha”. Vai se preparando, porque o Brasil não nasceu pra ser pequeno, o Brasil nasceu para ser grande.

E é por isso que tem governante que pensa grande, porque quem pensa pequeno, é pequeno. Esse país chegou à sexta economia do mundo. Em todas as pesquisas, era o país mais admirado do mundo, era o país em que o povo tinha mais felicidade, que o povo acreditava mais no futuro.

Era um país altamente respeitado pela China, pela Rússia, pela Índia, pela Alemanha, pela França, pela Inglaterra, pelos Estados Unidos. Esse país tinha um projeto de nação. O que que o país tem hoje?

Vocês nunca ouviram da minha boca falar em privatização. Quem é que acha que só iniciativa privada é boa?

Uma empresa pública, como o Banco do Brasil, uma empresa pública, como a Petrobras, bem dirigida, como foi no nosso governo, se transformou na quarta empresa de energia do mundo.

A Petrobras investia R\$ 40 bilhões por ano. Nós não descobrimos o pré-sal para exportar petróleo cru. Descobrimos o pré-sal pra exportar derivados, para ela ter uma indústria petroquímica poderosa no Brasil.

É por isso que nós cunhamos a frase: “o pré-sal é o passaporte do futuro”. É por isso que nós colocamos 50% dos *royalties* pra educação, é por isso que nós pensamos em criar um fundo do povo brasileiro. Tudo isso está sendo destruído.

Venderam a nossa BR, a gente não sabe pra quem venderam. Uma empresa que arrecadou, em 2019, R\$ 70 bilhões, foi vendida por R\$ 3 bilhões e 900 mil.

Você já viu o Guedes falar uma palavra em crescimento econômico, em desenvolvimento e distribuição de renda? Não, é vender. Vamos vender. Agora, quando eles venderem e gastarem o dinheiro em custeio, o país vai estar mais pobre.

O PIB não vai crescer e a dívida vai continuar crescendo. Porque a única forma de você diminuir a dívida do Brasil não é parar de gastar com o que é necessário. Porque, se você tiver que investir em educação e saúde, se você tiver que investir em transporte e infraestrutura, você tem que colocar dinheiro.

O que vai fazer nossa dívida diminuir em relação ao PIB é o crescimento econômico, é o investimento público. Porque, qual é a lógica do investimento público? Se o Estado não confia na sua política e não investe, porque o empresário haveria de investir?

Eu vou contar um dado que talvez vocês não saibam, eu vou contar porque eu tô aqui dentro do sindicato.

Quando esse país tinha como presidente da República um metalúrgico em 2008, a indústria automobilística vendia 4 milhões de carros por ano nesse país. Passados 13 anos, esse país vende 2 milhões de carros. Ou seja, hoje a indústria automobilística é metade do que era em 2008. Porque não há possibilidade de investimento se não houver demanda. Para ter demanda, tem que ter emprego.

Por que vocês acham que o PT está brigando por um salário emergencial de R\$ 600? Não é porque a gente acha que o Estado tem que pagar R\$ 600 a vida inteira. É porque o Estado só pode deixar de pagar quando o Estado tiver gerando emprego e as pessoas tiverem obtendo renda, às custas do seu trabalho, aí não precisa do salário emergencial.

Mas, enquanto o governo não cuida de emprego, não cuida de salário, não cuida de renda, você tem que ter um salário emergencial para que as pessoas não morram de fome. Isso não precisa ler Marx pra entender, não precisa artigo do Delfim Neto pra entender. É a lógica da casa de vocês.

Se a mulher tiver dinheiro, a mulher de vocês e a família tiver dinheiro, ela vai no supermercado, vai na feira, vai comprar um caderno novo, vai comprar um sapato, vai comprar uma camisa e tudo começa a funcionar. Se não tem, ela fica em casa prostrada, na frente de um fogão esperando: “quando é que eu vou ter dinheiro pra comprar alguma coisa?”.

Porque governar um país... um presidente da República tem que conversar com sindicalistas. Não é possível que um presidente da República não converse com a força do trabalho.

Um presidente tem que conversar com os empresários, e me parece que o Bolsonaro só conversa com o louro da Havan. Morreu o louro da Ana Braga, o Louro José, mas está lá o Louro da Havan, parece que é conversa, porque não tem reunião produtiva com os empresários.

Eu tinha um conselho com 100 pessoas. Participavam os dirigentes dos sindicatos, os grandes empresários, participava índio, participava pastor da igreja evangélica, participava padre, participava bispo, participava negro. Porque eu queria ouvir a sociedade. Nós fizemos, no meu mandato, 74 conferências nacionais pra ouvir o que a sociedade queria.

O Bolsonaro não junta ninguém. Ele junta os milicianos. Não mostra a cara nas entrevistas. Na saída do Palácio, para pra dizer: “Tô liberando armas, tô liberando mais quatro armas, mais dois fuzil, logo, logo vai ter canhão pra todo mundo”.

Esse povo não está precisando de armas, David. Esse povo está precisando de emprego, de carteira profissional, de salários, de livros, de educação. O Estado precisa estar presente na periferia desse país. O Estado tem que estar lá com educação, com cultura, com saúde, com política de assistência social. É esse o papel de um presidente da República.

Será que o Bolsonaro não leu nada do que a gente fez? Você, Haddad, não produziu nenhum livrinho pra dar pro Bolsonaro ler? Tantas cartilhas que a gente fez. O PCdoB não fez uma cartilha pra mandar pro Bolsonaro dizendo que é possível governar diferente? Ô Miguel, você pode fazer da Força Sindical e o Sérgio fazer da CUT para ele saber que é possível.

O Brasil não é dele e dos milicianos. O Brasil é de 230 milhões de pessoas. E essas pessoas querem trabalhar, querem comer, querem morar, querem ter lazer.

Você não sabe como eu ficava feliz quando eu via um trabalhador mostrar uma picanha e falar: “Eu vou comer picanha e vou tomar uma cerveja”. É uma coisa fantástica.

Vocês não sabem a alegria de ver o pequeno produtor desse país, representado aqui pelo companheiro João Paulo dos sem-terra, produzir e saber que tinha garantia de preço, saber que o produto dele não ia ficar no porão da casa dele ou estragando no sol e na chuva.

A gente comprava esse produto e a gente distribuía se fosse necessário, mas a gente tinha que construir o estoque regulador, até para regular preço. Ô gente, como é que pode o gás de cozinhas estar R\$ 105,00? Como é que pode a cebola aumentar 60% e o tomate aumentar não sei quanto? Como é que pode a luz elétrica aumentar tanto?

Como é que pode a gasolina, ô David, você é petroleiro, eu vou aproveitar dizer uma coisa na tua frente. Não é possível permitir que o preço do combustível brasileiro tenha que seguir o preço internacional se nós não somos importador de petróleo. O Brasil é exportador.

Se nós produzimos a matéria prima aqui, se nós tiramos do fundo do mar, se nós conseguimos refinar aqui... nós produzimos gasolina de avião, nós produzimos diesel e nós produzimos na qualidade que produz a União Europeia.

Porque, antes de eu chegar na Presidência, é uma coisa que vocês não sabem, porque a imprensa nunca divulgou. A nossa gasolina tinha 1500 ppm, partículas por... sei lá por quanto, por milhão, era uma coisa assim. Eu não entendo, mas eu sei que era.

Nós fizemos ser 50, padrão europeu, sabe o que é? Padrão europeu para quando vocês tiverem andando, sabe, eu acho errado andar nas ruas, mas de vez em quando, quando vocês andam na rua, não ficar respirando gás carbônico com a gasolina tão poluída e óleo diesel tão poluído. Então, a gente fez as nossas refinarias ser padrão mundial. E agora a gente está importando gasolina dos EUA e óleo diesel dos EUA. Não tem lógica.

Em 1953, quando a gente estava criando a Petrobras, o jornal O Estado de São Paulo e o seu editorial escrevia artigos que o Brasil era ignorante, que o Brasil não tinha que ter petróleo, que o Brasil não precisava de petróleo, que o Brasil tinha que comprar dos Estados Unidos.

Agora, nós voltamos a 53: o Brasil tem a matéria prima...você são jovens e você talvez não lembrem de tudo, mas quando nós descobrimos o pré-sal, sabe o que a Miriam Leitão falava? Ela falava assim: “É, descobriu o pré-sal, mas não pode explorar porque não tem tecnologia e o preço do barril vai ser muito caro”. Está lembrado, David? Fala isso com a maior desfaçatez.

Não só a gente está buscando petróleo a 6, 7 mil metros de profundidade, como o custo do barril fora da terra é apenas um dólar mais caro do que o barril da Arábia Saudita, que é quase a luz do sol. Percebe o que significa isso?

Significa investimento em pesquisa e tecnologia que nós fizemos na Petrobras. É por isso que teve o golpe contra a Dilma, porque é preciso não ter petróleo aqui no Brasil na mão dos brasileiros. É preciso que esteja na mão dos americanos porque eles têm que ter o estoque para guerra.

Depois da 2ª Guerra Mundial, eles aprenderam que só ganha guerra quem tem muito estoque de combustível, porque eles sabem que a Alemanha perdeu a guerra porque não chegou em Baku, na Rússia, para ter acesso à gasolina.

Então, os países ricos todos têm grande estoque de combustível. Todos. E nós, que somos um puta dum país grande, que estamos num país que tem a mais importante tecnologia em prospecção de petróleo em águas profundas, estamos nos desfazendo disso para poder atender aos interesses do Deus mercado do petróleo.

A economia tá mal e o Covid está tomando conta desse país. A cepa de Manaus parece que mata, que é 10 vezes mais contagiante que a outra cepa e mata pelo menos duas vezes mais, pelo menos é o que eu vi os cientistas falarem.

Esse país poderia estar pesquisando vacina e fazendo vacina. Quando veio a H1N1, em dois mil e não sei quanto, eu era presidente da República, a gente vacinou 80 milhões de brasileiros em três meses. Esse país tem um sistema de saúde que sabe fazer isso.

Cadê o Zé Gotinha? Cadê o nosso querido Zé Gotinha? O Bolsonaro mandou embora porque pensou que ele era petista. Não era petista. Ele foi inventado por gente muito importante da saúde sanitária desse país; não teve nada com o PT. Ele era suprapartidário, ele era humanista. E cadê o Zé Gotinha? Acabou.

Eu queria que vocês meditassem.

Esse país não tem governo, esse país não tem ministro da Saúde, esse país não tem ministro da Economia, esse país tem um fanfarrão. O presidente, por ele não saber de nada, ele fala “é tudo conta do Guedes, é tudo conta do Guedes, é tudo conta do Guedes”.

E quanto a isso, vocês sabem que o país está empobrecido. O PIB caiu, a massa salarial caiu, o comércio varejista caiu, a produção de comida das pessoas estava insustentável e o presidente não se preocupa com isso. O presidente está preocupado, sim: “preciso vender mais armas”.

É preciso que se repita muitas vezes à Marielle. É preciso. Ele tem que dar garantia aos fazendeiros dizendo: “compre fuzil, compre metralhadora, se chegar um sem-terra aí, passe fogo”.

Como o Trump dizia: se encontrar alguém falando mal de mim num restaurante, bata que eu garanto advogado. O Bolsonaro garante milicianos.

Por último, companheiros e companheiras, eu queria dizer pra vocês, que, quando você chega na idade que eu cheguei e quando você obtém de Deus a generosidade que eu recebi, não há mais espaço pra guardar ódio, não há mais espaço pra perder tempo remoendo, eu diria, raiva ou ódio. Eu sou abençoado por Deus por muitas coisas.

Se a gente for olhar do ponto de vista sociológico ou filosófico – gostou, Boulos, de eu falar sociológico? – se a gente fosse analisar Haddad, por conta disso, a gente não teria feito aqui, ô Nobre, a revolução da criação do novo sindicalismo em 78, porque era impossível criar qualquer coisa, e a gente criou.

A gente não teria criado a liberdade de organização partidária, e eu não teria tido o prazer de criar o partido mais importante da esquerda latino-americana. E muito menos eu ser presidente.

Vocês lembram com quem eu disputei a primeira eleição, com dr. Ulisses Guimarães, com dr. Leonel de Moura Brizola, com dr. Paulo Salim Maluf, com dr. Mario Covas, com dr. Afif, com dr. Aureliano... era só doutor.

O único cara que não era doutor era eu. E fui pro segundo turno. E não ganhei porque a Globo me roubou. A Globo fez aquela mutreta do debate, reconhecido pelos diretores da Globo da época.

Bem, eu sou abençoado por Deus. Então quero terminar dizendo pra vocês o seguinte: eu tô muito de bem com a vida. A Lava Jato desapareceu da minha vida. Eu não espero que as pessoas que me acusam parem de me acusar, não espero.

Eu estou satisfeito que tenha sido reconhecido aquilo que os meus advogados vêm dizendo há muito tempo: o presidente é inocente. O presidente não é dono do apartamento.

Nós derrubamos 11 ações ao longo de cinco anos. Ou seja, nós tivemos 100% de êxito na decisão do Fachin. De repente, eu tinha quatro processos e eles desapareceram. Por que o Fachin não fez isso antes? Eu estou dizendo isso há cinco anos.

Eu sei que é constrangedor para muita gente que me acusou, parar de acusar. É duro, porque quando você envereda no caminho da mentira, é difícil voltar atrás. Mas olha como eu estou muito mais sereno do que o William Bonner ontem dando a notícia. Ô como eu estou com o semblante tranquilo, de que a verdade venceu, de que a verdade vai continuar vencendo.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero dizer para vocês: eu quero dedicar o resto de vida que me sobre, e eu espero que seja muita, muita eu espero. A gente começa a gostar da vida quando está mais próximo do céu. Eu quero voltar a andar por esse país para conversar com esse povo.

O povo não tem o direito de permitir que um cidadão que causa os males que o Bolsonaro causa ao país continue governando e continue vendendo o país. Eu não sei qual é a atitude, mas alguma atitude nós vamos ter que tomar, companheiros, para que esse povo possa voltar a sonhar.

Esse país já sonhou, esse país já realizou. Ô, gente, a gente sonhava em fazer esse país ser grande. Nós construímos e fortalecemos o Mercosul. Nós construímos a Unasul, porque a gente queria criar um grande bloco econômico latino-americano, um bloco de 400 milhões de habitantes, de um PIB razoavelmente grande, para negociar em condições de igualdade com a Europa.

Porque a Europa só quer negociar para eles venderem os produtos industriais deles e a gente vender os produtos agrícolas. Não. A gente não quer fazer do agronegócio, a gente respeita o agronegócio, eu acho que o agronegócio tem muita tecnologia, é muito importante, mas o Brasil quer ser um país industrializado. O Brasil quer ter novas indústrias, o país quer ter novas tecnologias.

A gente sonhava com isso. Nós criamos os Brics, nós criamos o banco dos Brics, nós criamos o banco do Sul. O Brasil tinha um projeto de nação, o Brasil tinha um projeto de soberania. Porque faz 500 anos que nós fomos descobertos.

Quando é que nós vamos tomar conta do nosso nariz? Quando é que eu vou acordar de manhã sem ter que pedir licença pra respirar para o governo americano? Quando é que eu vou levantar de manhã sabendo que o meu povo está tomando café, que ele vai almoçar e vai jantar,

que as crianças estão na escola, que as crianças estão tendo acesso à saúde e à cultura? Quando é que nós vamos acordar? Isso é possível. Nós provamos isso.

Então, companheiros e companheiras, é pela construção desse sonho e ajudar a torná-lo realidade que eu me sinto muito jovem. Me sinto jovem para brigar muito. Então, eu queria que vocês soubessem: desistir, jamais; a palavra desistir não existe no meu dicionário.

Eu aprendi com a minha mãe: lute sempre, acredite sempre, tente sempre, porque se a gente não acreditar na gente, ninguém vai acreditar. Se você não se respeitar, ninguém vai te respeitar.

Às pessoas que me destratam durante todos esses anos, eu quero dizer pra vocês. Eu quero conversar com a classe política. Porque, muitas vezes, Haddad, muitas vezes, Boulos, muitas vezes, a gente se recusa a conversar com determinados políticos; é da nossa natureza.

Mas veja, eu gostaria que no Congresso Nacional só tivesse gente boa, gente de esquerda, gente progressista, mas não é assim. O povo não pensou assim. O povo elegeu quem ele quis eleger. Nós temos que conversar com quem está lá para ver se a gente conserta esse país.

Eu preciso conversar com os empresários. Eu quero saber aonde é que está a loucura deles de não perceberem que, se eles quiserem crescer economicamente, se eles quiserem que a bolsa cresça, se eles quiserem que a economia cresça, é preciso garantir que o povo tenha emprego, que o povo tenha renda, que o povo possa viver com dignidade, senão não há crescimento.

Será que é difícil ou será que nós vamos ficar reféns do “Deus mercado”, que só quer ganhar dinheiro não importa como?

Nós já vimos a experiência da crise de 2008, com o subprime americano e, depois, com a quebra do Lehman Brothers. E quando eles quebram, quem é que coloca dinheiro para salvá-los? O Estado! O Estado que eles repudiam, o Estado que eles destroem. Quando eles quebram, quem põe dinheiro é o Estado pra salvá-los.

Nos Estados Unidos, quando quebrou o sistema habitacional pela bolha, com o subprime, eles ajudaram primeiro os bancos, para somente depois pensar nos coitados que perderam as casas. Quando é que a gente vai pensar nos debaixo primeiro?

Então, não tenham medo de mim. Eu sou radical. Eu sou radical porque eu quero ir à raiz dos problemas desse país.

Eu sou radical porque eu quero ajudar a construir um mundo justo. Um mundo mais humano. Um mundo em que trabalhar e pedir aumento de salário não seja crime. Um mundo em que a mulher não seja tripudiada por ser mulher. Um mundo em que as pessoas não sejam tripudiadas por aquilo que querem ser. Um mundo em que a gente venha a abolir definitivamente o maldito preconceito racial nesse país. Um mundo que não tenha mais bala perdida. Um mundo em que o jovem possa transitar livremente pelas ruas de qualquer lugar sem a preocupação de tomar um tiro.

Um mundo em que as pessoas sejam felizes onde quiserem ser, que as pessoas sejam o que elas decidirem. Um mundo em que a gente tem que respeitar a religiosidade de cada um, cada um é o que quer, cada um tem a espiritualidade que quiser. Ninguém é obrigado a ser da minha religião, seja a que você quiser, a que você acredita. As pessoas podem ser LGBT, e a gente tem que respeitar o que as pessoas fazem. Esse mundo é possível, esse mundo é plenamente possível.

E é por isso que eu convido vocês para a gente lutar nesse país para garantir que todo, todo, todo brasileiro, independentemente da idade, tome vacina.

E, para isso, a gente tem que obrigar o governo a comprar a vacina, mas, ao mesmo tempo, nós temos que brigar pelo salário emergencial, e ao mesmo tempo brigar por investimento em geração de emprego, sobretudo a partir de infraestrutura.

Temos que brigar por uma política de ajuda aos microempreendedores, ao pequeno empresário brasileiro, que não se suporta e quebra. Quantos restaurantes estão fechando? Quantas farmácias estão fechando. Quantas lavanderias estão fechando. Quantos institutos de beleza estão fechando? Para que que existe governo? É para tentar encontrar solução para essa gente.

Então, gente, eu agora quero pedir desculpas a vocês, porque como o Gilmar Mendes falou muito ontem, eu também falei muito hoje, mas vocês hão de convir que faz cinco anos que eu não falo com a imprensa.

Você sabe qual foi a última vez que dei uma entrevista pra televisão? Foi pro Roberto D'avila, na Globonews, há uns 5 ou 6 anos atrás. Uns 4 anos atrás.

Eu virei uma espécie de vírus: não encosta no Lula, não ouça o Lula. Uma vez eu fui condenado a três anos de cadeia em Manaus. Sabe qual era a minha arma? O juiz disse que eu tinha a língua ferina. Então, eu quero dizer pra vocês, para defender o povo brasileiro, para defender as coisas que vão salvar esse país, vou continuar com minha língua ferina.

E quero agradecer porque, se não fossem vocês, possivelmente eu não teria chegado aqui. Muito obrigado.